



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES
EM REDE NACIONAL

LEIDE ROSANE SILVA SOUZA DE ALCÂNTARA

TEATRALIDADE EM CORDEL: experiência artística e educacional a partir da obra do cordelista Baraúna

João Pessoa - PB

2018

LEIDE ROSANE SILVA SOUZA DE ALCÂNTARA

TEATRALIDADE EM CORDEL: experiência artística e educacional a partir da obra do cordelista Baraúna

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Artes em Rede Nacional da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestra em Artes.

Área de Concentração: Ensino de Artes
Linha de Pesquisa: Processos de Ensino, Aprendizagem e Criação em Artes

Orientador: Prof. Dr. Fernando Antonio Abath Luna Cardoso Cananéa

João Pessoa - PB

2018

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

A347t Alcantara, Leide Rosane Silva Souza de.
TEATRALIDADE EM CORDEL: experiência artística e
educacional a partir da obra do cordelista Baraúna /
Leide Rosane Silva Souza de Alcantara. - João Pessoa,
2018.

142f. : il.

Orientação: Fernando Antonio Abath Luna Cardoso Cananéa
Cananéa.

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCTA.

1. Teatro. Cordel. Escola. Cultura Popular. I. Cananéa,
Fernando Antonio Abath Luna Cardoso Cananéa. II. Título.

UFPB/BC

LEIDE ROSANE SILVA SOUZA DE ALCÂNTARA

**TEATRALIDADE EM CORDEL: experiência artística e educacional
a partir da obra do cordelista Baraúna**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado
Profissional em Artes em Rede Nacional da Universidade
Federal da Paraíba, como requisito parcial para obtenção
do grau de Mestra em Artes.

Data de Aprovação: 29/06/2018.

João Pessoa (PB), 29/junho/2018.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Fernando Antonio Abath Luna Cardoso Cananéa

Orientador– PROFARTES / UFPB



Prof. Dr. Guilherme Barbosa Schulze

Examinador Interno – PROFARTES / UFPB



Prof.ª Dr.ª Aline Maria Batista Machado

Examinadora Externa – PPGE / UFPB

Dedico esse trabalho a Deus, a minha família, a todos aqueles que fizeram parte comigo dessa experiência. Mas, especificamente a todos os Arte Educadores que com tantos desafios enfrentados, seguem plantando e cultivando a semente da Arte.

AGRADECIMENTOS

Como primícias de agradecimentos, externo minha gratidão à Deus, por ser Deus de relacionamento real e presente em minha vida. Por me amar tanto, mesmo sem eu merecer, por estar ao meu lado todos os dias, em todos os momentos e a cada segundo. Obrigada meu Deus, o Senhor é o meu tudo.

Em segundo lugar, agradeço a minha família, meu porto seguro, minha base de alicerce: meu pai Rosildo e minha mãe Lourdes, as vozes educacionais que me orientam por toda a minha caminhada de vida. Meu irmão Ricardo e cunhada Dulce, minha irmã Lílian e cunhado Kleber, aos meus lindos sobrinhos Gabriel e Ricardo Filho e sobrinha Ana Letícia, que fazem parte de mim.

Ao meu amado esposo Jone, meu príncipe abençoado, que está sempre ao meu lado. Te amo e obrigada por me amar tanto. A minha filha, a princesa Ester, por tanta compreensão e também por suas orações para que tudo desse certo para mamãe. Ao meu filho Emanuel, por ainda no ventre ter superado junto comigo a reta final dessa caminhada, sempre saltando dentro de mim.

Vocês todos, minha família, pai, mãe, irmão, irmã, cunhado, cunhada, sobrinhos, sobrinha, esposo lindo, filha e filho, são meus melhores amigos, minha referência, pessoas que eu amo incondicionalmente e que agradeço a Deus pela existência e presença de cada um em minha vida.

Em terceiro lugar quero agradecer infinitamente ao meu orientador, Prof. Dr. Fernando Antonio Abath Luna Cardoso Cananéa, por ser um grande presente que Deus me deu nesse mestrado, trazendo luz e direção para que eu pudesse seguir orientada pelo caminho. Obrigada por suas ricas contribuições, apoio, incentivo, compreensão, paciência e compromisso. Valeu a pena os seis meses que fiquei órfã nesse mestrado, esperando por um orientador, porque Deus nunca falha, Ele estava preparando o melhor para mim, pois Ele cuida dos mínimos detalhes e verdadeiramente posso afirmar, tive o melhor orientador do mundo ao meu lado. Muito obrigada!

Agradeço a todos da turma 2016.1 – Aline, Amanda, Bento, Carlos, Celly, Diogo, Fabíola, Ingrid, Itamira, Lane, Luciana, Samara e Will. O processo se tornou mais leve, divertido e agradável com a nossa união, somos uma turma superfantástica.

Agradeço pelo aprendizado, a todos os professores do curso: Carolina, Erlon, Líria, Paula, Paulo e Tonezzi.

Agradeço ao Prof. Dr. Guilherme Barbosa Schulze e a Prof.^a Dr.^a Aline Maria Batista Machado, por me darem a honra de tê-los em minha banca.

A todos da escola Neusa Pereira da Silva, representados aqui pela diretora Denise Pereira, pela forma acolhedora e amiga como recebeu a pesquisa.

Aos estudantes que fizeram parte desse trabalho, vocês são incríveis, me ensinaram muito, obrigada por crescermos juntos.

Ao artista cordelista Baraúna, por seguir mantendo acesa a chama da literatura de cordel e ter permitido que sua arte aquecesse essa experiência.

A todos os amigos do NTU- Núcleo de Teatro Universitário - Teatro Lima Penante, aqui representados pelo coordenador Everaldo Vasconcelos, pelo apoio e incentivo acadêmico para que esse mestrado fosse possível.

E a todos que oraram, apoiaram, contribuíram e incentivaram de forma direta ou indireta, para que a pesquisa saísse de projeto para se tornar realidade. O meu muito obrigada e que Deus abençoe a todos e todas.

“Porque dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas. A ele, pois, a glória eternamente. Amém! ”

Romanos 11:36

RESUMO

O presente trabalho, Teatralidade em cordel: experiência artística e educacional a partir da obra do cordelista Baraúna investigou o teatro como ato pedagógico, sendo direcionado pela introdução da literatura de cordel no contexto escolar. O objetivo dessa pesquisa foi desenvolver um processo criativo cênico com os estudantes da segunda fase do ensino fundamental, da escola pública Neusa Pereira da Silva, a partir da literatura de cordel do cordelista Baraúna. Nesse contexto, caminhamos com a fomentação da arte local, valorizando a cultura popular e a inserindo por meio do ensino de teatro na escola, como proposta do teatro pedagógico, estimulando que os estudantes desenvolvessem o potencial individual que cada um possui e permitindo que o processo fosse enriquecido por meio da contribuição direta de cada indivíduo envolvido na vivência em sala de aula. Como base foi utilizada a tríade teatro, estudantes e realidade local. Teoricamente trilhamos os estudos direcionados pelos temas: teatro na educação, jogos teatrais, cordel – contexto e história, elementos importantes para uma encenação. Metodologicamente essa foi uma pesquisa participante, dirigida por uma abordagem qualitativa, onde para análise de resultados foram utilizadas técnicas como: oficinas de teatro, jogos teatrais, rodas de conversas, leituras de cordéis, tudo isso culminando na apresentação de um trabalho teatral, como resultado final de todo o processo desenvolvido ao longo de um ano de trabalho teórico-prático. As conclusões possibilitam afirmar que mesmo com as inúmeras dificuldades encontradas para se efetivar o ensino de teatro na escola, defendemos o ensino das artes cênicas, como uma habilitação necessária pela sua importância e relevância como proposta pedagógica, possibilitando ao estudante, a reflexão crítica e do pensar com o corpo, com a voz e com as inúmeras possibilidades de ler a realidade do mundo por meio do teatro, enriquecendo assim o processo ensino-aprendizagem atual e para a formação das novas gerações.

Palavras-chave: Teatro. Cordel. Escola. Cultura Popular.

ABSTRACT

The present work, *Teatralidade in cordel: artistic and educational experience based on Baraúna* 's work investigated the theater as a pedagogical act, being guided by the introduction of cordel literature in the school context. The objective of this research was to develop a scenic creative process with the students of the second phase of elementary school, from the public school Neusa Pereira da Silva, from the cordelista literature of Baraúna. In this context, we walk with the fomentation of local art, valuing popular culture and inserting through the teaching of theater in the school, as a proposal of pedagogical theater, stimulating students to develop the individual potential that each one has and allowing the process was enriched through the direct contribution of each individual involved in the classroom experience. As a basis was used the theater triad, students and local reality. Theoretically, we study the themes of theater in education, theatrical games, string - context and history, important elements for a staging. Methodologically, this was a participatory research, directed by a qualitative approach, where for analysis of results were used techniques such as: theater workshops, theater games, conversation wheels, string readings, all culminating in the presentation of a theatrical work as a result end of the whole process developed over a year of theoretical-practical work. The conclusions make it possible to affirm that, despite the numerous difficulties encountered in teaching theater in school, we defend the teaching of the performing arts, as a necessary qualification for its importance and relevance as a pedagogical proposal, enabling the student to reflect critically and to think with the body, with the voice and with the innumerable possibilities of reading the reality of the world through the theater, thus enriching the current teaching-learning process and the formation of the new generations.

Keywords: Theater. Cordel. School. Popular culture.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Entrevista à Baraúna em sua casa	21
Imagem 2 – Cordéis.....	31
Imagem 3 – Capas cegas-arabescos.....	36
Imagem 4 – Estudantes desenhando, após ouvirem leitura.....	62
Imagem 5 – Apresentação de desenhos.....	63
Imagem 6 – Roda de leitura.....	63
Imagem 7 – Leitura Individuais.....	63
Imagem 8 – Paixão de Cristo.....	65
Imagem 9 – Casal Cangaceiro.....	66
Imagem 10 – Coreografia xaxado ensaio.....	66
Imagem 11 – Xaxado apresentação.....	67
Imagem 12 – Rodas de conversas – avaliação.....	68
Imagem 13 – Roda de conversa - sala de aula.....	69
Imagem 14 – Roda de conversa apresentação.....	70
Imagem 15 – Cena – Bancos-ensaio.....	70
Imagem 16 – Sequência cena bancos – apresentação.....	71
Imagem 17 – Coreografia Baião Ensaio.....	73
Imagem 18 – Baião apresentação.....	73
Imagem 19 – Sequência jogo do giz ensaio.....	74
Imagem 20 – Sequência jogo do giz – apresentação.....	75
Imagem 21 – Sonoplastia.....	77
Imagem 22 – Encontro Baraúna Oficina.....	78
Imagem 23 – Artista e Professora apresentação.....	79
Imagem 24 – Coreografia final apresentação.....	80
Imagem 25 – Último momento antes da entrada do público.....	80

Imagem 26 – Convidando o público para roda.....	81
Imagem 27 – Público na roda.....	82
Imagem 28 – Mesa e palco.....	85
Imagem 29 – Reconhecimento Baraúna.....	86
Imagem 30 – Emoção de Baraúna.....	86
Imagem 31 – Reconhecimento estudantes – Certificados.....	87
Imagem 32 – Exercício alongamento	89
Imagem 33 – Exercício aquecimento.....	90
Imagem 34 – Trabalho em duplas	91
Imagem 35 – Trabalho em grupo.....	92
Imagem 36 – Exercício observação.....	93
Imagem 37 – Exercício improvisado.....	94
Imagem 38 – Jogo palco e plateia.....	94
Imagem 39 – Jogo palco e plateia.....	95
Imagem 40 – Trabalhos de ritmos	97
Imagem 41 – Última avaliação.....	98
Imagem 42 – Desenhando antes e depois.....	99
Imagem 43 – Desenho Camilly.....	100
Imagem 44 – Desenho Daniel.....	101
Imagem 45 – Desenho Natan.....	101
Imagem 46 – Desenho Claudio.....	102
Imagem 47 – Desenho Guilhardo.....	103
Imagem 48 – Desenho Maria Clara.....	105
Imagem 49 – Desenho Larissa.....	105
Imagem 50 – Desenho Leandro.....	106
Imagem 51 – Desenho Grazielle.....	107
Imagem 52 – Desenho Vanessa.....	108

Imagem 53 – Foto Raquel.....	110
Imagem 54 – Desenho Raquel.....	111
Imagem 55 – Desenho Maria Fernanda.....	112
Imagem 56 – Desenho Mauricio.....	113
Imagem 57 – Desenho Rayanny.....	114
Imagem 58 – Desenho Welington.....	114
Imagem 59 – Confraternização Final.....	116

SUMÁRIO

1	INICIANDO O DIÁLOGO.....	13
1.1	Lugar social da pesquisadora	13
2	CULTURA E ARTE.....	23
2.1	A cultura uma ação do ser humano.....	23
2.2	Cultura Popular.....	27
2.3	O cordel: expressão da cultura popular.....	31
3	TEATRALIDADE DO CORDEL NA EDUCAÇÃO.....	40
3.1	Teatro como ato pedagógico.....	40
4	TEATRALIDADE DO CORDEL A PARTIR DA OBRA DO CORDELISTA BARAÚNA	51
5	UMA EXPERIÊNCIA NA ESCOLA NEUSA PEREIRA DA SILVA	59
6	DIÁLOGOS FINAIS.....	118
	REFERÊNCIAS	121
	APÊNDICES	125
	ANEXOS	135

1 INTRODUÇÃO

O teatro é tão antigo quanto à humanidade. Existem formas primitivas desde os primórdios do homem (BERTHOLD, 2008, p.1). Como forma de expressão artística milenar, sempre esteve presente acompanhando o ser humano, seja em palcos profissionais ou amadores, em prédios estruturados e denominados de casas de espetáculos, e a partir desses locais de intervenção, nas ruas, praças e feiras, atuante em locais os mais diferenciados possíveis, a exemplo de igrejas, presídios e outros espaços sociais.

É arte incorporada na forma humana e abrangendo todas as possibilidades do corpo informado pelo espírito; ele é, simultaneamente, a mais primitiva e a mais multiforme, e de qualquer maneira a mais velha arte da humanidade. Por essa razão é ainda a mais humana, a mais comovente arte. Arte imortal (BERTHOLD, 2008, p.2).

Com essa trajetória, a arte teatral foi conquistando espaço também em instituições de ensino público e privadas, formando ao longo dos anos um elo fundamental no processo de ensino-aprendizagem. A exemplo do Festival de Teatro Estudantil do NTU (Núcleo de Teatro Universitário) no Teatro Lima Penante pertencente à Universidade Federal da Paraíba, que, existindo há vinte e oito anos ininterruptos, envolve estudantes e tem difundido o fazer teatral nas escolas públicas e privadas.

Na busca e compreensão do caminho a ser percorrido em uma pesquisa acadêmica, muitas vezes sem a plena certeza de onde dará, peço a licença poética para contextualizar, no início deste texto, as minhas assertivas do que é teatro para mim.

1.1 Lugar social da pesquisadora

Até os meus nove anos de idade a disciplina arte para mim se resumia a pintar, porém eu amava tudo que dizia respeito ao mundo das artes cênicas, do teatro, mesmo sem entender o que aquilo significava. Gostava muito de dançar, participava de todas as atividades que apareciam na escola e na igreja, não deixava de participar das danças e nem das peças teatrais. Na verdade, tudo isso para mim era extremamente prazeroso, eu me divertia muito, brincava criando minhas próprias

encenações, coreografias e shows espetaculares para meu universo infantil, tudo era brincadeira.

Aos dez anos, quando já cursava o sexto ano do ensino fundamental, na escola Hermann Gmeiner, conhecida como Aldeia SOS da Paraíba, uma escola filantrópica, tive uma enorme surpresa quando oficialmente foi adicionada a disciplina Artes no meu horário escolar. Para minha maior alegria estaria entrando oficialmente o teatro na minha vida. Recordo-me com muita emoção e de coração alegre cada aula que a professora Ana ministrava, eram aulas maravilhosas, e com um misto de brincadeiras e regras, vivíamos um mundo do faz de conta. Hoje posso entender que aquela série de atividades que ela passava para nós tem nome, iniciava ali minha vivência com os jogos teatrais. Como era bom! Como era divertido!

Uma aula que me trouxe uma experiência inesquecível e que até hoje me emociona trazendo lágrimas aos olhos em lembrar e escrever, foi quando a professora Ana que na época estava em cartaz com a peça teatral “Saltimbancos” de Chico Buarque, convidou seus estudantes para assistirem ao espetáculo. Eu já tinha dez anos, mas nunca tinha ido a um teatro. A apresentação foi em um sábado à tarde, no Teatro Santa Roza. Fui curiosa, mas sem grandes expectativas, pois na verdade o que eu queria era ver a professora Ana.

Ao entrar no Teatro Santa Roza não sei descrever exatamente o que sentia, mas era um misto de encantamento e admiração, algo diferente aconteceu comigo naquele dia, fui impactada de tal forma por aquele ambiente que parecia mágico e eu lá sentada esperando o que ia acontecer, e quando de repente ouvi três toques (um barulho estranho naquela época para mim, hoje entendo que era o sinal de que o espetáculo iria começar) e de repente aquelas cortinas exuberantes do teatro se abrem e o mundo mágico e fascinante do teatro está ali diante de mim, tudo acontecendo ao vivo, a música, a iluminação, os atores em cena, tudo era incrível, mas o que me marcou muito forte foi o olhar da professora Ana, agora como atriz, era como se ela em cena tivesse se transformado em uma graciosa gigante, onde eu não conseguia tirar os olhos dela, eu estava totalmente maravilhada com tudo aquilo, foi realmente uma experiência inesquecível e que marcou de forma muito significativa minha vida. Saí dali e a única coisa que passava pela minha cabeça era “quando eu crescer quero trabalhar com teatro. ”

Esse novo sonho “ser artista” e pensar em “trabalhar com teatro”, era engraçado e ao mesmo tempo inusitado pois ouvia minha mãe dizer o tempo todo: “quero uma filha médica”, porém agora pulsava dentro de mim “quero ser artista” e isso exercia uma grande força no meu eu, estava vivo “quando eu crescer, quero trabalhar com teatro”.

Infelizmente no sétimo ano não sei por que a professora Ana de teatro não estava mais na escola, e do sétimo ao nono ano tudo que ia acontecendo na escola, com relação ao teatro e dança partia da improvisação dos alunos, ou da iniciativa de outros professores. Quando ingressei no ensino médio, agora na escola estadual Liceu Paraibano, o professor Geraldo Jorge, tinha um grupo de teatro na escola e convidou todos os estudantes para assistirem a um espetáculo na própria escola. Quando me sentei naquela cadeira do auditório (agora com quinze anos) e as cortinas se abriram pude contemplar em cena uma atriz fantástica, com aquela mesma presença cênica encantadora e aquele olhar vivo, marcante, que falava por si. Tudo isso me remeteu a experiência vivida no Teatro Santa Roza, anos atrás. A peça daquele dia foi “A Ida ao Teatro” de Karl Valentin, e aquela atriz maravilhosa Ingrid Trigueiro, anos depois tive a satisfação de conhecer. E como Deus é maravilhoso e mestre em nos surpreender, hoje vinte anos depois tenho o privilégio de estar com essa atriz, que também marcou minha história, compartilhando a mesma turma do Mestrado Profissional em Artes-teatro, na UFPB.

Naquele momento dessa experiência teatral no Liceu Paraibano, era como se algo dentro de mim tivesse acordado, eu me sentia viva novamente, o coração pulsando de alegria, pois a magia do teatro estava novamente diante de mim. A partir dali entrei no grupo de teatro da escola e tive a oportunidade de participar de várias atividades no NTU (Núcleo de Teatro Universitário -Teatro Lima Penante - Universidade Federal da Paraíba) inclusive oficinas e os festivais de teatro estudantil que o NTU promove a vinte e oito anos ininterruptos. Atualmente faço parte da equipe de profissionais do NTU. Cresci, trabalho com teatro! Como é maravilhoso!

Os oito anos seguintes a partir do ensino médio fiz parte do grupo de danças folclóricas do Liceu Paraibano, coordenado pela professora Dinalva França, que muito contribuiu artisticamente em minha vida e formação. E nesse mesmo período fui convidada a compor o quadro de elenco do grupo Tenda, onde atuei como atriz em

espetáculos adultos e infantis, sob direção até os dias de hoje do professor Geraldo Jorge, a quem quero registrar todo o meu reconhecimento, porque Geraldo ao longo de toda sua vida abriu portas para a iniciação de atores. Grandes atores paraibanos iniciaram sua trajetória no grupo de teatro Tenda, direcionados por Geraldo Jorge, homem a quem registro meu respeito e admiração. Inclusive meu orientador, o Prof. Fernando Abath Cananéa, que participou de vários espetáculos no Grupo Tenda, como ator e também como produtor cultural do grupo.

Durante minha vida estudantil no período que corresponde ao ensino fundamental II e médio, na rede pública, fui agraciada com excelentes arte educadores. Minha trajetória nessa fase foi marcada por professores que, atuando na rede pública, eram comprometidos com o ensino de qualidade de teatro e dança e souberam transmitir isso com excelência, gerando em mim, de forma satisfatória, um misto de conhecimento e prazer. Tudo isso teve fundamental importância na minha escolha para a formação profissional como arte educadora.

O teatro trouxe para mim de forma prática e real um grande crescimento pessoal e social. E escolher fazer uma graduação em artes, era uma opção pela satisfação pessoal e saber que iria estar me preparando para fazer o que gosto, o que já existia dentro de mim. Ainda na graduação, fui bolsista do projeto de extensão “Despertar” promovido pela UFPB, onde a primeira fase do projeto foi realizada com os alunos da Escola Técnica de Saúde CCS/UFPB, trabalhando a conscientização dos estudantes para a humanização do cuidar, através do teatro; a segunda fase do projeto foi desenvolvida na Clínica de Doenças Infectocontagiosas do Hospital Universitário Lauro Wanderley, buscando através do teatro a sensibilização dos profissionais da área de saúde para o cuidar, além do trabalho lúdico junto aos pacientes.

Como fruto desse projeto, atuei como escritora, diretora e atriz na peça teatral “Reflexões sobre a Morte e o Morrer” um trabalho direcionado de forma específica para profissionais de enfermagem, tendo esse trabalho uma excelente repercussão, sendo convidado para participar de congressos regionais e do nacional na área. Através do teatro, os profissionais de enfermagem de uma forma prazerosa, refletiam suas práticas diárias, levando-os a uma sensibilização para o cuidar humanizado. Por satisfação pessoal e acreditando sempre no poder que as artes cênicas exercem

quando colocadas em ação, sempre estive envolvida com criação em artes e no processo ensino-aprendizagem.

Nesse período também integrei o grupo “Faça Sua Cultura” uma organização formada por pais, estudantes, professores e diretores de escolas públicas, onde eram realizadas rodas de debates nas escolas com o objetivo de planejar, promover, incentivar e valorizar a produção cultural da comunidade estudantil local. Logo após essa experiência, fui convidada a integrar a equipe do programa “Empreendedor Cultural do SEBRAE” trabalhando com a orientação e acompanhamento aos artistas na elaboração de projetos culturais. Em toda essa caminhada, obtive aprendizado através da construção coletiva, o que me direcionou com uma visão crítica, embasada nas experiências vividas e através dos saberes acumulados e partilhados. O diálogo coletivo e o fazer em equipe, a participação, sempre estiveram presentes na minha trajetória profissional em arte-teatro.

Ao concluir a graduação (2006), acreditando na força transformadora do teatro, iniciei um trabalho voluntário com teatro em comunidades, o qual se mantém vivo e ativo até os dias de hoje (2018), gerando frutos. Durante os dez anos desse trabalho comecei a sentir que precisava de mais, conhecer mais, me capacitar mais, aprender mais; a sensação que tinha era que no meio em que eu estava quem mais detinha o conhecimento do mundo cênico era eu, porém, reconhecia que o meu conhecimento era muito pouco.

Nesse momento tomei conhecimento do edital público do Mestrado Profissional em Artes-PROF-ARTES/UFPB, o que reacende em mim a chama do aprendizado, a vontade de intensificar a busca pelo conhecimento na área, a alegria de estar perto de pessoas fantásticas, onde eu poderia apreender com elas. E tudo parece novo, era para mim uma nova geração de desafios, mas em tudo eu me sentia e me sinto grata a Deus e feliz pelo novo universo que se abre diante de mim.

Mas o que pesquisar? Que caminho trilhar? Por onde começar? Essas respostas começaram a ser respondidas dentro de mim, pois estar no mestrado, de certa forma me trouxe as lembranças de tudo que eu tinha vivido com o teatro em minha infância e adolescência, durante minha vida de estudante do nível fundamental e médio, e como tinha sido maravilhoso, como contribuiu e como fez diferença experimentar o teatro enquanto estudante.

Com essa visão, a minha pesquisa trilha na área do Ensino de Artes, compondo a linha de pesquisa: Processos de Ensino, Aprendizagem e Criação em Artes. Então a partir daí comecei a analisar e comparar a realidade escolar em que sou inserida e me deparar com o triste fato de que em várias escolas o teatro não passa de utopia, e pensar na quantidade de estudantes e no quanto eles têm perdido por não terem a oportunidade de vivenciar experiências teatrais como as que me foram proporcionadas em minha vida estudantil, como fez diferença eu ter encontrado pelo caminho excelentes professores. E a partir de todas essas reflexões, me senti no dever de passar essa boa semente adiante.

A sala de aula para mim representa um desafio de responsabilidade e comprometimento em continuar a plantar essa semente que tem germinado, motivando-me a desenvolver uma pesquisa direcionada a que meus estudantes possam desfrutar do prazer que a arte teatral proporciona em sua prática e fortalecendo a construção de possibilidades de cidadania, por meio dessas práticas.

A escola em que desenvolvemos a pesquisa foi a Escola Municipal de Ensino Fundamental de segunda fase Vereadora Neusa Pereira da Silva, nome dado em homenagem a uma professora que chegou a ser vereadora na cidade e buscava sempre contribuir com a educação no município. Essa escola está localizada no centro de Pilões que é um município no estado da Paraíba, na Mesorregião do Agreste Paraibano, microrregião do Brejo Paraibano, unidade geoambiental do Planalto da Borborema. De acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), no ano de 2006 sua população era estimada em 7.731 habitantes, e agora de acordo com o censo de 2010 sua população está estimada em 6.978 habitantes, decréscimo populacional ocasionado por óbitos, êxodo rural, devido à baixa oportunidade de emprego (adultos que saem da cidade em busca de trabalho, principalmente para a região sudeste), bem como a falta de qualificação educacional especializada (jovens que saem da cidade para cursar uma faculdade), possui área de 64,4 km².

A produção de flores é o mais novo elemento da economia pilonense. Conforme a COFEP/2017 (Cooperativa de Floricultores do Estado da Paraíba) as flores mudaram a vida das agricultoras de Pilões, pois foi o cultivo delas que garantiu a 22 mulheres renda para suas famílias após o fechamento de uma usina que tirou empregos nos canaviais, deixando várias famílias sem nenhuma perspectiva de vida.

A situação era difícil. Sem emprego, alguns arriscaram ir embora para São Paulo e Rio de Janeiro, na esperança de uma vida mais digna, pois de forma geral a pobreza predominava nas casas daquelas famílias.

Diante dessa realidade um grupo de mulheres da comunidade buscou possibilidades para obter renda própria e melhorar as condições de vida das famílias. Muitas dessas mulheres eram agricultoras e tinham facilidade para manejar a terra, então surgiu à ideia de cultivar flores (CONAC/2016). Congresso Nacional de Conhecimento.

Com a consciência de que precisavam ganhar dinheiro, mas trabalhando com uma atividade próxima a realidade delas, formaram no ano de 1999 a COFEP, um projeto que se tornou sinônimo de sucesso e já ganhou vários prêmios de reconhecimento, como por exemplo, o de “Mulher Empreendedora do SEBRAE-PB em 2005; o concurso “Voz Mulher” do banco mundial no mesmo ano, além de ser vencedora da etapa nordeste do prêmio FINEP de inovação tecnológica em 2007 (SEBRAE, 2013).

A cooperativa surge como um meio de fortalecimento, desenvolvimento econômico e autonomia das mulheres, na organização e na sociedade a partir do cooperativismo. “Cooperativa é uma organização constituída por membros de determinado grupo econômico ou social que objetiva desempenhar, em benefício comum, determinada atividade” (SEBRAE, 2017). No caso das produtoras de Pilões podemos ser ainda mais específicos e conforme Feijó (2011, p. 218) “O sistema cooperativista rural se caracteriza pela associação de um grupo de pequenos produtores, com uma base cultural comum (...), funcionando como intermediária entre o mercado e a atuação produtiva dos cooperados. ”

Esse é o município onde estamos morando e vivenciando esse processo como professora de ensino de Arte-teatro. A escola na qual desenvolvemos a pesquisa (2017) possui cerca de 422 estudantes divididos em 16 turmas que atuam nos três turnos, atendendo estudantes entre 11 anos e 22 anos, residentes na cidade e sítios vizinhos com turmas do Fundamental II do 6º ao 9º ano, além da educação de jovens e adultos (EJA). Com uma realidade estrutural bastante precária a começar pela inexistência de prédio próprio, o que dificulta muito o processo de ensino, entre outros fatores, especificamente no ensino de Arte, mesmo a escola tendo 15 anos de

existência, somente a quatro, possui aulas de Arte lecionadas por professores licenciados na disciplina, e isso sem abranger todas as turmas.

Para essa pesquisa foi formado um grupo de interesse composto por 23 estudantes das 14 turmas do 6º ao 9º ano, dos turnos manhã e tarde, onde trabalhamos com teatro na educação, por meio dos jogos teatrais e com a utilização de textos do artista Baraúna, cordelista do município. A princípio o que existia era a vontade de desenvolver uma pesquisa a partir do que Pilões produzia culturalmente, então com esse pensamento comecei uma busca, conversando com moradores para saber se Pilões possuía algum escritor, nessa fase muitas pessoas me diziam que não existia escritor na cidade e também não conheciam e nem valorizavam a literatura de cordel produzida por Baraúna. Para minha tristeza ouvia alguns moradores falarem “tem um doido que escreve umas coisinhas aí, mas é umas besteiras” outros diziam “tem Baraúna que escreve não sei o que”. Com base nessas informações procurei saber aonde morava o homem chamado Baraúna, e em uma tarde fui fazer uma visita a sua residência. Para minha surpresa pude contemplar um autor cordelista com mais de 90 cordéis escritos, obras com temas diversos e quase desconhecidos na cidade. A partir dessa descoberta, resolvi trabalhar com as obras do autor, levando-as ao espaço escolar.

Como objetivo geral, pretendia realizar um processo criativo cênico com os estudantes a partir da literatura de cordel de Baraúna. Como objetivos específicos, promover leitura e análise textual de cordel a partir de algumas obras do cordelista, realizar oficina de teatro, proporcionando interação em grupo, levando os estudantes a participação espontânea e refletir com os estudantes sobre a importância do teatro na educação e consequentemente no processo de ensino-aprendizagem da arte.

É importante salientar que não havia nada escrito sobre a vida do referido autor dos cordéis, sendo necessário entrevistar Baraúna. Essa entrevista aconteceu por meio de outra visita a casa do cordelista, onde em meio a uma agradável conversa na mesa da cozinha de sua residência, Baraúna foi provocado a partir do meu pedido do relato da sua história de vida e sua ligação com o cordel.



Imagem 1: Entrevista à Baraúna em sua casa.

2017: Fonte: Acervo de Leide Alcântara – Professora Pesquisadora

A partir da sua fala, passamos a conhecer um pouco mais do artista Baraúna. Homem modesto, nascido de família humilde, que, aos dez anos de idade era apresentado com folhetos de cordel que a sua avó comprava pela manhã na feira. A noite ele se encontrava com um grupo de vinte a trinta pessoas que ansiosas se reuniam para ver Baraúna ler os cordéis já que era o único alfabetizado entre eles. Esse era um momento de lazer e descontração para todos ali presentes.

Aos dezesseis anos, como cortador de cana, Baraúna já era respeitado entre os amigos de trabalho por ser o único letrado, como diziam eles que traziam para Baraúna cordéis para que no intervalo do serviço todos pudessem se sentar ao redor dele se divertindo ao ouvi-lo ler os textos da poesia de cordel. Aos dezoito anos entra para a polícia militar, onde segue carreira. Ao se aposentar, no ano de 2009, ainda muito jovem, aos 48 anos de idade, Baraúna retoma a arte do cordel, como um novo talento, a magia de escrever surge de forma inesperada, gerando um prazer inexplicável.

Atualmente o cordelista passa grande parte de seu tempo envolvido por versos e rimas. Com imensa satisfação ele distribui seus folhetos gratuitamente mesmo se entristecendo pela desvalorização local da sua arte. Baraúna sente-se honrado em pequenos eventos turísticos da cidade (Caminhos do Frio e Semana Santa/PB) onde os turistas compram seus cordéis. Hoje com um total de noventa e nove cordéis escritos (2018), Baraúna segue apaixonado pelo que faz e dedicado a essa arte, buscando a valorização e mantendo acesa a chama da literatura de cordel.

A motivação para realizar essa pesquisa a partir da obra de Baraúna veio do desejo da valorização do artista da terra que já teve homenagens em cidades circunvizinhas, ao contrário de sua própria cidade, na qual suas obras são pouco divulgadas e aproveitadas no espaço escolar e educacional, em suas diferentes possibilidades. Além de um mergulho de estudo e conhecimento nas obras do autor, durante o processo de pesquisa realizamos também a criação e construção de um trabalho dramático elaborado com os próprios estudantes, acolhendo suas contribuições, tendo os jogos teatrais como fundamentos de nosso trabalho.

Uma vez que estamos falando de um artista da terra, ainda pouco explorado, trazemos aqui algumas questões que surgiram com essa pesquisa: Quais as contribuições das obras de Baraúna para o contexto pedagógico? Quais os impactos para um processo de construção e valorização da identidade cultural desses estudantes e desta pesquisadora? Esses foram questionamentos investigados nesse trabalho, existiam essas questões, mas a principal que permeou e foi trabalhada durante o desenvolvimento da pesquisa, direcionando toda a ação foi: de que forma os estudantes receberam e lidaram com a proposta da literatura de cordel transformada em cena?

Esta dissertação apresenta cinco capítulos, no primeiro **Iniciando o Diálogo** introduzimos à temática. No segundo capítulo **Cultura e Arte**, trazemos uma explanação sobre a importância da cultura, seu conceito, cultura como experiência, passando pela cultura popular e descrevendo sobre cordel, sua importância e o cordel como expressão da cultura popular. Logo após, no terceiro capítulo **Teatralidade do cordel na educação** é trabalhado o ato teatral como ato pedagógico, relatando sobre o teatro e a educação, passeando pelos jogos teatrais e trazendo a teatralidade existente no cordel.

No quarto capítulo **Teatralidade do Cordel a partir da obra do cordelista Baraúna** teremos explicitada a metodologia utilizada, com as especificidades do processo e o quinto capítulo **Uma experiência na escola Neusa Pereira da Silva** apresentará os dados e a análise crítica dos mesmos com a descrição das observações feitas durante o desenvolvimento dessa pesquisa. Ao término deste trabalho com o título **Diálogos finais** apresentamos nossas observações e análise crítica acerca do trabalho, ao tempo em que apontaremos novos estudos.

2 CULTURA E ARTE

2.1 A cultura uma ação do ser humano

Cultura é algo criado e experienciado apenas pelo ser humano. Porém, mesmo estando tão próxima da nossa realidade, não é um tema simples de se falar e compreender, pela complexidade e grandeza do conceito. A cultura é uma construção específica da razão para a compreensão dos seres humanos, numa perspectiva de superação da ignorância. (CHAUÍ apud CANANÉA, 2016, p.50).

Pode ser vista também como uma “conta poupança” aonde as experiências vão sendo depositadas e devido ao potencial pessoal de cada indivíduo essas experiências vividas vão acumulando conhecimento que geram ações voluntárias e involuntárias, é “o processo pela qual o homem acumula as experiências que vai sendo capaz de realizar” (PINTO, 1979, p.27). Essa compreensão humana sobre cultura vai além da rotina diária e automática social que envolve o cotidiano de homens e mulheres.

A cultura é gerada a partir da ação do ser humano, sendo assim, para uma análise sólida e eficaz, se faz necessário a busca por uma melhor compreensão dessa humanidade cultural, esclarecendo-a a partir do homem e da mulher como agentes de produção cultural, inseridos em ações individuais, porém com uma dimensão para a coletividade, por estarem inseridos em uma comunidade social. “A cultura passa a ser entendida como uma dimensão da realidade social, como a totalidade de uma dimensão da sociedade” (SANTOS, 1994, p.87).

Está presente no cotidiano da vida indo além do material, atingindo uma dimensão bem mais profunda em suas vidas como Geertz (1989, p.21) defende: “a cultura (está localizada) na mente e no coração dos homens” atingindo e instalando-se assim em um plano bem mais íntimo e de profundidade tão complexa que se torna impossível a separação entre o ser humano e a cultura.

Historicamente, a cultura existe e é propagada como resultado de processos sociais, construídos pela ação direta da vida em sociedade, sendo uma obra do coletivo humano. Esse elo é natural, inseparável e produto pelo qual existe uma constante busca por interpretação e significados.

O homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assume a cultura como sendo essas teias e sua análise, portanto, não é como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado (GEERTZ, 1989, p.15).

Significados esses que só podem ser encontrados e decifrados por meio do olhar e estudo criterioso da humanidade e suas atividades, criações, elaborações e o como tudo isso é processado, produzido e planejado, a caminho das realizações em suas vidas e através das suas próprias vidas. Estudar com uma visão analítica a cultura vai além de observar apenas o produto da atividade humana, é preciso ir mais a fundo, e mergulhar no processo que leva a essa produção desde o planejamento até a execução com suas finalidades na comunidade em que é inserida.

Essa gama diversa que compõe a cultura, sendo levada em conta sua natureza, complexidade, atividade humana e produção dessa humanidade, faz com que o conceito de cultura segundo Cananéa (2016, p.82) seja “um dos mais discutidos nas ciências humanas, exatamente devido a sua força semântica.” Força essa que leva o ser humano a constante busca do seu autoconhecimento, decifrando assim sua prática diária, conceituando dessa forma o ser humano como um ser essencialmente cultural.

Ver, refletir e atuar na realidade social, a partir da consciência de ser cultura, tomando como base experiências singulares e plurais. Experiências significativas que de forma agradável ou não, vão sendo somadas ao longo de sua existência e troca de experiência com ele mesmo e com o outro, ficando registrada assim de maneira consciente ou não, uma concepção de mundo. Concepção essa que passa a reger toda sua prática de vida, com ações, pensamentos, falas e atitudes. Cada ser humano é em si uma realidade pessoal e cultural, recheado de tradições, práticas e costumes, formados pelo seu mundo e que lhes da sua própria visão de mundo.

Segundo Cananéa (2016, p.36) “A cultura ontologicamente falando, é o cuidar, é o manter”. Nesse conceito, onde a ontologia está bem presente, nessa busca pelo estudo do ser, proporcionando reflexões sobre o ser, a cultura é representada de forma pública como o seu próprio significado o é (GEERTZ, 1989, p.22). Cultura faz parte da vida de todos, está em todos, é sentida por todos, pertence a todos e é feita por todos. De modo geral, podemos dizer que cultura, como modo e forma de vida,

quer dizer modo de viver. Assim sendo, cultura é o modo que alguém tem de viver a vida. É o modo de alguém viver sua realidade (CANANÉA, 2011, p.80).

Trazendo essa temática cultural para um universo mais especificamente brasileiro, Alfredo Bosi (1999, p.308) descreve conceitos e afirmações significativas no que diz respeito à cultura, suas classes, nomenclaturas e realidade nacional. Mostra a cultura como “uma herança de valores e objetos compartilhada por um grupo humano”. No Brasil o uso de forma singular da palavra cultura brasileira, parece um equívoco, tendo em vista as variáveis manifestações culturais presentes em uma nação tão ampla culturalmente como o Brasil. “Cultura também pode tornar-se o conjunto internamente articulado dos modos de vida de uma sociedade determinada” (CANANÉA, 2016, p.84). A cultura ligada e expressa por um povo específico, uma nação, um grupo humano definido, estudando suas relações e visão de futuro, para assim entender os princípios e valores que os direcionam.

Antropologicamente a cultura brasileira já vem historicamente dividida por raças, sendo elas denominadas: branca, negra, indígena e mestiça. Com o passar do tempo essas divisões recebem outros nomes, sendo classificadas inclusive por situações financeiras sociais como, por exemplo; ricos e pobres, ou burgueses e operários. Mudam-se os nomes, mas seguem-se as divisões, independente da nomenclatura utilizada o fundamental é a consciência dessa pluralidade cultural presente de forma clara no Brasil.

Podemos citar a cultura universitária, uma cultura letrada, privilégio de poucos, mais presente na classe média e alta da sociedade.

O saber acadêmico não é superior ao não acadêmico. São saberes complementares. A realidade é esta: saberes complementares e ignorâncias enormes. Da união/confronto desses saberes e ignorâncias, buscando as leis de geração e superação dos problemas, nascerá uma síntese mais rica para continuar o processo de transformação e conhecimento (SALES, 1999, p.15-17).

A universidade é o lugar da profissionalização de uma cultura formal, que sofre uma grande queda nos estudos humanísticos tradicionais como a exemplo do latim, grego, filosofia e francês, que começam a desaparecer da formação letrada clássica, ganhando força à junção da técnica com ideologias opressoras. Bosi (1999, p.313) mostra que tudo isso gerou cinco principais consequências para a cultura educacional

brasileira. A primeira no ensino formal gerou a implantação de ideias neocapitalistas; a segunda os órgãos de administração escolar substituíram uma série de disciplinas especializadas e vastas, por apenas uma bastante resumida chamada de estudos sociais; a terceira o desaparecimento da filosofia do ensino médio e dos currículos superiores sendo reintegrada pela Lei nº 11.684, de 02 de junho de 2008.

A quarta, a exclusão do ensino de francês pelo domínio econômico dos Estados Unidos e a quinta os concursos unificados para ingresso nas universidades públicas e privadas, com questões predominantemente objetivas, trazendo como consequência um ensino menos crítico e puramente informativo. Tais medidas enfraquecem em nível de ensino médio e superior as disciplinas das ciências humanas. Essa estratégia afetou o grande sistema de ensino público, fomentando a visão comercial com o crescimento de instituições de ensino superior privadas que surgem priorizando cursos de baixo custo operacional gerando decadência na formação de magistério tanto no nível formativo como em sua visão crítica.

Em um mundo onde nos leva a crer que o pensar, o ser crítico e o criar já não têm valor cultural, e em oposição a isso existe a necessidade humana de se comunicar, de falar, de ouvir, de ser ouvido, como um ser pensante que é com seu potencial reflexivo e de ação, conhecendo e transformando o seu lugar comum por meio de suas intervenções teóricas e práticas.

Ideias prontas, teorias engessadas e emolduradas para serem duplicadas pela massa, “consiste no que quer que seja que alguém tem que saber ou acreditar a fim de agir de uma forma aceita pelos seus membros” (GEERTZ, 1989, p.21). A indústria cultural, representada pelos meios de comunicação de massa e os altos consumos gerados por eles formando a cultura de massa, sustentada apelativamente pelo sentimental, o erótico, a agressividade e curiosidade humana. Tudo isso promovendo a venda de seus produtos, sendo registrada assim a indústria cultural, a indústria do convencimento de um consumo dito cultural. “As mensagens da indústria cultural com propostas de homogeneização e controle das populações, podem ser um projeto dos interesses dominantes da sociedade, mas não é a cultura dessa sociedade” (SANTOS, 1994, p.71).

A indústria cultural exerce um forte poder persuasivo, impondo seus padrões, ditando seu estilo, obtendo o controle da transmissão as massas. Houve uma

substituição na sociedade da cultura popular e erudita pela cultura de massa. São as classes dominantes responsáveis por vestir uma fantasia na cultura de massa, fazendo-a parecer popular. Essa triste realidade torna o sujeito um ser passivo, na prática de sua identidade, frustrando suas perspectivas enquanto participante do processo e enfraquecendo, ao invés de fortalecer o empoderamento em suas ações, enquanto sujeito ativo da cultura popular. Segundo Castells:

A construção da identidade se efetiva nas relações sociais, nos processos dialéticos de contradição, na relação com outros grupos, nas questões culturais, num determinado período histórico. Identidade é a fonte de significado e experiência de um povo (2000, p. 22-23).

A intervenção na grande maioria das vezes negativa, feita pela indústria cultural, interfere diretamente na relação social do indivíduo e do grupo, forçando uma significação pré-estabelecida pela classe dominante, levando-se em conta única e exclusivamente seu próprio interesse. Cultura envolve participação, e isso gera fortalecimento ao processo, produz ensino e conhecimento.

2.2 Cultura popular

Segundo Chauí (1985, p.5), a questão cultural tem uma importância ímpar e merece atenção especial por ser um elemento fundamental das ações humanas:

Deveria ser considerada uma das prioridades (...), quando se leva em conta o papel da cultura, seja como fator de discriminação sócio-política, seja como forma de resistência das classes dominadas, seja, enfim, como forma de criação como potencial de emancipação e de libertação histórica.

Assim a identidade só é construída a partir da participação coletiva, isso é o que fortalece de forma concreta a cultura de um povo. Bosi (1999, p.341) defende que “a cultura é fundamental e deve ser um prolongamento e uma reflexão do cotidiano.” Isso se enquadra bem com a cultura popular que está presente e viva nas mais diversas representações sociais principalmente nas camadas mais pobres.

O popular implica, originariamente, uma vinculação aos setores excluídos dos bens culturais produzidos socialmente pela sociedade. Expressa, ainda algo que vem do povo, das classes desprovidas dos meios de produção da sociedade e atendendo aos interesses desta classe ou mesmo como aquilo que seja realizado na perspectiva de transformar realidade, de conscientizar e libertar (CANANÉA, 2016, p.56-57).

Esse popular representado por vezes como algo sem prestígio social, com seu valor excluído em meio aquilo que a sociedade ostenta, mas que possui em si uma força incomparável, pois o popular vem do povo, está no povo e é representado pelo povo. A humanidade traz consigo essa força representativa e passa isso à diante, transformando, conscientizando e gerando libertação.

Essa cultura é embasada e está totalmente interligada por duas faces do modo de viver humano: o material e o espiritual, ambos inseparáveis.

Cultura popular implica modos de viver: o alimento, o vestuário, a relação homem-mulher, a habitação, os hábitos de limpeza, as práticas de cura, as relações de parentesco, a divisão das tarefas durante a jornada e, simultaneamente, as crenças, os cantos, as danças, os jogos, a caça, a pesca, o fumo, a bebida, os provérbios, os modos de cumprimentar, as palavras tabus, os eufemismos, o modo de olhar, o modo de sentar, o modo de andar, o modo de visitar e ser visitado, as romarias, as promessas, as festas de padroeiro, o modo de rir e de chorar, de agredir e de consolar (BOSI, 1999, p.324).

Como podemos perceber, são inúmeras as relações e correlações que podem ser feitas sobre a cultura popular, passando, como é notório, do material para o que é simbólico e retornando do que é considerado símbolo ou espiritual para o material, deixando bem claro a indivisibilidade, no cotidiano do ser humano, das suas necessidades físicas, espirituais, morais e até mesmo sociais, na ligação contínua entre seu corpo, alma e espírito.

Sobre essa questão Santos (1994, p.44) complementa que “volta-se para as maneiras pelas quais a realidade que se conhece é codificada por uma sociedade, através de palavras, ideias doutrinas, teorias, práticas costumeiras e rituais.” Tudo é levado em conta quando se trata da cultura popular e suas vertentes, para tudo existe um porque, significados que vão da mais simples ação até os rituais mais elaborados em sua complexidade.

Muito mais através de ações que de palavras, “a educação popular objetiva democratizar a sociedade e o Estado, mediante a formação de hábitos, atitudes, posturas e gestos democráticos, dentro dos grupos onde atua” (RODRIGUES, 1999, p.23), para o popular em determinado momento as ações valem bem mais que as palavras, não é o que se fala, é o que se faz, o que se transmite muitas vezes no silêncio de gesto que dizem tudo, e busca através das atitudes, de hábitos

reproduzidos gerar mudança local, o popular exerce a função inevitável de promover a democracia.

Para Freire (1983, p.75) “a verdadeira educação é um ato dinâmico e permanente de conhecimento centrado na descoberta, análise e transformação da realidade pelos que a vivem”. A educação em si e especificamente a popular é algo contínuo em constante movimento, gera aprendizado ao ser humano de maneira dinâmica, constrói, gera mudança e reconstrói a realidade em volta dos indivíduos envolvidos no processo. Gera também a Educação popular, um lugar onde existe o reconhecimento e valorização dos saberes do povo, a partir de sua realidade local, para o desenvolvimento de novos saberes.

Como um processo não apenas formador, mas, transformador, interligando vários personagens sociais que compartilham motivações, frustrações e expectativas, além de também ser representado por diferentes formas de pensar e atuar criticamente. Uma educação não formal, atuante e percebida em casas, ruas, praças, presente em seus bairros, e também notada em suas especificidades no espaço escolar.

Neste trabalho defendo uma educação situada no contexto em que está inserida e que gere transformação a partir do interesse da maioria dos sujeitos sociais, isso ligado a práticas educativas. A participação dos sujeitos, através da ação da educação popular fortalecendo a identidade das pessoas. “Neste lugar de encontro, não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens que em comunhão, buscam saber mais” (FREIRE, 1987, p.81). Esse sentido que o popular trás, de todos poderem contribuir com algo, de todos trazerem em si um “que” de conhecimento, uma sabedoria que já faz parte do seu “eu” e que é transmitida em alguns casos de maneira inconsciente, através do exemplo, do fazer que já esteja inserido no inconsciente de um determinado grupo.

Educação popular é o que as pessoas trazem de si, já está nela pelo acúmulo de experiência que foram sendo vivenciadas ao longo da vida, essas são suas identidades e podem ser trabalhadas, lapidadas, estimuladas e até passar por uma fase de identificação consciente, porém é algo que flui de dentro de cada indivíduo social. Isso não anula a educação acadêmica, uma complementa a outra em uma relação de troca de conhecimento e aprendizagem.

A pessoa já traz dentro de si sua identidade e ela espontaneamente se envolve em associações com outras pessoas que também compartilham dessa identidade. Todas as pessoas já possuem uma determinada sabedoria dentro de si. “O horizonte da educação popular não é o homem educado, é o homem convertido em classe. É o homem libertado” (BRANDÃO, 1980, p.129).

A força educativa desperta as pessoas a saírem do seu desenvolvimento individual e partem para a atuação em espaços públicos no âmbito social, essa é uma incrível oportunidade oferecida através da educação popular, oportunizar experiências e discussões aos sujeitos para um horizonte bem mais amplo a partir da sua base local, construindo assim um senso de cidadania e lhes devolvendo a capacidade de sonhar. É dessa junção entre saberes e conhecimentos práticos que o ser humano evolui e perpetua sua existência. Cultura é conhecimento, e ambos são humanos.

Antropologicamente existe uma forte relação entre as culturas ainda que muitas vezes impercebível ou que por outro lado já está no inconsciente social. A exemplo da cultura erudita que, tem seu trabalho crítico e criativo explorado pela indústria cultural, ou ainda na cultura popular, onde a cultura de massa reduz as manifestações populares ao simplesmente utilizá-las como lazer turístico. Assim cada vez mais a desvalorização da cultura popular pela cultura de massa, não reconhecendo dessa forma seu valor social, cultural e educacional.

As culturas brasileiras estão de certa forma ligadas historicamente pela colonização e atualmente pela recolonização do Estado, escolas, e pela força da indústria cultural. Fundamentalmente, a cultura no âmbito educacional precisa gerar uma consciência reflexiva do cotidiano humano capaz de conduzir o ser humano para uma educação libertadora.

A cultura está intimamente ligada à humanidade e, ao mesmo tempo, a cada um dos povos, nações, sociedades e grupos humanos. No mundo de hoje, cultura é uma grande preocupação, pois entender as relações presentes e suas perspectivas de futuro é entender como se conduzem os grupos humanos. Por isso, temos a afirmar, com essa compreensão, que realizar um ato cultural é em si uma libertação (CANANÉA, 2016, p.50-51).

O conhecimento liberta e para que haja um maior entendimento dos grupos humanos, é necessário mergulhar mais fundo nesse universo cultural e exclusivamente experimentado pelo ser humano, em sua vivência diária.

2.3 O Cordel: expressão da cultura popular

Todo ato cultural libertador pode vir a ser representado por várias áreas ou modalidades artístico-culturais e ganha força e forma quando essa ligação com a humanidade vem do que ela traz de base popular, seus costumes, sua realidade local, suas intervenções através da arte, como é o caso da literatura de cordel.

Imagem 2: Cordéis.



Fonte: clubedolivrodesatolep.wordpress.com/2014/10/07/a-literatura-de-cordel/

Um texto em cordel é repleto de características específicas do gênero, sendo detentor de uma essência cultural muito forte e marcante, relatam tradições regionais e constituem uma força contribuinte na manutenção do folclore brasileiro, e por ser barato, consegue atingir uma parte significativa da população, o que resulta no incentivo à leitura. Geralmente as histórias trazem uma problemática que encontra solução na astúcia do personagem.

Os cordéis que descrevem histórias de amor utilizam na narrativa riqueza na descrição de personagens, e nas histórias de herói, ele sempre ganha no final, e se durante o enredo ele não conseguir o que queria, o autor “arruma” outra forma para que o herói consiga se safar e ser favorecido. Tudo isso é muito peculiar da literatura de cordel.

Poeticamente o cordel também tem uma classificação específica, sendo usada a seguinte nomenclatura: quadra - uma estrofe de quatro versos; sextilha - uma estrofe de seis versos; septilha - uma estrofe de sete versos, essa é a mais rara; oitava - uma estrofe de oito versos; quadrão - os três primeiros versos rimam entre si, o quarto com o oitavo e o quinto, o sexto e o sétimo também entre si; décima - uma estrofe de dez versos; martelo - estrofes formadas por decassílabos (estes são muito comuns em desafios e versos heroicos).

Também existem os folhetos escritos e denominados de ABCs, sendo escritos de maneira sequenciada, onde o início de cada estrofe traz uma letra do alfabeto e discorrem sobre um determinado tema de A a Z.

Devido à popularidade, divulgação e sucesso que os folhetos foram adquirindo, surge mais uma classificação denominada de acrósticos, esses trazem nas ultimas estrofes do poema o nome do autor, como forma de evitar dúvidas em relação à autoria dos versos. Eis um exemplo de acróstico, presente no folheto A Carta Resposta de Roberto Carlos a Satanás, de Gilberto Baraúna da Silva (autor de cordel pesquisado):

B-em meus amigos leitores
A-cabo aqui com certeza
R-ezo para que você
A-onde quer que esteja
U-ma carta lhe apareça
N-unca leia, jogue, esqueça
A-guce sua esperteza

Como se pode observar, após os autores introduzirem os acrósticos ao final dos seus cordéis, tornou-se claro e inconfundível os méritos autorais de cada um, e com certeza essa estratégia levou a uma maior divulgação e reconhecimento dos artistas. “No nosso ponto de vista, o cordel discorre sobre o mundo social e os sujeitos coletivos e individuais que dele fazem parte, consistindo, portanto, num lugar de ensinar e aprender. Neles, estão transitando sempre novos saberes” (JOACHIM, 2007, p.180).

O cordel apresenta-se como uma forma de ensino-aprendizagem, ele “abre-se para um excelente trabalho interdisciplinar. Aspectos geográficos, históricos e econômicos estão aí muito bem representados e podem ser ativados por professores e alunos” (MARINHO, 2012, p.86) proporcionando a obtenção de conhecimento, pois essa produção surge de práticas culturais do cotidiano humano e saber popular, “as quais consistem numa forma de educar por narrativas produzidas por sujeitos sociais e coletividades que fazem parte do mundo social” (JOACHIM, 2007, p.178).

É uma fomentação da cosmo visão, a partir do entendimento gerado pela capacidade de compreender o mundo poeticamente através de rimas e versos. Uma manifestação com produção artística cultural e onde, de forma marcante, encontram-

se as impressões de um povo, e que ao longo do tempo vem se perpetuando, vencendo as limitações impostas pela modernidade, “sobretudo mostrando o que nelas há de vivo, de efervescente, como ela vem sobrevivendo e adaptando-se aos novos contextos socioculturais. Como elas têm resistido em meio ao rolo compressor da cultura de massa” (MARINHO, 2012, p.128).

A composição de versos nordestinos historicamente deita raízes primeiramente na Península Ibérica, e até de mais longe, já se tendo registro na Antiga Grécia (ALBANESE, 2006, p.19). Na Espanha, a literatura de cordel era conhecida como *pliegossueltos*, em Portugal voltantes, muito conhecidos como trabalho para cegos, pois o Rei português João V, em 1749 dava prioridade aos cegos cantadores nas vendas (o rei criou uma lei em que era permitido à irmandade dos homens cegos de Lisboa negociar esse tipo de publicação).

Os colonizadores portugueses trazem esses livretos para o Brasil, onde virou sinônimo de poesia popular em verso e teve maior desenvolvimento no Nordeste, por ser a região com maior população nacional, nos primeiros séculos. Aqui passou a ter uma importante produção cultural conhecida por literatura de cordel, sendo vendido em feiras, pendurados em varais ou cordas, o que deu origem ao nome cordéis. Uma literatura popular e agora também brasileira. Com o tempo tornou-se um meio de comunicação de massa, chegando a ser considerado “o jornal do sertão”.

Por isso, entendemos que têm múltiplos sentidos e são multidimensionais, visto que produzem conhecimento sobre a realidade local, regional, nacional e mundial, conectando estes saberes e mostrando, em verso, a experiência de vida dos sujeitos sociais em outros lugares de produção que, na maioria das vezes, o próprio poeta não conhece presencialmente, mas através de informações colhidas de outrem e transladas para os folhetos, fazendo com que o leitor de cordel tenha acesso a estes saberes (JOACHIM, 2007, p.179).

Os folhetos funcionam como crônica poética entre os nordestinos e em histórias nacionais, abordadas a partir de uma perspectiva popular. Os autores, em uma junção de fatos e ficção, fazem uso da experiência e visão do universo do leitor, com uma linguagem popular e assim os poetas transmitem as notícias, o cordel “informa, diverte e ensina” (CURRAN, 1998, p.106).

Escritores, com narrativa histórica expondo fatos, podiam ser considerados como um repórter popular dos acontecimentos ou um representante do povo, tendo

havido livreto que alcançou um milhão de exemplares vendidos, como por exemplo, na crise que levou o ex-presidente Getúlio Vargas ao suicídio, em 1954. Atualmente os cordéis ainda se destacam em feiras de cidades nordestinas, chamando a atenção e atraindo a leitura do “doutor” ao “varredor”.

Para Marinho (2012, p.70) “O dinamismo da cultura, o poder que tem de se renovar, de recriar velhos e significativos temas, é uma das marcas da literatura de cordel”. O cordel como importante arte e expressão da cultura popular, inicialmente em relatos orais, depois escritos e impressos em folhetos, de forma muito presente na região Nordeste, vem ao longo dos anos fazendo parte da vida de moradores, principalmente em cidades interioranas.

Como um significativo meio de interação e união, o cordel tradicionalmente juntou famílias e amigos em rodas de leituras, onde as declamações das rimas, muitas vezes cheias de palavras típicas da região traziam entretenimento, diversão e informação a todos que se faziam presentes.

Informação sim, pois, os textos cordelistas sempre foram, além do divertimento, usados como uma importante arma política, com críticas, relatando acontecimentos, questões sociais, protestos e indagações que muitas vezes se encontraram ocultas, o povo calado, sem vez, sem voz, mas que através do cordel ganha voz ativa e em meio a versos e rimas a sociedade põe para fora um grito antes escondido.

O cordel, como forma de conhecimento e conteúdo de aprendizagem, incorpora em seu interior diferentes faces de uma realidade vista pela ótica de quem a produziu, o poeta de cordel. (...) Com rima, versos e ludicidade, o cordel, além de ser cultural, é também educacional (JOACHIM, 2007, p.178).

Como percebemos, os textos são caracterizados de acordo com a intenção da escrita e pode-se dividir em: entretenimento, “causos¹”. Muitas vezes apresentam-se com rimas, trabalhando assim a sonoridade das palavras. E fazendo parte do folclore brasileiro, política, acontecimentos históricos, contos, disputas, festas, secas, milagres, vida dos cangaceiros e principalmente sobre Lampião², romances, morte de

¹ Causo é uma história representando fatos verídicos ou não, contada de forma engraçada, com objetivo lúdico

² O mais bem-sucedido líder cangaceiro da história, atuou em quase todo o Nordeste, exceto Piauí e no Maranhão. Seu nome verdadeiro era Virgulino Ferreira da Silva, ficando conhecido como o Rei do Cangaço.

personalidades, temas do cotidiano e aventuras de heróis do imaginário popular. A nomenclatura “cordel” refere-se ao modo como os folhetos eram expostos à venda, pregados em barbantes e essa maneira expositiva tradicionalmente é mantida desde sua origem, no século XVI, até a atualidade, porém hoje também podemos encontrar os livretos sendo vendidos em lonas ou malas estendidas em feiras.

O folheto vai para as ruas e praças e é vendido por homens que ora declamam os versos, ora cantam em toadas semelhantes às toadas pelos repentistas. São nordestinos pobres e semialfabetizados que entram no mundo da escrita, das tipografias, da transmissão escrita e não apenas oral. A poesia popular, antes restrita ao universo familiar e a grupos sociais colocados à margem da Sociedade (moradores pobres de vilas e fazendas, ex-escravos, pequenos comerciantes, etc.), ultrapassa fronteiras, ocupa espaços outrora reservados aos escritores e homens de letras do país (MARINHO, 2012, p.18).

Os cordéis são encontrados em livrarias universitárias e cordelistas são convidados a participarem de eventos nas universidades e em outros espaços, eles também ocupam as bancas dos mercados de artesanato. De baixo custo, são na maioria das vezes vendidos pelos próprios autores ou deixados para a venda nas livrarias. Tendo o gênero literário se desenvolvido no Brasil, inspirando artistas e originando clássicos da literatura popular. Vários escritores nordestinos tiveram o cordel como influência e fonte de pesquisa e inspiração para a produção de seus textos entre eles, podemos destacar: Ariano Suassuna, Guimarães Rosa, João Cabral de Melo e José Lins do Rego.

A Paraíba, de forma muito marcante, esteve ligada a esse gênero literário, e a partir da década de 20, além do crescimento das ações realizadas em seu território, a literatura de cordel movimentou a economia no estado, a exemplo da cidade de Guarabira (município paraibano que fica a 16 quilômetros de Pilões, cidade onde esta pesquisa foi desenvolvida) se tornou referência na produção de cordéis na região, pelo surgimento de várias tipografias. “Uma marca que só pôde ser alcançada graças à iniciativa do poeta Francisco das Chagas Baptista, que instalou a primeira tipografia para impressão de cordéis em Guarabira, em 1909” (MEMORIAL DO CORDEL, 2017).

As capas dos primeiros folhetos de feira eram chamadas de “capas cegas” ou lisas, pois não havia nenhuma ilustração/figura, simplesmente de forma muito discreta, apareciam na forma de arabesco³ e vinhetas⁴.

Imagem 3: Capas cegas – exemplo de arabescos.



Fonte: www.istockphoto.com/br/vetor/linhas-geométrico

As pesquisas apontam que a primeira capa surgida com xilogravura nasceu em 1907 no folheto de Chagas Baptista que discorria sobre a vida de Antônio Silvino⁵, daí para frente tornou-se comum em muitos cordéis. “O início da xilogravura⁶ popular na literatura de cordel se deve, sobretudo, à pobreza dos poetas e editores em encontrar clichês de retícula ou outros, recursos gráficos para a ilustração das obras” (LUYTEN, 1983, p.257).

Na região Nordeste alguns mestres tornaram-se célebres pela criatividade e qualidade de suas “xilos”, ficando conhecidos no Brasil e no mundo, a exemplo de J. Borges (BEZERROS/PE); Dila (CARUARU/PE); Costa Leite (PARAÍBA); Stênio (JUAZEIRO/CE) (MEMORIAL DO CORDEL, 2017).

As gravuras talhadas em madeira (imburana, cedro ou pinho) possibilitaram aos artistas populares o domínio de todo o processo de edição dos folhetos. Os desenhos acompanham o conteúdo do folheto.

³ Formas geométricas frequentemente semelhantes às formas de plantas.

⁴ Pequena gravura usada para ornar ou ilustrar livros.

⁵ Manoel Baptista de Moraes, que após o assassinato do pai inicia-se no cangaço e escolhe o nome de guerra Antônio Silvino em homenagem ao tio, Silvino Aires Cavalcante de Albuquerque, cangaceiro que acolheu o sobrinho após o assassinato do pai por brigas de terras. Antônio Silvino também tinha o apelido de “Rifle de Ouro”.

⁶ As xilogravuras são as logomarcas dos cordéis. Representada por uma técnica na qual se utiliza uma prancha de madeira como matriz e possibilita a reprodução da imagem gravada.

A simplicidade das formas, as cores chapadas, a presença de motivos, paisagens e personagens nordestinas, transportam os leitores para o mundo da fantasia, imprimindo aos reis e rainhas, criaturas fantásticas e sobrenaturais, características que se aproximam do universo de experiências dos leitores (MARINHO, 2012, p.46).

Como também características do cordel, pode-se destacar a presença de poucos personagens, além das descrições das paisagens e situações não apresentarem riqueza de detalhes. Os folhetos abordam sobre tudo, não existindo restrição temática, porém, aspectos da vida de nordestinos ganham destaque maior. Os folhetos eram escritos com o intuito de serem lidos em alta voz, uma leitura pública, geralmente na sala ou terreiro da casa, em feiras ou outros ambientes, sempre na presença de um público, um grupo de interesse, onde existia a proximidade com o universo do leitor/expectador, e uma estratégia comum muito usada pelos contadores era substituir o nome dos personagens pelo nome de alguém do público presente, envolvendo assim a todos que se encontravam no local.

Muito importante para a divulgação dos folhetos são os vendedores de cordéis; eles viajavam pelas fazendas, vilarejos, feiras e pequenas cidades do sertão, e são ganhadores do mérito por propagar os contos e histórias através da narração em cordel, esses vendedores e narradores como se pode afirmar, foram e ainda hoje são, peças fundamentais para que determinada obra conquiste a atenção e o interesse do leitor. Eles sempre se faziam presentes em feiras e locais com aglomeração de pessoas, isso os ajudava para que, através do contato com as pessoas, ouvindo seus assuntos e comentários, percebessem quais assuntos geravam curiosidade, interesse, motivação e envolvimento no povo, tornando-se mais fácil saber o que querem ouvir e comprar.

Esses narradores ambulantes publicavam e vendiam seus versos e tiravam seu sustento e o da família, através dessa atividade. Por serem detentores da habilidade de interagir com o público ouvinte, através da sua voz, utilizando ferramentas simples, mas que são funcionais durante esse trabalho de popularização do cordel. Eles recitam esses versos de forma melodiosa e cadenciada, e em alguns momentos esses poemas são acompanhados de violas quando recitados, pois, a música e a literatura de cordel sempre tiveram uma forte ligação, ou também fazem leituras empolgadas, cheias de entusiasmo, para conquistar os possíveis compradores.

Inicialmente as vendas eram feitas exclusivamente pelo autor, mas, com o tempo, surgiram os agentes revendedores. Os folhetos que relatam com um tom humorístico temas do cotidiano e aventuras de heróis do imaginário popular fazem grande sucesso e chamam o interesse do público nessas feiras.

O humor é marca registrada da literatura de cordel e em alguns folhetos se apresenta com maior destaque. Em algumas narrativas o humor tem o intuito de atrair o leitor ou ouvinte para específicas problemáticas sociais, pois quando temas polêmicos são abordados de maneira humorística, tornam-se uma porta de entrada para conhecimento e envolvimento, principalmente para aqueles que ainda não conhecem a literatura de cordel. “A linguagem matuta em nada enfraquece a beleza do poema. Ao contrário, se ele fosse “corrigido” – prática desaconselhável e presente em livros didáticos – certamente perderia muito de sua musicalidade” (MARINHO, 2012, p.102).

Por ser uma importante e significativa literatura popular, o dia primeiro de agosto é “O dia do poeta da literatura de cordel” e em 1988, no Rio de Janeiro, foi fundada a Academia Brasileira de Literatura de Cordel-ABLC, com o objetivo de reunir os expoentes desse gênero, possuindo essa instituição um dos mais importantes acervos de literatura de cordel e é um dos principais centros de manutenção da tradição popular. Seu atual presidente (2017) é Gonçalo Ferreira da Silva.

Segundo a ABLC (2016), a Paraíba tem a honra de, entre os vinte e sete grandes cordelistas citados, a maioria deles, ou seja, 14 deles, serem paraibanos: Francisco das Chagas Batista, Apolônio Alves dos Santos, Francisco Sales Arêda, João Martins de Athayde, João Melchíades Ferreira, Joaquim Batista de Sena, José Camelo de Melo Resende, José Costa Leite, Leandro Gomes de Barros, Manoel Camilo dos Santos, Manoel D’Almeida Filho, Mestre Azulão, Silvino Pirauá, Zé da Luz.

Os outros 13 cordelistas citados são divididos entre os demais estados. Outro ponto de grande valor, é o fato de cinco cadeiras da ABLC serem ocupadas por paraibanos que são esses: Medeiros Braga, Chico Salles, João Dantas, Ivamberto Albuquerque Oliveira e Luis Nunes Alves, fortalecendo, através desses dados, a imensa importância da literatura de cordel para a Paraíba, marcada pela rica contribuição que os autores paraibanos oferecem a essa literatura popular brasileira.

O que nos permite dizer que o cordel, além de ser um ambiente educativo e cognitivo, é multidimensional e multifacetado, pois neles são

vistas as diversas faces da sociedade e da cultura, porque eles são elaborados a partir de uma rede de relações de conhecimentos que dão significado ao mundo e à vida e que o poeta, em sua sensibilidade apreende e interpreta (JOACHIM, 2007, p.180).

A arte cordelista proporciona um ambiente de construção de saberes, local onde ocorre a socialização de conhecimentos e admiravelmente onde o artista, o poeta, é autor e também expectador ou consumidor da sua obra artística e da dos demais colegas, existindo um interesse mútuo, uma troca, uma valorização dos artistas envolvidos nessa modalidade artística. Ninguém se torna um amante de cordel decorando de forma rígida regras sobre métricas e rimas, mas, a aquisição de um folheto é fundamental, pois esse é um bilhete com a senha para embarcar através da arte poética em uma verdadeira viagem.

3 TEATRALIDADE DO CORDEL NA EDUCAÇÃO

Neste capítulo trabalharemos o ensino de teatro voltado para uma abordagem tríplice (englobando os fazeres do corpo, das tecnologias e do corpo teórico metodológico do teatro), como proposta no teatro pedagógico, por ser uma abordagem ampla e diversa, objetivando atrair de forma envolvente o estudante, respeitando suas limitações e aptidões, para que o ensino teatral atue de maneira mais eficaz, sem o estudante ter a obrigatoriedade de subir no palco. Pode ele aprender muitas coisas em diversas áreas que compõem esse universo tão abrangente das artes cênicas e com várias possibilidades, inclusive a de ser um espectador, proporcionando assim uma troca de experiência entre professor e estudante, oferecendo uma experiência artística em sala de aula mais completa, com base no grande potencial que o teatro oferece ao processo ensino-aprendizagem. Trabalharemos também o cordel em sala de aula, sua abordagem e importância, valorizando a cultura popular no contexto escolar.

3.1 Teatro como ato pedagógico

O teatro, como importante forma de expressão artística milenar, sempre esteve presente acompanhando os seres humanos em sua coletividade, “a arte, em todas as suas formas (...) era a atividade social por *excellence*, comum a todos e elevando todos os homens acima da natureza, do mundo animal” (FISCHER, 1987, p. 47).

A experiência do teatro como processo de ensino-aprendizagem na sala de aula discute a prática teatral a partir de um olhar que proporcione um envolvimento mútuo entre estudantes em sala de aula, tendo a consciência da realidade encontrada, onde estão presentes de forma direta, a grande diversidade de saberes e a ampla abordagem que o teatro possibilita, devido ao seu caráter efêmero e vibrante. A experiência é algo que ocorre no dia a dia das pessoas, está envolvida no próprio processo de viver.

Os filósofos, inclusive os empíricos, falaram, em sua maioria, da experiência em geral. [...] Cada experiência é singular, tem começo e tem fim. Porque a vida não é uma marcha ou um fluxo uniforme e ininterrupto. É feita de histórias, cada qual com seu enredo, seu início e movimento para seu fim, cada qual com seu movimento rítmico particular, cada qual com sua qualidade não repetida, que a perpassa por inteiro (DEWEY, 2010, p.110).

Segundo Koudela (2006, p. 78) “o teatro, enquanto proposta de educação, trabalha com o potencial que todas as pessoas possuem, transformando esse recurso natural em um processo consciente”. Mas, ao invés disso, quando de repente se deparam com o ensino dessa arte, de maneira formal em sala de aula, esse sentimento que antes era representado por prazer e diversão, passa a ser sentido de uma forma inversa, onde não resta muitas vezes nem a vontade de permanecer expectador. Tudo isso como fruto de uma experiência que não foi bem trabalhada, por uma pedagogia teatral mal sucedida, muitas vezes não se levando em conta as individualidades e características marcantes de cada um, a faixa etária dos estudantes, a questão econômica, familiar e social, que influenciam diretamente no processo, tendo em vista que cada fator desses tem suas necessidades e pontos marcantes, que são modificados e transformados de acordo com cada etapa do crescimento biopsicossocial do ser humano.

Minha inquietação para com esse tema tão pouco pensado e discutido, em meio a uma rotina diária corrida em nosso meio profissional escolar, veio a partir do contraste observado através da minha própria experiência enquanto estudante (as vivências que me foram proporcionadas) e hoje como arte educadora analisando criticamente o ensino de Arte.

Fazer teatro é experimentar e “Experimentar é penetrar no ambiente, é envolver-se total e organicamente com ele” (SPOLIN, 2005, p. 3). É assim que o estudante deve se sentir, em meio às aulas de teatro envolvido pelo mundo cênico que lhe é apresentado. Para Cananéa (2016, p. 35), “por sermos sujeitos históricos, os momentos que vivemos ajudaram a nos formar como pessoa”. O que somos hoje tem grande influência em nossas escolhas, tanto pessoais quanto profissionais.

Toda essa experiência com o teatro na sala de aula visa contribuir de forma grandiosa para o crescimento pessoal e coletivo dos estudantes e terá fundamental importância na formação profissional futura desses jovens. A arte existe porque a vida não se basta, já dizia o poeta Ferreira Gullar (s/a) em suas falas públicas. Está lecionando Artes para mim, representa responsabilidade e comprometimento em continuar a plantar a boa semente, que tem germinado, motivando-me a desejar que outros estudantes possam desfrutar do prazer que a arte teatral proporciona

em sua prática e fortalecendo a construção de possibilidades de cidadania, por meio dessas práticas.

Estivemos, nesta pesquisa, refletindo entre a teoria e a prática, sobre a atividade docente diária no âmbito escolar e social, reconhecendo que “a arte tem uma contribuição única a dar para a experiência e a cultura humana, diferenciando-a de outros campos de estudo” (KOUDELA, 2006, p. 18) e isso representa um importante legado para a humanidade. A pedagogia teatral em si, representa um grande desafio, uma responsabilidade que é colocada nas mãos do arte educador, de desenvolver um trabalho focado e comprometido com a visão de que “a arte teatral pode e precisa ser acessível a todos” (DESGRANGES, 2011, p. 36).

A comunidade estudantil de hoje precisa vivenciar o teatro dessa forma, com envolvimento e prazer. Assim, este trabalho é escrito com a motivação de pensar o tema, na perspectiva do aprimoramento da prática docente no ensino de teatro em sala de aula, para que assim, seja rompido esse círculo vicioso de se “aleijar” pessoas através de fórmulas de ensino engessadas e que muitas vezes, promovem rejeição em vez de atração ao processo de ensino-aprendizagem que envolve diretamente professor e o estudante.

Processo esse que, diariamente, se apresenta de forma desafiadora em meio a todas as dificuldades estruturais e sociais que o ensino das artes apresenta, indo, desde a falta de espaço físico, até o preconceito que a arte sofre entre a comunidade escolar em geral. No âmbito educacional, no ensino fundamental e médio, podemos presenciar isso na prática diária. “Constata-se que o ensino das artes, na educação escolar brasileira, segue concebido por muitos professores, funcionários de escolas, pais de estudantes e os próprios estudantes como supérfluo, caracterizado quase sempre como lazer, recreação” (JAPIASSU, 2001, p. 23).

Essa visão coloca o ensino das artes de maneira descomprometida e desqualificada, tornando-se uma disciplina lecionada por qualquer pessoa, sem necessariamente a exigência de uma qualificação profissional. Esse é um desafio que vem se tentando mudar ao longo de décadas, encarar a arte apenas como lazer ou recreação, ou aquele momento de os estudantes descansarem das disciplinas “ditas sérias”. Partir em busca de “um teatro fortemente marcado por sua vontade educacional” (DESGRANGES, 2011, p. 51) é a perspectiva que buscamos ao refletirmos as práticas

do ensino teatral, com base numa visão geral da pedagogia do teatro, na busca de uma experiência prazerosa e com envolvimento social. Nessa direção procuramos, a partir de análises feitas sobre o tema, compreender uma prática docente mais completa, baseada no ensino de teatro direcionado pela tríplice abordagem, que mais à frente estaremos relatando.

Reconhecemos a representação como uma necessidade que “desde a infância os homens tem, na sua natureza, uma tendência a representar e uma tendência a sentir prazer com as representações” (GUÉNOUN, 2004, p. 18). Fato esse que, com o passar dos anos e o crescimento do ser humano, vai sendo abandonada essa infância, se perdendo no tempo, pelos padrões de uma sociedade engessada, caótica e impessoal, onde as necessidades e o prazer do indivíduo sempre ficam em segundo plano, pois o primeiro é ocupado por interesses mercantilistas do nosso sistema capitalista.

Brandão (1985) afirma que:

Vivemos a experiência de uma cultura que, se de um lado acelera os mecanismos sociais e pedagógicos da concorrência e da competição, a ponto de aos poucos transformar a própria educação em uma espera ansiosa de um exame para acesso a uma universidade inimaginável, de outro lado transforma competidores em assistentes ou praticantes de tarefas uniformes e fáceis, dentro de um mundo onde todas as coisas são pré-construídas, todas as questões antecipadas e todas as dificuldades pré-solucionadas (p. 122).

Essa é uma realidade da educação ainda hoje, muitas vezes nos deparamos com a corrida da vida em um círculo vicioso, competir, concorrer, ser o melhor, ser o número “um”, crianças que desde muito cedo são acostumadas a esse padrão, muitas vezes lhes sendo roubada a chance de vivenciar, de ter uma experiência e ir aos poucos aprendendo com essas experiências vividas. Estudantes que não são preparados para a vida, mas que muitas vezes sem se levar em conta princípios e valores humanos, são direcionados como o lançar de uma flecha, para única e exclusivamente, exames seletivos para ingressar em uma carreira, carreira essa que, muitas vezes eles não apresentam segurança de escolha e em grande parte são influenciados por terceiros.

Por outro lado, estudantes são preparados na maioria das vezes com uma educação muito técnica, onde ao indivíduo não é dada oportunidade de criar, como se ele não fosse um ser pensante, o rodeando de práticas laborais uniformes, que muitas vezes estão a serviço de um mercado de consumo, em um mundo onde as respostas já

estão prontas e que tudo parece ser “descartável” inclusive os seres humanos. Em um mundo onde o pensar, o ser crítico e o criar, já não tem valor, associado a todos esses fatores, ainda nos deparamos com uma pedagogia do teatro ultrapassada, mas que ainda hoje podemos observar na maioria das aulas de teatro, processos de obrigatoriedade do fazer teatral, onde o ensino é trabalhado pela perspectiva de um único lado, o de ser ator, a necessidade de se estar no palco. Ao meu ver, o teatro na sala de aula não visa formar atores e, sim, proporcionar, por meio da experiência com a teatralidade descobrir-se e descobrir o outro na cena, na construção lúdica dos jogos teatrais.

Com base na necessidade que acompanha o homem desde sua infância, com a representação e o prazer de ver as representações, é que o teatro se consolida como uma atividade de mão dupla, onde estão presentes duas peças chave, a existência do ator e do espectador, onde ambos têm seu imenso e insubstituível valor. O teatro segundo Japiassu (2001, p. 28) “passou a ser reconhecido como forma de conhecimento, capaz de mobilizar, coordenando as dimensões sensório-motora, simbólica, afetiva e cognitiva da realidade humana”. E aí fica a pergunta, porque mesmo com esse reconhecimento que o teatro vem adquirindo de forma teórica, na prática escolar podemos constatar uma desmobilização?

Muito se tem conquistado com relação ao ensino de teatro na educação, por meio de leis e editais buscando suprir essa necessidade. Debates em cursos, seminários, graduações e pós-graduações, trabalhando-se para uma efetivação qualitativa da atividade nas instituições de ensino, porém, infelizmente na prática diária, essa gama de esforços parecem poucos ou insuficientes, tendo em vista o alto número de escolas públicas e privadas no âmbito municipal, estadual e até mesmo nacional, que ainda se encontram órfãs e desprivilegiadas pela falta do ensino teatral, sendo essa uma triste realidade. Um quadro de escolas onde o teatro não passa de utopia, e seus estudantes são ao longo dos anos podados da oportunidade de experimentar essa expressão artística importantíssima e tão significativa para o indivíduo e a sociedade em geral.

Muito ainda precisa ser analisado com relação a arte educação, para que seja possível promover ao estudante, o crescimento pessoal que o teatro pode proporcionar e que atualmente as ações demonstram-se insuficientes dentro do espaço escolar, o ensino de Arte, ainda apresenta-se em processo, mesmo hoje sendo oferecido por profissionais licenciados em áreas específicas, o que foi uma grande evolução com a

aprovação da LDB-Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional-Lei nº 9.394 de 1996, onde o ensino de Arte passa a ser obrigatório e traz consigo, uma defesa do ensino das artes cênicas na escola fundamental como uma necessidade.

Sendo assim, mesmo sem uma boa efetivação prática, o trabalho dos professores de Artes, tem trazido contribuições para o reconhecimento do ensino de teatro na escola como algo que vai muito além do entretenimento, como uma importante forma de comunicação e expressão, porém, mesmo após a aprovação da lei, vamos encontrar, uma grande parte do corpo docente em escolas públicas e privadas, lecionando como “leigos” no processo pedagógico do teatro, além de encontrarmos docentes de disciplinas como história, geografia, ciência e inglês, complementando a sua carga horária de trabalho lecionando a disciplina Arte, o que de forma inevitável gera uma lacuna ao estudante, pois não estará recebendo os ensinamentos a partir de um profissional da área.

Ser espectador é algo ativo e proativo, ou deveria ser:

O primeiro aspecto pedagógico presente na experiência com a arte é a atitude proposta ao contemplador, ou seja, o fator artístico solicita que o indivíduo formule interpretações próprias acerca das provocações estéticas feitas pelo autor, elaborando um ato que é também autoral (DESGRANGES, 2011, p. 28).

Esse autor traz a importância do espectador para o teatro de forma ativa, participativa e a divide em dois momentos: “Em um primeiro momento o espectador se aproxima da obra, vivenciando-a e, em um segundo momento se afasta dela para refletir sobre ela, compreendendo-a” (DESGRANGES, 2011, p. 29).

Em uma experiência artística, tudo tem um valor, uma função determinada e com importância específica:

Quanto mais interagimos, comunicamos, fazemos uso das linguagens, sejam elas artísticas ou não, mais somos uma troca com o outro. Mais mista torna-se nossa individualidade. Mais coletivas ficam nossas características. Que nos percebamos então, todos nós, compostos por fragmentos de uma unicidade (OLIVEIRA, 2012a, p. 27).

Para o teatro essa unicidade é fundamental, ator e espectador estão ligados um ao outro de maneira que sem ator não há teatro, porém também é primordial a existência do espectador, sem espectador não há teatro. O teatro é isso, essa junção, essa troca

de querer ver e querer ser visto, entendendo que a atuação do ator interfere na plateia e a atuação da plateia, seja ela ativa ou não, interfere diretamente no trabalho do ator.

Ambos interagem, se comunicam, através de uma linguagem que é própria do mundo cênico. Mistura-se, se envolvem cada um com suas individualidades específicas, e dessa troca ator-espectador, espectador-ator, acontece a magia envolvente do teatro. Se essa visão fizesse parte da nossa prática diária no ensino de Arte, seria visto com outros olhos o trabalho de formação e conscientização de plateia, o trabalho junto aos estudantes com o ensino de teatro na sala de aula, passaria a ser entendido como um agente participante do processo de ensino-aprendizagem.

Talvez essa mudança de ponto de vista e de atitude frente ao ensino, trouxesse um pouco mais de equilíbrio para algo que hoje podemos observar, como uma enorme disparidade de números com relação à grande quantidade de pessoas que buscam fazer cursos de teatro fora das salas de aulas e por outro lado, o pequeno número de espectadores que buscam assistir a arte teatral. Podemos observar que não deve existir a obrigatoriedade de subir no palco. Um estudante pode aprender muitas coisas em diversas áreas que compõem esse universo tão abrangente do teatro e com várias abordagens, inclusive a de ser um espectador, pois “a participação do espectador, precisa ser compreendida como um ato criativo, produtivo e autoral” (DESGRANGES, 2011, p. 37). Inclusive existindo ocasiões em que ele é convidado a criar, produzir e “autorar”.

Além do teatro atuar com forte influência na construção de valores e princípios sociais de grande importância como Cartaxo (2001, p. 43) defende: “Nesse sentido a atividade lúdica, surge pedagogicamente, como à base estruturadora da organização do grupo, desenvolvendo aspectos de solidariedade, respeito, compreensão, democracia, liderança e liberdade”, com base no grande potencial que o teatro oferece ao processo ensino-aprendizagem.

Para que essa gama de qualidades seja verdade e atuem de maneira eficaz, precisa-se ter um olhar voltado para uma abordagem tríplice, como proposta no teatro pedagógico, englobando os fazeres do corpo (a interação entre o corpo que está fazendo e o que está assistindo, em seu estado intencionalmente alterado e com uma consciência clara e objetiva dessa troca experiencial), das tecnologias (cenografia, figurino, maquiagem, iluminação, cenotécnica, audiovisual) e do corpo teórico

metodológico do teatro que compõem: a história, crítica, teoria, pedagogia, registros, proporcionando assim uma troca de experiência entre professor e estudante, oferecendo uma experiência artística com o teatro em sala de aula mais completa.

Para que essa experiência aconteça acompanhada do que Dewey (2010, p. 84) chama de “Experiência estética”, ou seja, uma percepção prazerosa, o estudante em sala de aula não pode ser visto como uma “esponja”, sempre pronto a absorver tudo aquilo que lhe é colocado sem levar em consideração aquilo que lhe traz satisfação. Segundo Freire (1983, p. 75) “a verdadeira educação é um ato dinâmico e permanente de conhecimento centrado na descoberta, análise e transformação da realidade pelos que a vivem”.

Isso é uma realidade, o educando já traz consigo uma bagagem de conhecimentos e experiências das mais diversas possíveis, construídas a partir da sua vivência com seu círculo de influência, família e amigos, de modo que o processo ensino-aprendizagem se apresenta muito rico e dinâmico, é uma troca de saberes constante. Educador e educando estão juntos, ensinam juntos, aprendem juntos, um interfere diretamente no outro gerando novidade, transformações individuais e coletivas, que dão sentido a um processo mútuo e ativo.

Na prática diária docente em sala de aula, nos deparamos a cada instante, com essa realidade estudantil, sempre podemos perceber as preferências e aptidões de cada estudante: uns se envolvem diretamente em atividades práticas, outros se animam e se dedicam mais em atividades técnicas ou teóricas, e cabe ao professor, essa visão crítica e de certa forma personalizada para atuar fazendo uso de uma abordagem ampla e diversa, objetivando atrair de forma envolvente e satisfatória o estudante, respeitando as limitações e faixa etária de cada um, proporcionando a eles uma aprendizagem eficaz no extenso âmbito das artes cênicas, dando-lhes assim, a oportunidade do desenvolvimento da reflexão crítica e do pensar com o corpo, com a voz e com as inúmeras possibilidades de ler a realidade do mundo por meio do teatro.

Nessa perspectiva, se busca “fortalecer em seus protagonistas a descoberta e o exercício de suas potencialidades e talentos artístico-culturais, sem abdicar de ajudá-los também a identificar e a superar os próprios limites, pelo exercício contínuo da autocrítica. Promover o uso das múltiplas linguagens, de modo a não tornar seus participantes reféns do uso exclusivo da oralidade” (CANANÉA, 2016, p. 170).

Todos podem aprender teatro pela abordagem que lhe for mais confortável, mais prazerosa e assim ser gerado o interesse da aprendizagem da atividade teatral, não pela obrigação de se cumprir um programa de aulas, mas pela livre e espontânea vontade de aprender, de forma apreciativa e voluntária, fazendo uso do saber compartilhado, onde não apenas o professor é o detentor de todo o saber, porém, ele atua diretamente como um facilitador do processo ensino-aprendizagem, estimulando seus estudantes para que possam desenvolver ao máximo o potencial individual que cada um possui e permitindo que o processo seja enriquecido por meio da contribuição direta de cada indivíduo envolvido na vivência em sala de aula.

Atuar com a visão crítica do que é positivo para o processo, de maneira a promover um crescimento através da atração do estudante para as práticas teatrais, mantendo-o envolvido por interesse próprio, por satisfação pessoal e “agregar aspectos positivos que promovam melhoria no processo de ensino-aprendizagem é o desejo de todo educador” (OLIVEIRA, 2012b, p. 14).

Reconhecemos que cada pessoa já tem em si um acúmulo de experiências, conhecimentos e vivências que influenciam diretamente sua percepção e isso é o que Dewey (2010) chama de carga direta. Ainda mais importante é o fato de que o estudante que reage na produção do objeto experimentado é um sujeito cujas tendências de observação, desejo e emoção são moldados por experiências anteriores. Ele carrega em si as experiências passadas não por uma memória consciente, mas pela carga direta (Idem, p. 240).

Como arte educadora sinto-me inquieta quanto às mudanças necessárias a serem feitas no ensino de teatro na escola, saírem do papel, dos debates orais e ainda na mente dos docentes, para serem quebrados paradigmas, para que essa mudança do pensar derrube barreiras e ultrapasse para uma prática diferente, uma prática que atenda a uma necessidade que urge por modificações, onde se torne mais abrangente e atuante o fazer teatral, saindo única e exclusivamente dos palcos e acompanhando as infinitas possibilidades que o teatro oferece, por fazer parte das artes cênicas, sendo essa uma área tão expressiva e inclusiva. Assim como a pedagogia do teatro foi ao longo do tempo se transformando, sendo moldada de acordo com as necessidades e realidades de cada momento histórico, “é necessário essa inquietação e provocação se fazer presente no âmbito da instituição escolar” (DESGRANGES, 2011, p. 15).

A escola, de maneira geral, incluindo estudantes, arte educadores e demais profissionais envolvidos no processo, precisa colocar em prática um olhar amplo para essa pedagogia, passando a enxergar o fazer teatral no contexto estudantil como um todo, entendendo suas particularidades, assim como os aspectos que facilitam e dificultam na prática diária, a expansão do saber teatral em contextos dos mais amplos e diversos, proporcionando assim uma prática educacional cênica transformadora, edificante e completa:

A arte é o meio indispensável para essa união do indivíduo com o todo; reflete a infinita capacidade humana para a associação, para a circulação de experiências e ideias. Essa definição da arte como o meio de tornar-se um com o todo da realidade, como o caminho do indivíduo para a plenitude (FISCHER, 1987, p. 13).

Ousemos e modifiquemos nossas práticas teatrais em sala de aula, para que a experiência artística possa ser vivenciada como uma experiência estética e de ampla vivência por todos os envolvidos no fazer educacional.

A arte pode elevar o homem de um estado de fragmentação a um estado de ser íntegro e total. A arte capacita o homem para compreender a realidade e o ajuda não só a suportá-la como a transformá-la, aumentando-lhe a determinação de torná-la mais humana e mais hospitaleira para a humanidade. A arte, ela própria, é uma realidade social (FISCHER, 1987, p. 57).

De acordo com Oliveira (2017, p.59) “na escola temos o dever de ensinar e a missão de aprender, que façamos de forma significativa, criativa e interessante aos estudantes. Que façamos Arte”. Ao tempo em que reafirmamos a importância do ensino do teatro na sala de aula, registramos o retrocesso que o governo federal tenta impor à educação brasileira, com a reforma do ensino médio – Lei nº 13.415/2017, retirando da matriz curricular, a possibilidade de se pensar de forma autônoma e crítica, pois tornar não obrigatório o ensino de história é querer matar nossa memória, nossa arte, enfim, nossa historicidade.

Também nessa lei houve a flexibilização da necessidade de se ter licenciatura para lecionar, introduzindo o notório saber para todas as disciplinas, legalizando o que de certa forma existe em alguns lugares onde professores de outras áreas complementam sua carga horária lecionando artes e outras disciplinas. Trazendo prejuízo ao ensino de Arte e notadamente ao teatro, como processo de ensino-aprendizagem. A Arte é necessária, ela está presente como o

meio substancial para a plenitude humana, “enquanto a própria humanidade não morrer, a arte não morrerá” (FISCHER, 1987, p.254) façamos Arte, façamos teatro na educação.

4 TEATRALIDADE DO CORDEL A PARTIR DA OBRA DO CORDELISTA BARAÚNA

A realização de uma pesquisa vem a exigir que apontemos os caminhos que foram percorridos e a maneira como foi organizada para sua execução, conforme afirma Gerhardt (2009, p.12) “Metodologia é o estudo da organização, dos caminhos a serem percorridos, para se realizar uma pesquisa”. Estaremos, pois, demonstrando que nosso procedimento foi o da pesquisa participante com uma abordagem qualitativa. Pretendemos, com a abordagem qualitativa preocupar-nos, com aqueles aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-nos na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais que foram oportunizadas por meio dos jogos teatrais e da literatura de cordel, trabalhadas com um grupo de estudantes do ensino fundamental público na cidade paraibana de Pilões (GERHARDT, 2009, p.31-32).

Os estudantes da Escola Municipal de Ensino Fundamental 2ª fase Vereadora Neusa Pereira da Silva, na cidade paraibana de Pilões, teriam a oportunidade de experimentar o teatro. E “os métodos de ensino têm que considerar em seus determinantes não só a realidade vital da escola (representada principalmente pelas figuras do educador e do educando), mas também a realidade sociocultural em que está inserida” (RAYS, 1996, p.86). Por isso, nessa pesquisa, trabalhamos o teatro a partir da riqueza artística que temos na própria cidade, seus talentos culturais, a identidade cultural das pessoas dessa cidade. Por aí comecei minha pesquisa, foi quando tive o privilégio de conhecer um morador de Pilões muito especial, era o escritor cordelista Baraúna, homem modesto, de família humilde, que trazia em suas veias artísticas o cordel como tradição e talento. Artista esforçado, comprometido e apaixonado pelo que faz, porém com suas obras pouquíssimo aproveitadas na cidade e principalmente no espaço escolar.

Ainda de acordo com Marinho (2012, p.7), “O cordel, ‘sinônimo de poesia popular em verso’ e uma das mais importantes manifestações da cultura popular brasileira, seja considerado um legítimo objeto de ensino” Daí aparece como uma lâmpada acesa, o tripé que serve de base para a minha pesquisa: teatro, estudantes e realidade local. Assim surge a pesquisa, com muita motivação e desejo de levar os estudantes a uma vivência teatral, fomentando a valorização da cultura local, a partir dos conhecimentos produzidos na pequena cidade de Pilões, nesse caso a literatura

de cordel, onde o “procedimento metodológico que oriente o trabalho com o cordel terá que favorecer o diálogo com a cultura da qual ele emana e, ao mesmo tempo, uma experiência entre professores, alunos e demais participantes do processo” (Idem, p.126).

Segundo Severino (2007), essa forma de mergulho entre os sujeitos da pesquisa, é uma pesquisa participante:

É aquela em que o pesquisador, para realizar a observação dos fenômenos, compartilha a vivência dos sujeitos pesquisados, participando, de forma sistemática e permanente, ao longo do tempo da pesquisa, das suas atividades. O pesquisador coloca-se numa postura de identificação com os pesquisados. Passa a interagir com eles em todas as situações, acompanhando todas as ações praticadas pelos sujeitos. Observando as manifestações dos sujeitos e as situações vividas, vai registrando descritivamente todos os elementos observados bem como as análises e considerações que fizer ao longo dessa participação (p.120).

Como arte educadora, a vivência com os estudantes pesquisados já fazia parte do meu universo, mas a partir da pesquisa, principalmente em sua parte prática, deu-se início a uma nova sistemática de ensino, que a princípio funcionaria no contra-turno escolar, para se tornar possível a execução das atividades práticas e análises ao longo do processo. Fortalecendo a característica da pesquisa participante, vemos que “esse tipo de pesquisa caracteriza-se pelo envolvimento e identificação do pesquisador com as pessoas investigadas” (GERHARDT, 2009, p.40).

O envolvimento professor-estudante no ensino de arte, já fazia parte da minha história de vida desde a adolescência, só que agora esse envolvimento acontece e especificamente nessa pesquisa, comigo do outro lado da moeda, de estudante, hoje eu sou a professora de arte, fato esse que me traz muito orgulho, alegria e satisfação.

Entre as suas diferentes alternativas, de modo geral, as pesquisas participantes alinham-se em projetos de envolvimento e mútuo compromisso. (...) de modo geral, elas partem de diferentes possibilidades de relacionamentos entre os dois polos de atores sociais envolvidos, interativos e participantes (BRANDÃO, 2007, p.53).

O mútuo compromisso é um ponto forte da pesquisa, pois não adiantaria nada ter uma professora envolvida, querendo levar uma experiência artística com o teatro, se alinhado a essa iniciativa não existisse estudantes compartilhando desse mesmo

desejo de experimentar o teatro, estudantes envolvidos pela vontade participativa. A esse respeito Bordenave (1983) afirma:

A participação tem duas bases complementares: uma base afetiva - participamos porque sentimos prazer em fazer coisas com outros - e uma base instrumental - participamos porque fazer coisas com outros é mais eficaz e eficiente que fazê-las sozinhos (p.16).

A participação dos estudantes de maneira espontânea, uma vez que essa pesquisa não entra para o boletim estudantil com validade de nota em nenhuma disciplina, é algo maravilhoso, perceber na presença deles uma satisfação afetiva, onde a expressão prazer na atividade coletiva, e com a consciência de que além do afetivo, existe o encorajamento de estarem trabalhando em grupo.

Pergunta-se a qualquer pessoa o que é participação e, com toda certeza, ela mencionará a palavra “parte” em sua resposta. Seguramente vai dizer que “participar é fazer parte de algum grupo ou associação”, ou “tomar parte numa determinada atividade”, ou, ainda, “ter parte num negócio”. (...). De fato, a palavra participação vem da palavra parte. Participação é fazer parte, tomar parte ou ter parte (BORDENAVE, 1983, p.22).

Esse é o sentimento que como pesquisadora acredito ser importante para o grupo de estudantes que se envolveram na pesquisa. Se sentir participante, se sentir parte, fazer parte, ser parte, são agentes construtores do processo. O ato de compromisso por parte dos estudantes é fundamental, sua presença é indispensável.

Para Bordenave (Idem, p.14). “No entanto, se procurarmos a motivação dos participantes de uma atividade comunitária qualquer, notaremos neles uma satisfação pessoal e íntima que com frequência vai além dos resultados úteis de sua participação”. Em um primeiro momento esse era o foco principal, levar os estudantes a uma experiência teatral, sem se preocupar tanto com os resultados, mas com o processo, buscando que nessa participação estivesse presente a satisfação pessoal de cada um envolvido, que eles sentissem o desejo de estarem ali.

A experiência em si tem um importante papel para todo o processo pedagógico, utilizada didaticamente para proporcionar aos estudantes, chances de observar e discutir em grupo, e a partir das atividades desenvolvidas fosse construído um relacionamento participativo entre todos, utilizando-se os jogos teatrais e a literatura de cordel, como fio condutor.

Para que esse relacionamento tivesse início, foi feita a opção de trabalhar com um grupo de interesse formado por alunos do 6º ao 9º ano dos turnos manhã e tarde. Para isso foi feito um trabalho de conscientização, incentivo e convite, onde eu, a professora da escola e pesquisadora, passei de sala em sala conversando e explicando a proposta aos estudantes para que os interessados fizessem a inscrição no curso de teatro que estaria sendo ministrado a partir da adesão dos estudantes. Antes de passar nas salas de aula, também foi realizado um encontro com a direção da escola e com o secretário de educação do município, para apresentação do projeto e sensibilização com relação à importância do mesmo.

Para Brandão (2007, p.53) “A pesquisa participante tende a ser concebida como um instrumento, um método de ação científica ou um momento de um trabalho popular de dimensão pedagógica”. É um instrumento pedagógico de aprendizado e diálogo, naturalmente exercendo uma ação educativa. “Aspiram participar de processos mais amplos e contínuos de construção progressiva de um saber mais partilhado, mais abrangente e mais sensível” (Idem, p.57). Era uma proposta nova para aqueles estudantes, representava um momento dinâmico, assim como uma pesquisa participante deve ser, e para minha surpresa nessa etapa do processo 23 estudantes aderiam espontaneamente a ideia lançada.

A pesquisa além de participante terá uma abordagem qualitativa. “A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização” (GERHARDT, 2009, p.31). Sendo assim, a abordagem qualitativa em sua essência “preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações” (Idem, p.32).

Essa consciência está bem presente ao longo de todo o processo, é numericamente impossível mensurar os resultados em frações de quantidades, de forma exata, pois o foco volta-se em uma visão do trabalho na construção de um processo, que nos leve a compreender a dinâmica das relações por meio da vivência teatral. “O objetivo da amostra é de produzir informações aprofundadas e ilustrativas: seja ela pequena ou grande, o que importa é que ela seja capaz de produzir novas informações” (DESLAURIERS, 1991, p.58). Esse é o foco no processo e não apenas

nos resultados, analisando como se dá esse ato de ter uma nova experiência e como acontece essa vivência prática com o teatro.

A pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2001, p.14).

É esse universo que vai falar mais que números, os significados encontrados no processo, o que motiva os estudantes a participarem, que atitudes estão diretamente envolvidas, situações subjetivas que os números não conseguem representar. “A pesquisa qualitativa tem o objetivo de explicar determinado fato, sem medir unidades ou categorias homogêneas” (FIOREZE, 2002, p.27).

Tudo, todo o processo com seus detalhes e particularidades tem um valor fundamental como resultado e vai muito mais, além dos números estão às relações construídas e os fenômenos observados, pois essas são características marcantes da abordagem qualitativa: objetivação do fenômeno, as descrições das ações e acima de tudo a busca pela compreensão e explicação das relações. “Terá uma abordagem qualitativa, em que haverá uma interpretação, construção e descoberta de teorias, com pesquisador atuando como um sujeito ativo na sua pesquisa” (FORSTER, 2010, p.569).

A escola em que desenvolvemos a pesquisa enfrenta diversos desafios e um dos encontrados que dificultou o processo foi a inexistência de prédio próprio, sendo a escola instalada em um prédio alugado de espaço físico muito restrito e apertado, tornando-se o trabalho inviável pela falta de estrutura física. Mesmo a execução das oficinas cênicas dentro do prédio em que a escola está desenvolvendo suas atividades, ficavam inviáveis. Para resolver esse desafio comecei a buscar espaços dentro da cidade que eu pudesse trabalhar com os estudantes para a realização das ações e da pesquisa em sua parte prática.

Na cidade, existe ao lado da escola, um salão pertencente à paróquia da igreja católica que foi solicitado através da diretora da escola em questão, mas infelizmente o mesmo só poderia ser utilizado se fosse alugado e por questões de limitações financeiras não conseguimos trabalhar nesse prédio. Dando continuidade a busca por espaço físico me reuni com o responsável pelo prédio da Igreja Evangélica Batista em Pilões e após solicitação feita em reunião, foi cedido, de forma gratuita, o prédio da

igreja, com som, data show e toda a estrutura física, ficando a nossa disposição todos os sábados pela manhã para que as atividades fossem realizadas e a pesquisa desenvolvida.

Metodologicamente desenvolvemos dois períodos de ação detalhados abaixo:

Os componentes teóricos atuaram diretamente dando uma base sólida de se trabalhar durante todo o processo da pesquisa. É através da teoria que enriquecemos a prática com uma fundamentação prévia que trouxe segurança, com atividades executadas, embasadas em conhecimentos, proporcionando reflexões. Os temas que direcionaram as leituras foram:

- Teatro na educação;
- Jogos teatrais;
- Cordel (contexto e história);
- Elementos importantes para uma encenação (corpo, voz, cenário, figurino e interpretação).

Além desses temas e componentes teóricos citados acima caminhamos com um olhar pela pesquisa participante, de abordagem qualitativa como já foi descrito anteriormente, tendo em vista que a ação prática da pesquisa trabalhou a realidade dos estudantes envolvidos nessa ação, bem como esta pesquisadora, que buscará empoderar-se dessa ação para melhor refletir, agir e novamente atuar.

De forma prática, foi realizada uma oficina com período planejado inicialmente para três meses, que teve início em setembro de 2016, sendo interrompida no início de novembro de 2016 quando a pesquisadora sofreu desafios relacionados à saúde. Com o início do ano letivo 2017 a oficina foi replanejada para seis meses, (de abril a setembro de 2017) com um encontro por semana com a duração de duas horas cada. Nesses encontros, foram trabalhados jogos teatrais, que segundo Ryngaert (2009):

Há muito tempo os teóricos do jogo chamam atenção para seu caráter insubstituível nas aprendizagens. O jogo facilita uma espécie de experimentação sem risco real, na qual a criança se envolve profundamente. Ele se caracteriza pela concentração e engajamento (p.39).

O jogo durante as oficinas facilitou todo o processo, mantendo os estudantes envolvidos, pois através dele houve realmente o engajamento de todos no trabalho executado, “através do jogo de improvisação, trabalhamos com a resistência

característica dessa faixa etária em utilizar o próprio corpo e ocupar o espaço físico” (KOUDELA, 2006, p.78). Percebe-se no trabalho a quebra da resistência através dos jogos, estudantes mais participativos e motivados, atuando no processo ensino-aprendizagem com prazer e recebendo o lúdico com tudo o que ele proporciona, satisfação e divertimento. “A atividade lúdica é, de fato, um meio de motivação na sala de aula, que torna o processo de ensino-aprendizagem prazeroso. Lúdico é tudo aquilo que se dá através do jogo, da brincadeira, da dinâmica, do divertimento” (CARTAXO, 2001, p.43).

Além dos jogos teatrais que foram usados como um caminho para o fazer teatro na educação, também trabalhamos leituras dos cordéis do escritor Baraúna. Essas leituras foram seguidas de rodas de debates e reflexões, conscientes que “abrir as portas da escola para o conhecimento e a experiência com a literatura de cordel, e a literatura popular como um todo, é uma conquista da maior importância” (MARINHO, 2012, p.11).

Após esse período, pretendia-se desenvolver um trabalho teatral com a obra de Baraúna, transformando em cena o próprio cordel, valorizando assim as características dessa literatura, estando presente em cena as rimas dos versos nas estrofes do texto. A ideia é que esse trabalho fosse planejado e construído com os próprios estudantes, e apresentado na semana de 04 a 08 de setembro (2017), onde ocorre a semana de arte e cultura da escola, e o trabalho seria apresentado como um resultado final do período de oficina.

Durante o período prático foram feitos registros das atividades em diário de campo específico para isso, além de vídeo, fotos e entrevistas com os estudantes durante as oficinas e construção do trabalho teatral final. Isso deu apoio à escrita acadêmica desenvolvida durante o processo (foram filmados e entrevistados os estudantes com a devida autorização dos pais ou responsáveis).

Essa pesquisa pretendeu levar os estudantes da escola Neusa Pereira da Silva, a experienciar o teatro dando-lhes a oportunidade da vivência teatral, da reflexão crítica e do pensar com o corpo, com a voz e com as inúmeras possibilidades de ler a realidade local por meio da obra de cordel do cordelista Baraúna, por meio do teatro, realizando um processo criativo cênico com os estudantes. O processo consistiu, também, em promover a leitura de cordéis, a partir de algumas obras do escritor que

foram selecionadas dentre as que o cordelista fala de cultura, arte, teatro e identidade cultural, trabalhando a análise textual com os estudantes, dentro das oficinas de teatro, que proporcionaram interação em grupo, levando os estudantes a participação espontânea, refletindo e discutindo entre o grupo sobre a importância do teatro na educação e consequentemente no processo de ensino-aprendizagem da Arte.

5 UMA EXPERIÊNCIA NA ESCOLA NEUSA PEREIRA DA SILVA

Escrever este capítulo dissertando aqui uma análise com reflexão crítica de todo processo que foi realizado, apresentando os resultados com o detalhamento da atuação artístico-cultural e pedagógica, não é uma tarefa simples em meio a tantas experiências vividas ao longo da trajetória de estudos e desenvolvimento da pesquisa, mas ao mesmo tempo em que não é simples, é também muito gratificante e prazeroso lembrar-se de cada momento e reviver na memória cada aprendizado que me foi proporcionado ao me envolver e participar desse trabalho.

Desde o início, sempre levei a sala de aula a sério, me sinto responsável por cada estudante que se apresenta diante de mim e no caso específico dessa pesquisa, eu era consciente que ia começar a plantar uma semente que germinaria, e dentro de mim existe a responsabilidade de cultivar bem essa semente da arte que um dia foi plantada em mim e que até hoje gera frutos. Oferecer àqueles estudantes a oportunidade de experimentar a arte, de vivenciar o teatro, era confiar que isso podia gerar dentro deles um encantamento proporcionado pelo poder que a arte, o teatro, a dança, a música, exerce no ser humano, e creio que esse poder, esse encantamento, esse encontro do ser humano com ele mesmo, por meio da arte, independe do tempo, da geração, da tecnologia digital que vem a cada dia mais se expandindo com benefícios sociais, mas também observando que as pessoas se encontram cada vez mais isoladas em seu meio virtual, ao passo que a arte e, nesse caso o teatro, socializa, envolve, cria laços, empodera, nos leva novamente a sonhar e nos faz sentir vivos. Essa é uma experiência vivida por mim a partir dos dez anos de idade como estudante e que não teve mais fim. Experiência essa que eu desejo perpetuar por outras gerações e que ao longo deste capítulo vamos poder perceber que está viva e atuante.

Vou expressar com a maior riqueza de detalhes possível sobre cada aspecto dessa construção coletiva artística e pedagógica, registrando o roteiro, a sonoplastia, o figurino⁷, as vivências, as oficinas, o relacionamento desenvolvido, bem como o crescimento social e pessoal de cada participante. Para mim, que estava à frente do

⁷ O figurino da culminância foi emprestado pelo CRAS (Centro de Referência em Assistência Social) da cidade.

trabalho e iniciei com várias expectativas, me sinto realizada e com no meu entendimento resultados maravilhosos, resultados esses que tenho o prazer de compartilhar nas páginas que são escritas nesse capítulo.

O roteiro da apresentação nasceu de uma construção coletiva, da junção das vivências nas oficinas de teatro, dos jogos teatrais e populares, músicas nordestinas conhecidas, o cordel escolhido pelo grupo, somado as experiências individuais que cada um trazia consigo.

A escolha da obra do cordelista pilonense que seria utilizada na apresentação final aconteceu com diálogos entre mim e o grupo, e com uma tomada de consciência do grupo que me chamou a atenção. Durante as oficinas foram trabalhados e lidos vários cordéis do autor, coletivamente selecionados para os encontros, cordéis que falavam de educação, política, histórias da cidade e que também falassem do próprio cordel, como por exemplo: Subindo a Serra do Espinho; A Ortografia em Cordel; Mini Resumo da Gramática; O Linguajar do Matuto Paraibano; Minha Paraíba o melhor estado do Brasil; A peleja do Menino Estudioso e o Que não Sabia Ler; Pilões Florida te Quero; Receita para Cordel; Ensinando Fazer Cordel; A Importância do Saber; O Valor que o Cordel Tem; Caminhos do Frio de Pilões; todos compõem a obra do cordelista Baraúna.

Por meio do contato com os estudantes ainda em sala de aula, percebi que os mesmos apresentavam dificuldades na leitura, buscamos trabalhar isso de forma intensa e prazerosa, a grande maioria dos estudantes, eram muito tímidos, liam praticamente sozinhos e nunca tinham lido em público, isso para eles se apresentava como um grande desafio. Percebendo essa difícil realidade com a leitura, entendi que “ler em si, mesmo sem fazer nada a partir disto, já é grande coisa” (MARINHO, 2012, p.127). Nesse sentido começamos a focar no incentivo à leitura. As aulas, que trabalhávamos com a leitura de cordel, traziam para eles uma situação mais confortável por vários aspectos, eles se sentiam menos intimidados pelo cordel ser um livro pequeno, pela linguagem ser simples, por conter estrofes pequenas, e pela descontração gerada pelo lado do humor que os cordéis apresentam. Assim, incentivamos muito a leitura durante todo o processo, eu tinha o desejo deles vencerem esse obstáculo que parecia tão insuperável para aqueles estudantes.

Outro fato que me chamou a atenção no início do trabalho foi o de esses estudantes terem sempre estudado a disciplina de arte com professores que não eram licenciados para isso, sempre algum professor de história, geografia, inglês, matemática, professor de qualquer disciplina lecionava arte da forma como podia, conseguia ou imaginava que seria o ensino de arte na escola. Essa situação trouxe um grande prejuízo para os estudantes, pois eles se apresentavam no início com resistência a disciplina, dizendo que aula de artes era só escrever no quadro “o que é arte?” Ou pegar um papel para desenhar e pintar. Isso infelizmente é lamentável, pois assim como eu enquanto arte educadora não me sinto pronta para lecionar matemática, quando um professor de outra disciplina leciona arte, ele inconscientemente ou consciente esta atrofiando no estudante todo o potencial que ele poderia desenvolver por meio de uma aula de arte com um professor que possua qualificação teórico e prática para lecionar a disciplina, infelizmente essa ainda é hoje uma triste realidade, estudantes em diversas escolas que são privados do verdadeiro ensino de arte.

Diante da frustrante experiência que esses estudantes tiveram com o ensino de arte nos anos anteriores, quando eu comecei a lecionar para eles, era muito comum eu ouvir a frase: “professora, a senhora não vai colocar a gente para desenhar?”, “A gente não vai pintar não?”, “Oxe, aula de arte é pra pintar”. Confesso que ouvir aquelas frases trazia tristeza ao meu coração, pois aquilo era tudo o que aqueles estudantes conheciam de arte, aquilo era tudo o que haviam ensinado para eles, como tinham sido roubados em seu desenvolvimento durante anos, não que desenhar e pintar seja algo ruim, mas a arte tem muito mais para oferecer, é como se eles tivessem passado anos de sua vida aprendendo somente a somar, ou tivessem passado anos de sua vida aprendendo somente as vogais, será que a matemática e o português não tem mais nada de importante para ensinar além disso? Português e matemática vão muito mais além que simples somas e vogais, existe um mundo de descobertas por trás dessas letras e números.

Assim também é a arte, existe um mundo de novas possibilidades, a arte é uma disciplina que precisa ser respeitada como todas as demais, a arte ocupa um lugar que não pode ser substituído com êxito por qualquer outra coisa. E essa foi a realidade que me foi apresentada no início do trabalho, estudantes atrofiados em sua criatividade por um ensino deficiente de arte. Ciente dessa situação deficitária, resolvi

iniciar o processo de leitura pelo que eles já conheciam, iniciei eu mesma lendo cordéis para eles e após a leitura eu pedia para eles desenharem e pintarem as imagens que eles imaginavam daquele cordel. Meu objetivo era não chocar, colocando o cordel direto na mão deles, os obrigando a ler, queria que eles tivessem um primeiro contato prazeroso com algo que já era familiar para eles, após esse momento eu pedia para eles simplesmente mostrarem os desenhos, e aqueles que se sentiam à vontade para isso assim o faziam, aos poucos fui pedindo para aqueles que tivessem o desejo falassem um pouco do seu próprio desenho. Assim, eles foram se soltando e o cordel foi sendo apresentado para eles de maneira muito tranquila até chegarmos as rodas de leituras, onde todos ficávamos sentados em círculo e cada um já tinha um cordel em mãos, cada um ia sendo incentivado a ler uma estrofe que escolhesse no cordel que possuía, todos sentados de forma descontraída.

Com o tempo os momentos de leitura foram crescendo até cada um conseguir ler o cordel inteiro para os colegas na roda e ao perceber que eles estavam se sentindo mais seguros, demos início as leituras individuais e em pé de frente para todos. Eu me sentia muito feliz e percebia neles um orgulho de terem vencido aquela etapa, a leitura já não era um desafio tão grande para eles, todos juntos tínhamos subido esse degrau e superado esse obstáculo que o caminho apresentou.

Imagem 4: Estudantes desenhando, após ouvirem a leitura realizada pela professora pesquisadora.



2017: Fonte: Acervo de Leide Alcântara – Professora Pesquisadora

Imagem 5: Os estudantes apresentando as imagens que construíram com base na leitura que ouviram.



2017: Fonte: Acervo de Leide Alcântara – Professora Pesquisadora

Imagem 6: Estudantes na roda de leitura, nessa etapa os próprios estudantes realizavam a leitura, com cordel.



2017: Fonte: Acervo de Leide Alcântara – Professora Pesquisadora

Imagem 7: Na evolução do processo de leitura os estudantes passaram a realizar as leituras individualmente.



2017: Fonte: Acervo de Leide Alcântara – Professora Pesquisadora

Na fase final da pesquisa quando já estávamos nos preparando para a construção do trabalho teatral que seria apresentado na culminância, abriu-se um debate para decidirmos o que seria trabalhado das obras de Baraúna, pois nesse sentido entendemos que “a cultura se constrói em bases identitárias e que a participação, nessa construção, é o elemento de fortalecimento dessa formação” (CANANÉA, 2016, p.15). Era importante a participação dos estudantes nesse processo de construção cultural, expressar a identidade deles fortalecia essa formação. E a partir dos diálogos que surgiram na roda de conversa foi criada a dramaturgia de uma das cenas do espetáculo.

DIÁLOGO

– O salário do pecado é a morte, eu só não entendi porque estamos lendo esse cordel?

- Porque entre os mais de 90 cordéis escritos por Baraúna, escolhemos algo que já fazia parte da nossa gente.

- Isso mesmo, e o que se entende por teatro em Pilões?

Todos – Paixão de Cristo

- Tudo que respiramos de teatro vem da história de Jesus

- Paixão de Cristo aqui já é encenada há mais de 45 anos

- É, realmente, isso é muito forte para nossa gente.

- Estamos recontando a história de Jesus com rimas e versos, com o cordel.

- Essa é a nossa história

- Essa é a nossa teatralidade

Todos - Esse é o nosso cordel (Dizem isso cada um entrando em um círculo para a brincadeira começar, enquanto leem as estrofes)

Imagem 8: Paixão de Cristo em Pilões.



Fonte: <http://www.seligapiloes.com.br/2015/03>

A paixão de Cristo em pilões é uma das riquezas culturais do município, há 45 anos que a população do município de Pilões, recebe um grande público, durante o período da semana santa e o objetivo primordial é assistir à encenação da Paixão Cristo. Todo o elenco, que participa da peça ao ar livre, é exclusivo de artistas da terra, o espetáculo recebe um público de pessoas de várias cidades do interior da Paraíba que organizam caravanas todos os anos para prestigiar o espetáculo cênico. Esse tradicional trabalho teatral da cultura pilonense, durante anos vem contando a história da paixão e morte de Jesus Cristo. O espetáculo conta com mais de oitenta atores e 150 figurantes, todos moradores do próprio município.

Na cena inicial do nosso projeto, abrindo o trabalho e dando as boas-vindas ao público presente, colocamos o casal de cangaceiros Lampião e Maria Bonita, por representarem personagens marcantes para a literatura de cordel, nesse momento a conhecida música de xaxado é transformada em paródia de cordel:

CASAL DE CANGACEIROS

Lampião-Boa tarde senhoras e senhores, rapazes e moças;

Maria Bonita- Senhoritos e senhoritas;

Lampião - É o cordel que vai chegando, abra as portas, abra as portas porque a visita é cultural;

Maria Bonita-Quando silencioso, é um bocado de letra junta no papel;

Lampião- Mas quando recitado, ganha vida, com rimas e versos;

Maria Bonita-Alegria;

CASAL- Isso é o cordel.

Imagem 9: Ensaio e apresentação final da cena de Lampião e Maria Bonita.



2017: Fonte: Acervo de Leide Alcântara – Professora Pesquisadora

XAXADO

Cordel, cordel, cordel, cordel, cordel é do povão

Vamos contar Baraúna, nossa identidade então

Valorizar o que é da gente, nossa cultura, sim, sim senhor Baraúna

Imagem 10: coreografia do xaxado ensaio.



2017: Fonte: Acervo de Leide Alcântara – Professora Pesquisadora

Imagem 11: Coreografia do xaxado apresentação final.



2017: Fonte: Acervo de Leide Alcântara – Professora Pesquisadora

E o trabalho segue com um revezamento entre diálogos e leituras de cordel. Durante os encontros semanais, ensaios e aulas nas oficinas, um momento que segundo os estudantes era muito significativo para eles e também para mim era nossa roda de conversa, que sempre acontecia ao final de cada encontro.

Ao objetivar seu mundo, o alfabetizando nele reencontra-se com os outros e nos outros companheiros do seu pequeno “círculo de cultura” encontram-se e reencontram-se todos do mesmo mundo comum e da coincidência das intenções que objetivam, eis surge a comunicação, o diálogo, que critica e promovem os participantes do círculo, assim juntos recriam o seu mundo, o que antes absorvia agora podem ver ao revés. No círculo de cultura a rigor não se ensina, aprendesse em reciprocidade de consciência. (FREIRE, 1987, p.15).

Nesse momento, todos se sentavam no chão e conversávamos sobre como foi a experiência daquele encontro, o que gostaram, o que sentiram dificuldade, qual a visão que eles tinham daquele momento, o que aprenderam. Essa roda de conversa no início da pesquisa era um pouco tímida, eles se apresentavam muito calados, mas com a frequência dos encontros, tornou-se algo tranquilo, onde eles se sentiam à vontade e todos queriam falar, colocando suas impressões.

Imagem 12: Rodas de conversas nas oficinas de teatro, momento muito usado para avaliação dos encontros.



2017: Fonte: Acervo de Leide Alcântara – Professora Pesquisadora

Na sala de aula tradicional, durante as aulas, sempre que eu percebia uma necessidade na turma, também era aberto um espaço para o diálogo por meio da roda de conversa, “de forma geral, o trabalho na sala de aula foi melhorando, como também as relações entre aluno/aluno e aluno/professor foram estreitadas” (SPOLIN, 2001, p.14), isso se tornou algo muito significativo para todos, percebendo eu que na roda eles se acalmavam, aprendiam a ouvir e também a se colocarem na roda, se sentiam importantes em saber que eram ouvidos, e dessa maneira foi sendo construído um laço de confiança entre os estudantes e eu, ao mesmo tempo em que era desenvolvido o respeito mútuo.

Imagem 13: Rodas de conversas também usada na sala de aula tradicional.



2017: Fonte: Acervo de Leide Alcântara – Professora Pesquisadora

Esse momento ficou marcado de forma positiva para eles, que na construção do roteiro uma estudante sugeriu: “professora a gente podia fazer uma cena sentadas no chão em roda, como a gente fazia para conversar”. Os outros estudantes gostaram

da ideia e a sugestão foi aceita, foi o que serviu de base para que a cena após o xaxado fosse criada.

Imagem 14: Roda de conversa representada em cena colocada no roteiro da apresentação final.



2017: Fonte: Acervo de Leide Alcântara – Professora Pesquisadora

O trabalho segue e uma cena que chama a atenção é um jogo cênico, onde rapazes e moças passeiam com bancos no espaço cênico, que, segundo-Pavis (1947, p.133), é um termo de uso contemporâneo para palco ou área de atuações, se dividindo em dois grupos “Luluzinha” e “Bolinha” e se posicionam sentados nos bancos em meia lua, representando uma característica bem interiorana, pois diferentemente das capitais, onde encontramos mais violência e o estilo de vida é muito estressante, em pequenas cidades do interior, como é o caso de Pilões ainda podemos encontrar pessoas com seus banquinhos sentadas nas calçadas nos fins de tarde para uma boa e agradável prosa descontraída. E isso também foi trazido para o trabalho final na construção cênica.

Imagem 15: Foto da cena dos bancos no ensaio



2017: Fonte: Acervo de Leide Alcântara – Professora Pesquisadora

Imagem 16: Sequência de fotos que representam a construção completa da cena com bancos realizada pelo grupo. Fotos da culminância



2017: Fonte: Acervo de Leide Alcântara – Professora Pesquisadora

Imagem 16: Sequência de fotos que representam a construção completa da cena com bancos realizada pelo grupo. Fotos da culminância



2017: Fonte: Acervo de Leide Alcântara – Professora Pesquisadora

Além dessa cena também remeter a outra característica do cordel, onde ao final do dia as pessoas se sentavam nos terreiros para ouvirem alguém recitar os cordéis, e isso era um momento de descontração que prendia a atenção de todos os presentes.

Após esse momento, foi pensado pelo grupo uma paródia com a música do baião, onde todos dançam de maneira alegre, irreverentes, fazendo trançados entre rapazes e moças. Todas as paródias das músicas conhecidas nordestinas são criadas para trazer para a cena através da dança características do cordel em um trabalho corporal. Assim as danças e letras das músicas trazem um pouco da história do cordel, as movimentações alegres, o relacionamento entre mocinha e o herói da história que sempre são mostrados nos cordéis, o bom humor, o riso, o contato com o público presente, todos esses fatores são características do cordel que buscamos trazer para a cena através das composições coreográficas, para que não se efetuassem apenas uma apresentação onde haveria a leitura do cordel, mas que pudesse ser colocado em cena uma síntese de tudo o que foi trabalhado ao longo dos encontros nas oficinas, fazendo o cordel ir além de uma expressão oral, mas trazendo a força do cordel, o poder que exerce no público para a expressão corporal.

BAIÃO

Eu vou mostrar pra vocês, o que é o cordel então,

E quem quiser aprender, por favor prestar atenção,

Cordel é coisa da gente, cultura do meu povão,
 Tem que se valorizar, para não deixar morrer então,
 Por isso chegue pra cá, me dê a sua atenção,
 E vamos valorizar o que é da gente então.

Imagem 17: Coreografia baião - ensaio.



2017: Fonte: Acervo de Leide Alcântara – Professora Pesquisadora

Imagem 18: Coreografia baião – culminância.



2017: Fonte: Acervo de Leide Alcântara – Professora Pesquisadora

Durante as aulas, um jogo popular que usávamos para aquecimento e eles se divertiam muito, era o “Pão Duro”. Esse jogo mistura agilidade, concentração e dicção. De maneira descontraída eles riscam com um giz círculos no chão e sempre fica um número de círculo a menos do que o número de participantes. Exercitando a fala eles rapidamente vão trocando de lugar com muita atenção para ver quem vai ficar de fora, pois, essa pessoa será a responsável por reiniciar o diálogo.

Imagem 19: Sequência de fotos do jogo com giz, durante a construção nos ensaios.



Conforme orientação de Spolin vemos:

Repita um jogo favorito tanto tempo quanto perdurar o interesse. Isto é particularmente verdadeiro no trabalho com grupos de educação fundamental. Não há necessidade de pressa em apresentar novos jogos. Quando um grupo está participando de um jogo predileto com grande energia, envolvimento e entusiasmo, ele estará aprendendo (participação) (SPOLIN, 2001, p.22).

Esse jogo dos círculos sempre foi um dos favoritos dos estudantes e por sugestão dos mesmos, esse jogo popular entra na construção do roteiro virando cena. Na peça o início do jogo acontece normalmente, os estudantes em cena começam a desenhar os círculos no chão com um giz, assim como faziam nas oficinas e após os círculos estarem prontos o jogo começa, só que quem vai ficando fora do círculo na brincadeira, na cena construída por eles passou a ser a pessoa que iria recitar o cordel. Assim eles brincavam em cena, se divertiam com irreverência e contagiavam o público presente com a leitura das estrofes do cordel que eram realizadas em meio a todo aquele universo lúdico da brincadeira.

Imagem 20: Sequência de fotos da cena do mesmo jogo com giz pronta e realizada na culminância.





2017: Fonte: Acervo de Leide Alcântara – Professora Pesquisadora

Toda a cena se passava ao som do choro da sanfona, é importante salientar aqui que toda a sonoplastia da peça foi feita ao vivo, cantada pelos próprios estudantes, com a participação vocal da professora pesquisadora e dois moradores da cidade que quando conheceram o projeto, ficaram entusiasmados com a proposta e orgulhosos de estarmos trabalhando com a identidade cultural de Pilões, colocando em cena o que os munícipes produzem artisticamente, e com essa visão se dispuseram a colaborar voluntariamente, um tocando sanfona e o outro fazendo o acompanhamento com o cajón⁸.

⁸ O **cajón** é um instrumento de percussão que teve sua origem no Peru colonial, onde os escravos africanos, separados de seus instrumentos de percussão pelos feitores da época, utilizaram-se de caixas de madeira e gavetas (outra tradução para *cajón*) para tocarem seus ritmos. Daí dizer que sua origem é afro-peruana. Com o passar do tempo o instrumento transformou-se no que conhecemos hoje por *cajón*. O instrumento hoje é considerado pelo governo peruano como "Patrimônio Cultural da Nação".

Imagem 21: Moradores voluntários que participaram da sonoplastia junto a professora e o grupo de estudantes: Na sanfona – Daniel Robson e no carron Jocielo Silva.



2017: Fonte: Acervo de Leide Alcântara – Professora Pesquisadora

Um momento mágico e de grande troca de experiência e emoção durante a pesquisa foi quando o cordelista participou do encontro com os estudantes, foi realmente um momento emocionante, os estudantes frente a frente com o autor, o artista não se conteve em lágrimas por sentir o reconhecimento de sua arte com um grupo tão jovem, ele diz ser a primeira vez que sua obra entra para o espaço escolar em Pilões, nunca tinha visto uma escola usar seus textos, o artista fala que aquilo era muito gratificante para ele.

Os estudantes impressionados falavam frases como: “eu pensei que ele tinha o cabelo todo branco”, “ eu também pensei que ele era velhinho”, Baraúna ria e juntos eles recitavam os cordéis do artista. Até eu enquanto pesquisadora fiquei impressionada e encantada com aquele momento maravilhoso, mas de certa forma eu não queria acreditar que aqueles estudantes morando na mesma cidade daquele artista, não o conheciam, sendo Pilões uma cidade tão pequena, aquilo parecia irreal até para mim que estava acompanhando eles, como os estudantes demonstraram ter orgulho daquele artista da terra, estar com Baraúna ali trouxe muita alegria e admiração para todos.

Imagem 22: Encontro do artista cordelista Baraúna com o grupo da pesquisa.



2017: Fonte: Acervo de Leide Alcântara – Professora Pesquisadora

Após esse encontro incrível entre artista e estudantes, durante a construção do roteiro, os estudantes sugerem que Baraúna fizesse parte da apresentação final, todos se agitaram, pois consideravam que a participação do artista com eles iria enriquecer o trabalho. A euforia tomou conta daquele ensaio e naquele mesmo momento ligamos para Baraúna para fazer o convite, o artista novamente emocionado, ficou muito feliz em poder fazer parte de maneira mais intensa do processo. Convite aceito, caminhamos para a construção da cena final, fiquei também muito grata porque os estudantes sugeriram que nessa cena eu também fizesse parte.

Imagem 23: Artista Baraúna e a Professora pesquisadora na apresentação final juntos com os estudantes.



2017: Fonte: Acervo de Leide Alcântara – Professora Pesquisadora

“A literatura de cordel em especial, praticada no Nordeste, tem enriquecido de forma impagável o teatro popular brasileiro” (MOREIRA, 2000, p.81). Dessa rica mistura de literatura de cordel e teatro, a cena final foi representada por um grande recital de cordel, onde após os estudantes lerem as penúltimas estrofes do cordel, entrava em cena o artista e eu, professora pesquisadora, mas acima de tudo participante dessa experiência artística pedagógica. Nessa mistura de vozes, corpos e faces, estudantes, professora e artista, o trabalho chegou ao seu ápice, finalizando

com muita alegria, entusiasmo e humor, todos dançando em roda uma animada marchinha junina.

Imagem 24: Coreografia final da culminância, nessa última dança estavam juntos estudantes, professora e artista.



2017: Fonte: Acervo de Leide Alcântara – Professora Pesquisadora

FORRÓ

Olha o cordel meu povo, cultura simples, tão linda,
 Olha que diversidade de cor, que seus temas simbolizam,
 O cordelista, gente da gente, gente guerreira e simples é bão,
 Conta história, narrando fatos, traz o humor no seu coração,
 Uma expressão popular, valor de um povo cidadão,
 Eu participo, eu valorizo, não deixo o cordel morrer não.

Imagem 25: Último momento antes da entrada do público na roda.



2017: Fonte: Acervo de Leide Alcântara – Professora Pesquisadora

Nesse momento o público entra em cena e tudo vira uma grande e agradável brincadeira, estudantes, artista e público, todos juntos em uma interação que é marca registrada do cordel.

Imagem 26: O grupo de pesquisa convida o público presente para entrar na brincadeira. Momento muito forte



2017: Fonte: Acervo de Leide Alcântara – Professora Pesquisadora

Imagem 27: Grande roda, grupo de pesquisa e público presente.



2017: Fonte: Acervo de Leide Alcântara – Professora Pesquisadora

A culminância desse projeto a princípio estava prevista para acontecer na semana de arte e cultura da escola que, por motivo superior à gestão, teve a data modificada por diversas vezes, até chegar à conclusão que no ano de 2017 não haveria mais o evento. Frustrada com essa decisão da gestão, o grupo envolvido na pesquisa resolveu que faríamos uma apresentação na escola, mesmo que não houvesse o evento, mas durante os ensaios fomos conversando e analisando as características do cordel, de ser uma arte de rua, praças, feiras e com essa visão

começamos a pensar em espaços alternativos onde a culminância pudesse ser realizada, algo que representasse mais o cordel, que tivesse mais a cara dessa literatura.

A essa altura o projeto já havia ganhado respeito e reconhecimento não só na escola, mas como também na cidade, nesse momento havia muita gente querendo ver e ajudar no que fosse preciso para que o projeto fosse a frente (é importante lembrar que aqui o projeto já estava praticamente pronto, faltava só a culminância, e que só agora que percebemos o interesse de recebermos ajuda, infelizmente durante todo o processo da pesquisa tivemos uma caminhada muito difícil e praticamente sem apoio, foram muitas dificuldades enfrentadas, muitas coisas atrapalharam durante o percurso, a falta de espaço físico na escola, de incentivo, nenhum outro profissional da escola quis ajudar na construção do processo, na verdade achavam que era mais trabalho desnecessário, o fato da arte nunca ser prioridade ou ser vista como algo não importante, infelizmente muitas pessoas viraram as costas para a pesquisa, é realmente muito difícil trabalhar o ensino de artes na escola. Na verdade, perto da culminância, como o projeto ganhou conhecimento e dimensão na cidade, isso atraiu atenção das autoridades políticas da cidade) foi quando o secretário de cultura da cidade, sendo conhecedor do projeto, me procurou para convidar o grupo de pesquisa para fazer a culminância na Terça Cultural, levei a proposta para o grupo para juntos decidirmos, pois seria algo muito novo para os estudantes, uma apresentação na rua.

A Terça Cultural é um evento da cidade que acontece, como o nome já diz, todas as terças-feiras, nesse evento sempre se apresenta um artista local, na verdade é uma feira na praça central da cidade onde há exposição dos artesãos e da culinária local. Pensando em grupo decidimos que isso era justamente o que estávamos procurando para a culminância do projeto.

Sendo o teatro uma arte do povo, deve aproximar-se mais dos habitantes dos subúrbios, da população que não pode pagar uma entrada cara nas casas de espetáculos e que é apática por natureza, de onde se deduz que os proveitos em benefícios da arte dramática serão maiores levando-se o teatro ao povo em vez de trazer o povo ao teatro. (MOREIRA, 2000, p.67)

Em Pilões não existe casa de espetáculos, ir ao teatro para os pilonenses é algo totalmente fora da sua realidade, por isso com certeza a arte dramática teria mais proveito se fosse levada ao povo, a teatralidade em cordel iria ganhar a rua, a praça da cidade, uma apresentação na feira, isso é cordel. Outro fato que nos trouxe

entusiasmo na decisão de irmos para a rua era que os estudantes estariam saindo das quatro paredes da escola, estaríamos levando essa experiência artística e educacional até a comunidade, seria de forma concreta a participação dos familiares, vizinhos, amigos e todos que fazem parte da cidade participando do projeto junto com a escola.

Além desses fatores, outra coisa que também reforçou a nossa decisão de ir à rua, foi que é nessa feira que o cordelista Baraúna todas as terças-feiras, fica recitando e vendendo os seus cordéis, sempre pendurados em cordão e com um pegador segurando para não voar. Sendo ali o ambiente natural do artista e da sua arte, só que essa terça seria especial, pois Baraúna não estaria sozinho, todo o grupo da pesquisa estaria ali com ele, dando visibilidade e valorizando a arte local, a produção cultural de Pilões. Somado a tudo isso, lembrei que também foi sugestão da banca examinadora, na minha apresentação de qualificação que o trabalho saísse da escola e fosse para a rua por ser um ambiente mais característico do cordel. Com todos esses pontos expostos, decidimos aceitar o convite e realizar a culminância na praça da cidade, na Terça Cultural, “trabalhar os valores culturais do povo nordestino expressando-os em forma de teatro” (MOREIRA, 2000, p.67). E assim aconteceu, a apresentação foi realizada no dia 28 de novembro de 2017, às 19h00.

Foi um evento que mobilizou toda a cidade, havíamos feito convites para serem entregues aos pais dos estudantes, mas agora era interessante ver que muita gente na cidade queria receber o convite (o convite encontra-se no apêndice). A secretaria de educação oferecia alimentação para os últimos dias de ensaio, porque durante todo o período da pesquisa essa alimentação dos estudantes era financiada pela bolsa do mestrado, porque como a maioria deles moram em zona rural, ficar em outro turno para os encontros era dispendioso para eles, e a realidade financeira desses estudantes também é muito difícil. Mas tudo estava correndo bem, a câmara dos vereadores ofereceu um som para que a apresentação pudesse ser feita na rua, o (Centro de Referência em Assistência Social) CRAS da cidade ofereceu apoio fornecendo o figurino, roupas essas de outra atividade que foi desenvolvida pelo CRAS e que agora estavam sendo emprestadas para o grupo de pesquisa, de maneira que se tornou interesse para todos levar o trabalho até a praça.

No dia da apresentação ficou tudo muito simples e bonito, a decoração não podia ter sido outra senão vários cordéis pendurados em barbante, tudo com uma cara bem nordestina, pano de estopa, barbante, pegador, peneiras, e toalhas de mesa, tudo bem regional. Na mesa certificados dos estudantes prontos para serem entregues em reconhecimento pelo trabalho que eles haviam construído ao longo desses meses, (o certificado encontra-se no apêndice). Além do certificado também foi entregue em reconhecimento um livro “Intervozes na Educação: práticas e discussões teóricas” onde o oitavo capítulo - Pedagogia do Teatro: uma experiência de ensino-aprendizagem na sala de aula - relata um pouco da visão desta pesquisadora que foi trabalhar com o teatro em sala de aula.

Após a apresentação, nesse momento de reconhecimento, também foi entregue uma placa em formato de árvore para as pessoas que acreditaram e contribuíram para que essa pesquisa fosse realizada, sendo levado ao público estudantil teatro e cordel, e no caso desses estudantes essa experiência se apresentou de forma inédita, pois eles nunca tinham tido aula de teatro. Para o artista cordelista Baraúna também foi entregue uma placa em formato de árvore em reconhecimento pela sua preciosa arte, pois através dos seus escritos, é mantida acesa a chama da literatura de cordel, aquecendo a nossa cultura popular e perpetuando para as futuras gerações a arte da nossa terra. A placa foi pensada intencionalmente em formato de árvore com o intuito simbólico de que a arte em Pilões possa aprofundar suas raízes, crescer, florescer e principalmente gerar frutos, se mantendo cada vez mais viva.

Imagem 28: Mesa da decoração com placas de homenagens, livros, certificados e cordéis do artista. Também o Palco do evento decorado com os cordéis do artista pendurados no barbante





2017: Fonte: Acervo de Leide Alcântara – Professora Pesquisadora

Imagem 29: Homenagem e reconhecimento ao artista cordelista Baraúna.



2017: Fonte: Acervo de Leide Alcântara – Professora Pesquisadora

Imagem 30: O artista Baraúna emocionado ao receber a placa de reconhecimento pela sua preciosa arte.



2017: Fonte: Acervo de Leide Alcântara – Professora Pesquisadora

Imagem 31: Reconhecimento dos estudantes no palco com entrega de certificados.



2017: Fonte: Acervo de Leide Alcântara – Professora Pesquisadora

No dia da apresentação, conforme a visão holística do teatro, como “importante meio de comunicação e expressão que articula aspectos plásticos, audiovisuais, musicais e linguísticos em sua especificidade estética” (JAPIASSU, 2001, p.28), nem todos os estudantes que estavam participando das oficinas estiveram se apresentando em cena, uns optaram por ficarem responsáveis pelo cenário, outras pediram para ficar responsável pela maquiagem e figurino, todos cantavam ao vivo em cena, mas também existia uma estudante que ficaria de apoio cantando com o microfone junto aos músicos, infelizmente na noite da apresentação essa estudante teve um problema de conflito familiar, o que a impossibilitou de estar na apresentação e nesse momento eu enquanto professora assumi esse papel.

No geral tudo ocorreu com êxito, no momento da culminância os estudantes estavam ansiosos, nervosos, mas também se sentindo muito seguros pelo clima de união que foi sendo construído durante o trabalho, todos apoiando uns aos outros, era notório que a amizade deles se apresentava fortalecida, o público bastante acolhedor e interessado em prestigiar o trabalho. Durante a apresentação o público se mostrou muito envolvido, participativo e orgulhoso pelo trabalho, percebia-se em todos ali presentes uma satisfação e orgulho da arte da sua terra, isso chamou muito a atenção, principalmente de Baraúna que relatou nessa noite nunca ter se sentido tão reconhecido em sua cidade.

Ele dizia que percebia todas as pessoas, do morador talvez mais anônimo ao prefeito da cidade, todos estavam olhando e falando de sua arte de maneira diferente,

reconhecendo como algo realmente importante e de valor para a cidade, essa foi a noite que Baraúna mais vendeu seus cordéis para um público da própria cidade, algo muito raro, pois geralmente sua obra sempre é comprada e valorizada por turistas, mas nessa noite tudo foi diferente, fala o artista, alegre, grato e emocionado.

Tudo lindo, simples e muito marcante para todos que se encontravam envolvidos ali, artista, professora e artista pesquisadora, moradores, pais e familiares dos estudantes, artesãos, autoridades políticas, os demais membros da escola: diretora, professores, merendeiras, as senhoras dos serviços gerais, todos estavam ali presentes, envolvidos e encantados com o poder da arte, a verdadeira arte em ação para realmente intervir e gerar transformação.

“O projeto que foi desenvolvido com os alunos municipais foi digno de aplausos, pois mostrou, detalhadamente, como valorizar a cultura nordestina através do teatro em cordel, um trabalho incomum no município. Já houve projetos sobre a literatura de cordel nas escolas, mas desconheço algo que usou a arte cênica. Foi novidade para todos! Fazer a culminância numa feira cultural foi esplêndido, pois juntou dois projetos que incentivam a cultura valorizando o artista local, além de promover a identidade do sangue nordestino, o cordel e o teatro.” (Depoimento de Jaime Neto - Secretário de Cultura do município)

“Abraçar o projeto -Teatralidade Em Cordel: experiência artística e educacional a partir da obra do cordelista Baraúna- foi uma experiência muito enriquecedora para a cultura escolar, posto que, o poeta em questão é naturalizado pilonense, mas poucos habitantes deste município conhecem seus folhetos de cordel. A ideia de levá-lo à sala de aula, ao conhecimento dos nossos alunos foi muito louvável, pois estudam-se e valorizam-se inúmeros poetas que não são do nosso convívio e àqueles que conhecemos e convivemos não são valorizados. Abrir espaço para que a literatura do artista não-canônico circule pelas salas de aula é uma maneira de chamar a atenção dos educandos e mostrar que todos somos capazes de produzir textos que poderão ser valorizados por uma comunidade. Acompanhar, enquanto gestora escolar, as atividades sendo propostas pela professora Leide e desenvolvidas pelos alunos foi muito satisfatório! Especialmente, quando víamos alunos que não participavam efetivamente em sala de aula ou até jovens envolvidos em situações de risco (fora da escola) dando o seu melhor, estudando e até declamando as poesias. Foi incrível ver o encantamento dos alunos pelo projeto, de modo especial, ver o resultado da construção do todo no dia da socialização do projeto. Que mais projetos como esse sejam oferecidos à comunidade escolar, de modo especial aqueles que valorizem a nossa cultura popular. Parabéns a todos os envolvidos na realização desse projeto tão proveitoso e enriquecedor através da cultura popular. (Depoimento de Denise Pereira – Diretora da escola)

De tudo isso o que mais me impactava era poder acompanhar o crescimento de cada estudante até chegar àquela culminância, não pareciam os mesmos, na

verdade já não eram os mesmos. É como se realmente eles tivessem deixado de ser lagartas e rompido o casulo se transformando em lindas borboletas, com asas bem desenvolvidas para voar, e que vôo lindo.

Para que essas asas fossem desenvolvidas levamos meses de um trabalho muito consciente e com uma forte base teórica, durante cada aula nas oficinas, exercícios de alongamentos, aquecimento, consciência corporal, de espaço cênico, voz, ritmo, entre outros tijolinhos que foram usados para essa construção, tudo muito firmado com um cimento chamado amor.

Não há diálogo porém se não há um profundo amor, ao mundo e aos homens, não é possível a pronúncia do mundo que é um ato de criação e recriação se não há amor que o funda. Sendo fundamento do diálogo o amor, o amor é, também diálogo. O ato de amor está em comprometer-se com sua causa, a causa de sua libertação. (FREIRE, 1987, p.45).

Quando falo amor não é para minha glória e muito menos para romantizar o processo, mas é com respeito e muito orgulho pelo trabalho de todos os arte educadores, que, com todas as dificuldades apresentadas no caminho, não se rendem a esse sistema de desvalorização da arte, resistem as pedradas e frustrações e levam adiante a duras penas o ensino de arte. Construindo e acreditando em um mundo de cidadãos críticos, que pensam, falam e se posicionam para transformar a realidade que os rodeiam, é realmente necessário muito amor, decisão e atitude para sustentar o ensino de arte, em meio a falta de reconhecimento, estrutura física e principalmente de conhecimento do que é arte.

Durante as oficinas, alongamentos eram usados sempre ao iniciar como forma de ir acordando o corpo de maneira consciente e saudável.

Imagem 32: Momentos de alongamento com o grupo.





2017: Fonte: Acervo de Leide Alcântara – Professora Pesquisadora

Os exercícios de aquecimento colocavam o corpo em ação, “distendem e relaxam, trazendo todos para o contato consigo mesmo e com o espaço (a sala de aula) e preparando para o que está por vir” (SPOLIN, 2001, p.26), ativando cada parte corporal para dar-se início a toda a sequência de exercícios e ensaios.

Imagem 33: Sequência de exercícios de aquecimento em aulas das oficinas de teatro.



2017: Fonte: Acervo de Leide Alcântara – Professora Pesquisadora

Os jogos “vem com a proposta de ensinar, passo a passo, para crianças, adolescentes e adultos, as estruturas da linguagem teatral, por meio da delicada teia da aprendizagem” (SPOLIN, 2001, p.9). Essa delicada teia de aprendizagem, foi de grande importância para os estudantes no processo de aprender sobre as estruturas teatrais, uma vez que eles nunca haviam tido uma experiência de atuação teatral. Além do que, os jogos também dão uma sólida base “para o professor de classes regulares que quer trazer o prazer, a disciplina e a magia do teatro para a sala de aula” (SPOLIN, 2001, p.20). E esse era um dos meus objetivos durante as oficinas e ensaios, trabalhar junto aos estudantes de maneira leve e prazerosa, trazendo com a disciplina necessária a magia do teatro.

Como o grupo se apresentava muito tímido e individualista, foram realizados exercícios em dupla representado pela “habilidade para comunicar sem utilizar palavras, aquele sentimento que duas pessoas têm ao estarem sintonizadas, torna esse jogo particularmente útil” (SPOLIN, 2001, p.13) e também bastante utilizados exercícios em grupo “jogos teatrais em que o grupo todo participa simultaneamente” (SPOLIN, 2001, p.26), visando o entrosamento entre eles e o sentimento de se trabalhar em equipe, nesses exercícios o contato físico também era incentivado de maneira a não ser invasivo e nem inconveniente, mas trazendo a importância do toque respeitoso e do sentir o outro.

Imagem 34: Sequência de exercícios com trabalho em duplas.





2017: Fonte: Acervo de Leide Alcântara – Professora Pesquisadora

Imagem 35: Sequência de trabalho em grupo, promovendo aproximação e contato.



Imagem 35: Sequência de trabalho em grupo, promovendo aproximação e contato.



2017: Fonte: Acervo de Leide Alcântara – Professora Pesquisadora

Exercícios de observação e improviso eram realizados com o intuito de desenvolver a atenção e a capacidade de criação do novo a partir do que temos em nós. “Através do jogo de improvisação, trabalhamos com a resistência característica dessa faixa etária em utilizar o próprio corpo e ocupar o espaço físico” (KOUDELA, 2006, p.78). Na improvisação os estudantes passavam a experimentar as possibilidades do próprio corpo e do espaço sem uma rígida cobrança, eles se sentiam mais livres.

Imagem 36: Exercício de observação e concentração.



2017: Fonte: Acervo de Leide Alcântara – Professora Pesquisadora

Imagem 37: Exercício de improviso.



2017: Fonte: Acervo de Leide Alcântara – Professora Pesquisadora

Outro jogo muito utilizado era o palco/plateia, onde revezávamos grupos que criavam cenas e apresentavam, com o grupo que assistia e formava opinião sobre o que viam.

A plateia de jogadores não permanece sentada esperando pela sua vez, mas está aberta para a comunicação/experiência e torna-se responsável pela observação do jogo a partir desse ponto de vista. Aquilo que foi comunicado ou percebido pelos jogadores na plateia é discutido por todos. (SPOLIN, 2001, p.32)

Assim os estudantes iam desenvolvendo criatividade ao mesmo tempo que iam construindo familiaridade com o estar em cena, iam desenvolvendo de maneira prática conceitos básicos que foram conhecendo durante as aulas, como a quarta parede, a ocupação do espaço cênico, a consciência corporal na cena, caminhar no palco, a dicção, o olhar ao público.

Imagem 38: Sequência de cenas das oficinas de teatro com a realização do jogo Palco/Plateia.



2017: Fonte: Acervo de Leide Alcântara – Professora Pesquisadora

Imagem 39: Sequência de cenas das oficinas de teatro com a realização do jogo Palco/Plateia.



2017: Fonte: Acervo de Leide Alcântara – Professora Pesquisadora

Enquanto o grupo que apresentava se desenvolvia na cena, o grupo que assistia era despertado como plateia com uma visão crítica de aprendizado. Nesse jogo sempre existia a troca de papéis e quem era plateia passava para trabalhar na construção e apresentação da cena, e quem estava em cena virava plateia, e com essa troca mutua e constante, ambos aprendiam e ensinavam, crescendo juntos.

Todo esse trabalho das oficinas foi desenvolvido com o grupo de interesse de estudantes do 6º ao 9º ano dos turnos manhã e tarde que se inscreveram voluntariamente para as aulas de teatro. É importante salientar que no momento em que foi feito a sensibilização em sala de aula para convidar os estudantes a participarem do projeto, foi dito que aquele trabalho com o teatro apesar de ser uma atividade oferecida pela escola, não iria valer nota na disciplina de arte, uma vez que

era uma participação voluntária e que nem todos os estudantes das turmas estariam envolvidos, porém, também é importante enfatizar que após a culminância e a presença dos demais professores na apresentação final, foi me solicitado pela diretora da escola uma lista com o nome de todos os estudantes envolvidos no projeto, pois os professores das outras disciplinas se prontificaram a dar bonificação em notas, reconhecendo aquela ação como uma atividade importantíssima e interdisciplinar. Ou seja, algo que era uma ação sem tanta importância e exclusivamente da disciplina de arte, que na verdade ninguém entendia o que a professora fazia com os estudantes, em um horário extraclasse, chegando a ouvir: “acho que essa professora é doida de ainda arrumar mais serviço, sem receber a mais por isso”. É frustrante perceber que antes ninguém tinha consciência da importância de um projeto como esse, mas agora, após concluído, tornou-se importante e reconhecido de forma interdisciplinar por todos, inclusive sendo citado como exemplo em reuniões pedagógicas e de outras secretarias municipais.

Como venho descrevendo o trabalho com as oficinas foi desenvolvido exclusivamente com os estudantes do grupo de interesse, mas para a parte musical, trabalhamos em todas as turmas, desenvolvendo um trabalho de pesquisa com todos os estudantes, onde eles eram incentivados a pesquisar sobre um ritmo que gostavam, e após realizarem a pesquisa eles poderiam escolher uma forma de compartilhar sua pesquisa com toda a turma, foi uma experiência de deixar que eles expusessem o que gostavam de ouvir, mas também de refletir com eles desenvolvendo um caminho de conscientização do que faz parte da nossa cultura. Foram trazidos para a sala de aula ritmos como reage, hip hop, o funk surgiu de forma predominante e para minha “surpresa” pouco se falava do forró.

A maioria dos trabalhos dessa proposta em sala de aula foi apresentada opcionalmente pelos estudantes com exposição em cartolina e leituras, mas houve também estudantes que desenvolveram uma exposição prática trazendo até mesmo coreografia para ser apresentada na sala de aula, foi interessante ver como cada grupo desenvolveu e apresentou o trabalho a partir do que lhe parecia mais confortável. Após as exposições dos trabalhos, sentávamos para debates a partir do que eles traziam, e começou aí um processo de consciência do que faz parte da nossa cultura local. Muito da sonoplastia da culminância, onde existia a predominância de

ritmos nordestinos, começou a ser construída a partir desse trabalho e foi aperfeiçoada nas oficinas com o grupo de interesse inscrito na pesquisa desenvolvida.

Imagem 40: Alguns trabalhos sobre ritmos apresentados em sala de aula, exposição em cartaz e coreografia.



2017: Fonte: Acervo de Leide Alcântara – Professora Pesquisadora

Concluído todo esse processo de construção, oficinas e após ser realizada a culminância, ainda tivemos um encontro para uma avaliação final com o grupo de estudantes, esse foi um encontro que para mim se tornou histórico e inesquecível, ver a euforia de todos aqueles estudantes, cada um querendo falar sobre como foi para eles a experiência da culminância, de como eles vivenciaram aquela apresentação final, como se divertiram, como se sentiram, o que haviam ouvido das outras pessoas que estavam ali, seus familiares, seus amigos estudantes de sala que não estavam fazendo parte, era todo mundo querendo falar ao mesmo tempo e o melhor, todos falavam por uma boca só: “Professora queremos continuar com as aulas”, “Quando iremos nos apresentar novamente?”, “Gostei muito quero continuar a fazer teatro”. Pronto, para mim já estava mais do que claro o resultado obtido com a pesquisa, a arte e o teatro continuava com o mesmo poder que tinha e que influenciou a vida de uma estudante no ano de 1992, aos dez anos de idade, a fazendo sair de uma estudante sonhadora e que ao conhecer arte, passou a amar e se transformar em

uma realizada e orgulhosa arte educadora, com o desejo de perpetuar esse conhecimento e que hoje está a vos falar.

De 1992 a 2017 passaram-se vinte e cinco anos, mas a magia, o encantamento e o poder de transformação da arte continua o mesmo, e irá ser sempre assim, porque não há nada que possa segurar, nem é possível numericamente mensurar o incrível poder da arte.

Nesse último encontro do ano, uma coisa foi invertida, a roda de conversa que sempre foi realizada como forma de avaliação ao final dos encontros, dessa vez foi a primeira coisa a acontecer, assim que chegamos nos sentamos para conversar, momento esse que durou a tarde toda.

Autoritarismo em todas as suas gradações (aprovação/desaprovação; bom/mal; certo/errado; defesas; livros didáticos; notas etc.) é colocado de lado durante as oficinas de jogos teatrais, de forma que professores e alunos possam ser libertados do ditador (passado/futuro) para encontrar aqui/agora o FOCO e tornarem-se parceiros. (SPOLIN, 2001, p.34)

A construção dessa parceria entre professor e estudante era desenvolvida a cada aula das oficinas e durante as avaliações esse foco também era mantido, “este é um passo muito importante para o desenvolvimento da dignidade, quando o aluno é libertado do medo – medo de quebrar a dependência da aprovação/desaprovação do professor” (SPOLIN, 2001, p.31). Os estudantes sentiam-se livres para se colocarem na roda de debates pois entendiam que o certo e o errado não iriam existir, muito menos a preocupação de serem aprovados ou desaprovados, estávamos todos ali para uma troca de experiências, para um compartilhar coletivo e essa visão foi construída e perpetuada até o nosso último encontro da pesquisa.

Imagem 41: Última roda de conversa após a culminância.



2017: Fonte: Acervo de Leide Alcântara – Professora Pesquisadora

Nesse encontro quando todos já haviam falado muito sobre a culminância, provoqueei no grupo que eles fizessem um desenho onde expressariam como eles se viam antes e depois da pesquisa, também foram gravados depoimentos com os estudantes falando da sua experiência pessoal, os vídeos foram gravados apenas com os estudantes que quiseram. A seguir irei expor fotos com imagens desse último encontro do ano e alguns dos desenhos feitos pelos estudantes nesse momento de provocação, levando-os a pensar no seu processo individual do antes e depois, a parte de depoimento significa o que eles falaram nos pequenos vídeos que foram gravados, os desenhos e o que eu relato sobre eles, vem das falas deles nessa avaliação final e do que eu anotava e ia observando ao longo do processo.

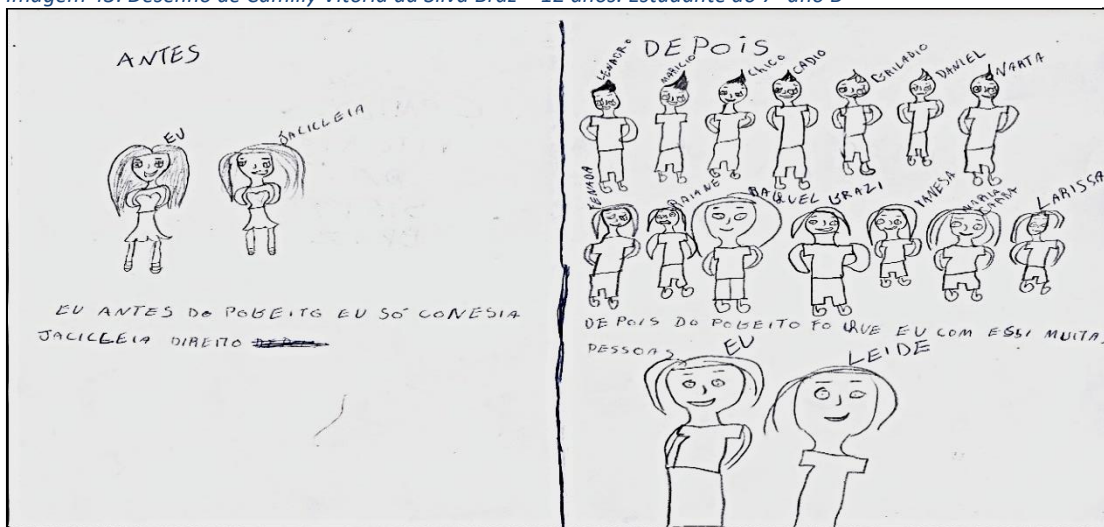
Imagem 42: último encontro, avaliação final, os estudantes produzindo as imagens de sua autoavaliação, o antes e depois da pesquisa.



2017: Fonte: Acervo de Leide Alcântara – Professora Pesquisadora

Em seguida exponho os desenhos auto avaliativos dos estudantes:

Imagem 43: Desenho de Camilly Vitória da Silva Braz – 12 anos. Estudante do 7º ano B



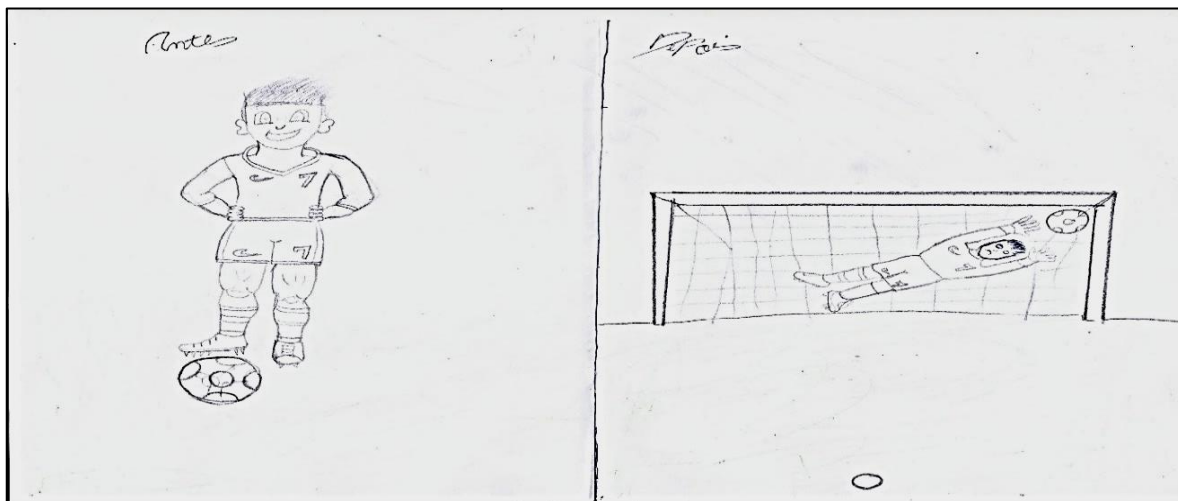
2017: Fonte: Acervo de Leide Alcântara – Professora Pesquisadora

“Antes do teatro eu só falava com uma pessoa e agora eu falo com um bocado de gente, e eu gostei de fazer teatro e também gostei porque eu não conhecia Baraúna, mas conhecia vários atores de outros cantos, mas não conhecia da nossa terra.” (Depoimento de Camilly).

O teatro tem em si um poder de socialização, “a arte nunca perdeu inteiramente esse caráter coletivo” (FISCHER, 1987, p.47). Desenvolvendo no sujeito envolvido na ação um crescimento que vai além do pessoal, um crescimento social, podemos constatar isso de forma clara através do desenho da estudante Camilly, onde ela relata que mesmo sendo estudante da escola antes do projeto ela só conhecia e conversava com uma pessoa – Jacicléia. Camilly relata que se sentia muito só na escola, não tinha amigos, era muito calada e não conversava com mais ninguém além de Jacicléia. Depois do projeto, o resultado para Camilly que fez mais diferença em sua vida, foi a socialização, ela desenhou na parte do depois, ela, a professora, e os estudantes que fizeram parte da pesquisa, a estudante escreveu “depois do projeto foi que eu conheci muitas pessoas”, no desenho todos estão sorrindo, pois ela relata que a maior alegria dela foi conhecer pessoas e não se sentir mais sozinha, “hoje eu tenho amigos”, fala Camilly.

Para os estudantes rapazes da escola Neusa Pereira da Silva, o futebol exerce uma grande influência em suas vidas, muitos têm o futebol como uma identidade pessoal, jogam todos os dias, é a principal atividade de esporte e lazer, podemos perceber um pouco dessa realidade a partir dos desenhos abaixo. O estudante Daniel em seu desenho relata que ter participado desse projeto para ele, foi como fazer um gol, foi a melhor coisa que aconteceu para ele.

Imagem 44: Desenho de Daniel Pereira da Silva – 21 anos. Estudante do 8º ano B



2017: Fonte: Acervo de Leide Alcântara – Professora Pesquisadora

“Eu nunca tinha feito teatro e não tinha coragem de ler em público, depois do teatro tive mais coragem de ler, achei legal homenagear um artista da terra, morador de Pilões também” (Depoimento de Daniel).

O estudante Natan também relatou em desenho que parecia que ele estava em uma partida de futebol, que ele gostou do projeto como gosta do seu time do coração.

Imagem 45: Desenho de Natan Marques – 19 anos. Estudante do 8º ano B



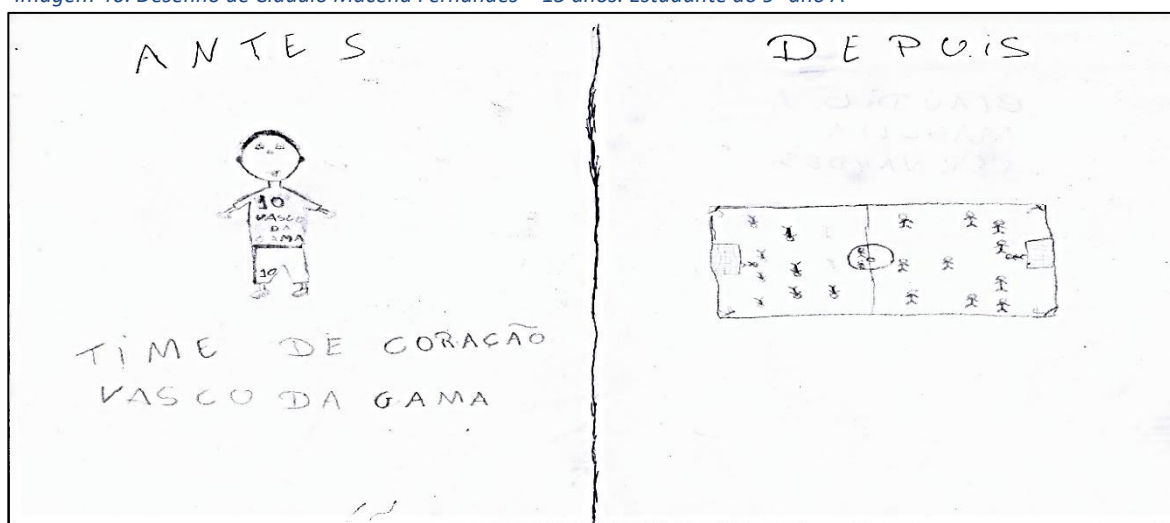
2017: Fonte: Acervo de Leide Alcântara – Professora Pesquisadora

“Eu evolui muito nessas aulas de teatro e a gente vamos andando mais pra frente evoluindo cada dia mais. Eu era vergonhoso,

ainda sou, mas nessas aulas eu to mais desenrolando esse negócio de vergonha. Eu falo que se os jovens tivessem a oportunidade que eu tenho, seria bem melhor, mas como eles não tem, fica nessa vida, se envolvendo com coisa errada. O pessoal desenrolado com essas parte eu não tenho muita intimidade não, mas os que eu conheço, eu chamo pra cá. Eu falei para galera aí, se quiser comparecer é bem melhor tá aqui do que tá na rua fazendo o que não deve, fazendo coisa errada” (Depoimento de Natan).

O estudante Cláudio relata em seu desenho que o seu coração era ocupado pelo seu time do coração - Vasco da Gama, mas mesmo assim ele se sentia jogando sozinho e depois do projeto, ele passou a participar de um grande time.

Imagem 46: Desenho de Claudio Macena Fernandes – 15 anos. Estudante do 9º ano A

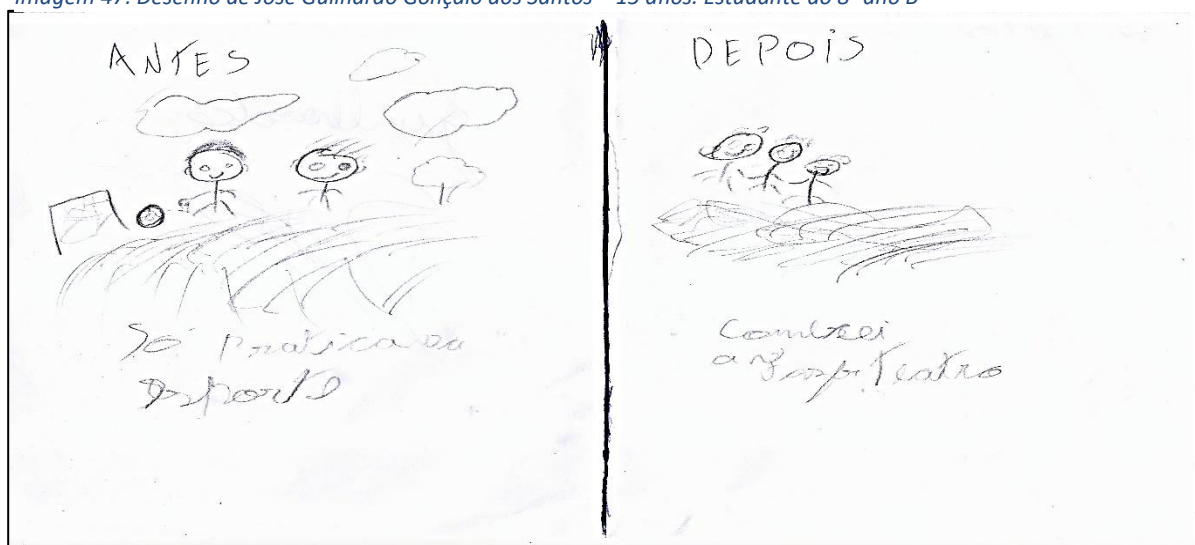


2017: Fonte: Acervo de Leide Alcântara – Professora Pesquisadora

“Nunca tinha feito teatro, fiz muitas amizades, eu era muito tímido, eu achei muito legal me apresentar na praça com aquele monte de gente, e eu não fiquei tímido na hora da apresentação, mas eu não sei nem explicar” (Depoimento de Cláudio).

O estudante Guilhardo diz que antes só praticava esporte e depois começou a fazer teatro. “Por meio do jogo e de soluções de problemas, técnicas teatrais, disciplinas e convenções são absorvidas organicamente, naturalmente e sem esforço pelos alunos” (SPOLIN, 2001, p.20). Como já foi dito anteriormente, além dos desenhos, foram gravados vídeos com os depoimentos dos estudantes, e Guilhardo em seu vídeo faz um relato interessante, dizendo que no teatro ele aprendeu a falar, a se comportar e a ter disciplina.

Imagem 47: Desenho de José Guilhardo Gonçalves dos Santos – 15 anos. Estudante do 8º ano B



2017: Fonte: Acervo de Leide Alcântara – Professora Pesquisadora

“Para mim foi importante fazer o teatro, porque antes eu só ligava para esporte, eu só queria jogar bola e hoje não, hoje eu sou grato ao teatro porque eu não tinha hábito de leitura e agora eu tenho, aprendi a desenvolver minha fala e meu gesto, e minha maneira de se comportar mudou. Eu sou grato ao teatro por isso” (Depoimento Guilhardo).

Esses desenhos tem um grande valor e significado para os resultados da pesquisa, uma vez que eles vem de rapazes que respiram futebol durante toda a sua vida, são anos dedicados a esse esporte, eles jogam praticamente todos os dias da semana e somente a alguns meses passaram a ter contato com o teatro e apenas um dia na semana, então em um espaço tão curto de tempo eles compararam a arte com aquilo que eles mais amam e sentem prazer que é no caso o futebol, já expressa de forma clara a importância e a influência que o teatro exerceu nas suas vidas.

Tanto o depoimento da estudante Camilly, como dos rapazes acima citados fortalecem o que teóricos já defendiam “a arte era um instrumento mágico e servia ao homem no desenvolvimento das relações sociais” (FISCHER, 1987, p.44). Por meio da prática teatral foi aberto um novo horizonte de interação, socialização e desenvolvimento das relações entre os envolvidos no processo, esse é um poder mágico que o teatro exerce de maneira positiva nas pessoas envolvidas na ação. O sentimento de fazer parte do todo, o outro está em contato comigo, há uma vivência mútua, uma troca de experiência que os ligam.

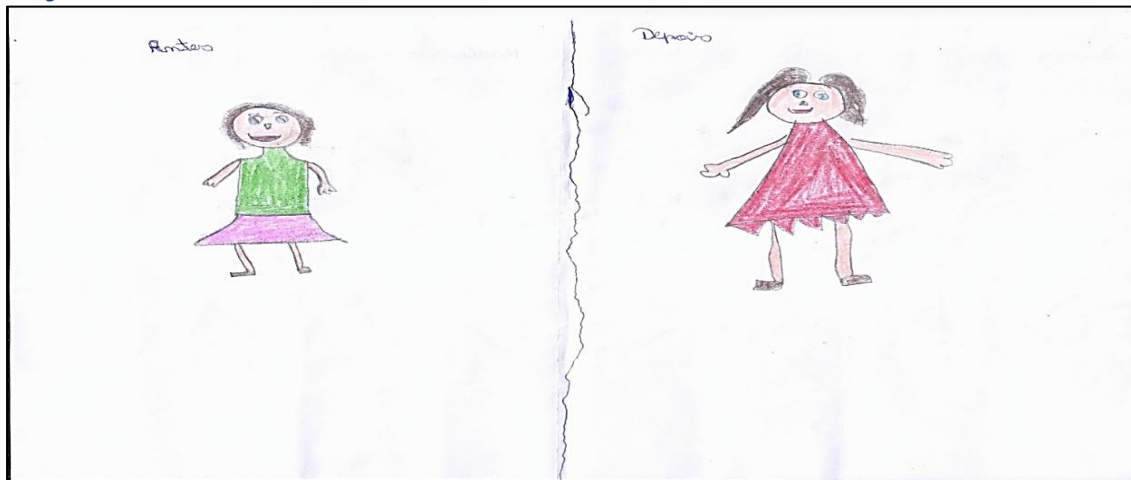
É muito importante enfatizar que dois desses rapazes citados acima, tem um histórico social e escolar bem complicado, com uso de drogas, rebeldia, estudantes sem nenhum compromisso, não respeitam professores, faltam muito as aulas, quando vão para a escola ficam do lado de fora (na rua), já foram reprovados diversas vezes, entre outros fatores. Porém, durante o período do projeto, nas aulas de artes com teatro, eram pessoas totalmente diferentes, nunca faltaram uma aula das oficinas, mesmo as oficinas acontecendo em dias e horários diferentes do horário escolar, sempre eram os primeiros a chegar, pontuais, se apresentavam muito obedientes e participativos de acordo com as suas limitações.

Nas oficinas quando escapava um palavrão da sua boca em momentos de ensaio, sempre que chamados atenção, diziam “foi mal professora” ou “escapou professora”, e do meio para o final do processo isso já não fazia mais parte dos ensaios, esses dois estudantes também tiveram um resultado significativo no relacionamento com os demais, uma vez que no decorrer do projeto eles passaram a interagir com todos e de maneira natural, pois geralmente na escola eles se excluem em um grupinho bem específico deles.

Outro ponto importante foi o fato que mesmo esses dois estudantes não fazendo parte da apresentação final, pois no dia da culminância eles pediram para ficar na equipe de apoio com o cenário, o que foi respeitado, mas mesmo assim durante os ensaios eles participaram de todo o processo, inclusive das leituras em público, fato inédito para eles. “A leitura oral dos folhetos de cordel, como já afirmados, é indispensável. Portanto, a primeira e fundamental atividade deve ser a de ler em voz alta” (MARINHO, 2012, p.129). A leitura se apresentava como um grande desafio para os estudantes da escola, infelizmente mesmo para os que já estavam cursando o 9º ano, uma grande parte apresentava dificuldade na leitura, o que leva a triste realidade de termos muitos dos estudantes relatando que nunca tinham lido em público.

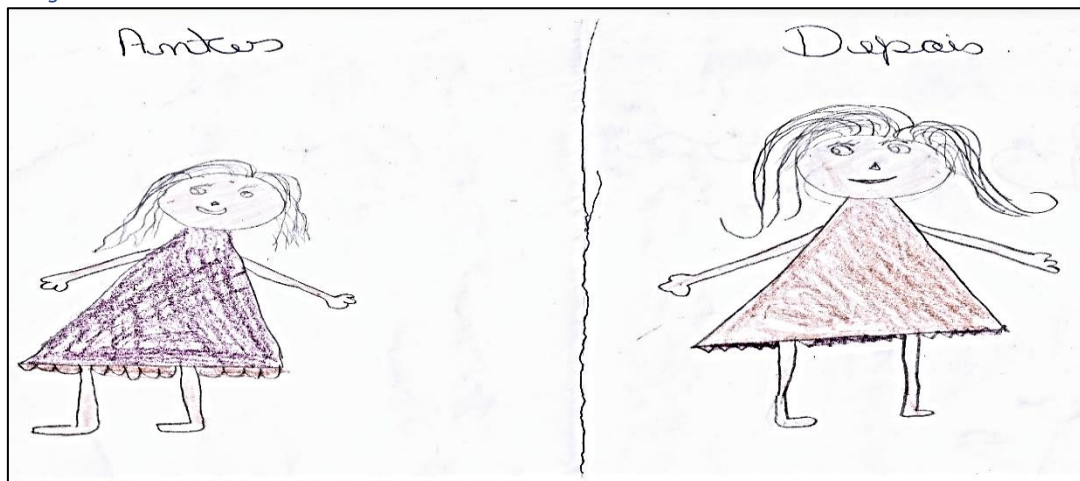
As imagens a seguir são das estudantes Maria Clara e Larissa.

Imagem 48: Desenho de Maria Clara Cosme da Silva – 14 anos. Estudante do 6º ano D



2017: Fonte: Acervo de Leide Alcântara – Professora Pesquisadora

Imagem 49: Desenho de Larissa dos Santos Nascimento – 13 anos. Estudante do 6º ano D



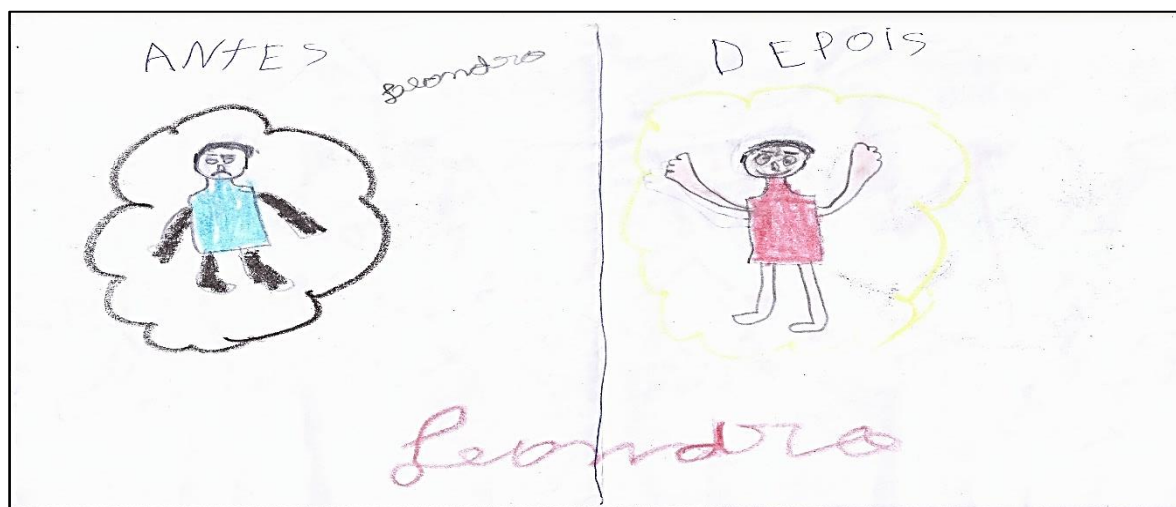
2017: Fonte: Acervo de Leide Alcântara – Professora Pesquisadora

“Eu nunca tinha lido na frente de ninguém e depois que eu fiz o teatro consegui ler na frente de todo mundo, e antes do teatro eu era triste, agora eu sou feliz” (Depoimento de Larissa).

Além da leitura, tanto Clara quanto Larissa relatam em seus desenhos sentirem-se bonitas depois do projeto. Elas sempre se apresentam na escola como meninas extremamente tímidas e introvertidas, além de se perceber que durante o processo elas melhoraram a autoestima, também relatam nos depoimentos em vídeos que nunca tinham lido na frente de ninguém e após o projeto conseguiram ler em público. “A função decisiva da arte nos seus primórdios foi, inequivocamente, a de conferir poder: poder sobre a realidade, poder exercido no sentido de um fortalecimento da coletividade humana” (FISCHER, 1987, p.45).

Isso foi algo que marcou muito nos depoimentos, Maria Clara, que sempre se apresentou muito calada, agora dizia “professora eu me senti poderosa, vi que mesmo baixinho, mas eu consigo ler na frente dos colegas e isso foi depois do teatro”. A estudante realmente lia baixo, mas era gratificante para mim enquanto arte educadora ver que ela estava desenvolvendo um pouco a cada aula, e ao final ver essa mesma estudante lendo no microfone em praça pública e se sentindo poderosa, esse é o poder do teatro.

Imagem 50: Desenho de Leandro Mello dos Santos – 14 anos. Estudante do 7º ano D



2017: Fonte: Acervo de Leide Alcântara – Professora Pesquisadora

“Eu aprendi a ler cordel e a oficina de teatro me ensinou muitas coisas, ensinou como ler, eu achei muito importante porque na maioria das vezes a gente só homenageia o que é de fora mais famoso e nós homenageamos o que é da nossa terra” (Depoimento de Leandro).

Olhando o desenho de Leandro e juntando a imagem, ao seu depoimento, e a mudança de comportamento na vivência com os demais ao seu redor, fortalece o pensamento da “arte, como meio de identificação do homem com a natureza, com os outros homens e com o mundo, como meio de fazer o homem sentir e conviver com os demais, com tudo o que é e com o que está para ser”(FISCHER,1987, p.253).O estudante Leandro relata em seu desenho que antes do teatro “o mundo era escuro para mim e depois passou a ter luz” essa fala do estudante traz em suas palavras um grande significado, a mãe desse estudante me procurou enquanto professora para me dizer que o filho melhorou muito depois do projeto, que antes ele era muito “impossível” e “dava muito trabalho”, mas agora “ele tá melhor, mais calmo e obediente”. Na escola Leandro sempre se apresentou hiperativo, corria em sala de aula, subia nas mesas e cadeiras, brincava muito durante as aulas, um jovem muito difícil de se concentrar nas aulas, não parecia que cursava o 7º ano. Após o projeto

esse comportamento de Leandro foi totalmente modificado, principalmente seu temperamento que hoje se apresenta mais calmo e centrado, consegue se concentrar e ficar parado na cadeira prestando atenção a aula. Leandro, que no ano anterior foi reprovado, agora me procura para com muito orgulho dizer: “professora eu passei de ano”, é gratificante comprovar a mudança do estudante, mudança essa que é observada com clareza por todos ao seu redor. A identificação de Leandro com o mundo foi de maneira positiva afetada, o estudante relata que depois de sua participação no projeto o mundo passou a ter luz para ele, iluminação essa percebida por meio dos resultados conquistados pelo estudante, não só na escola, mas também em seu ambiente familiar.

Imagem 51: Desenho de Grazielle Gerônimo dos Santos – 17 anos. Estudante do 8º ano C

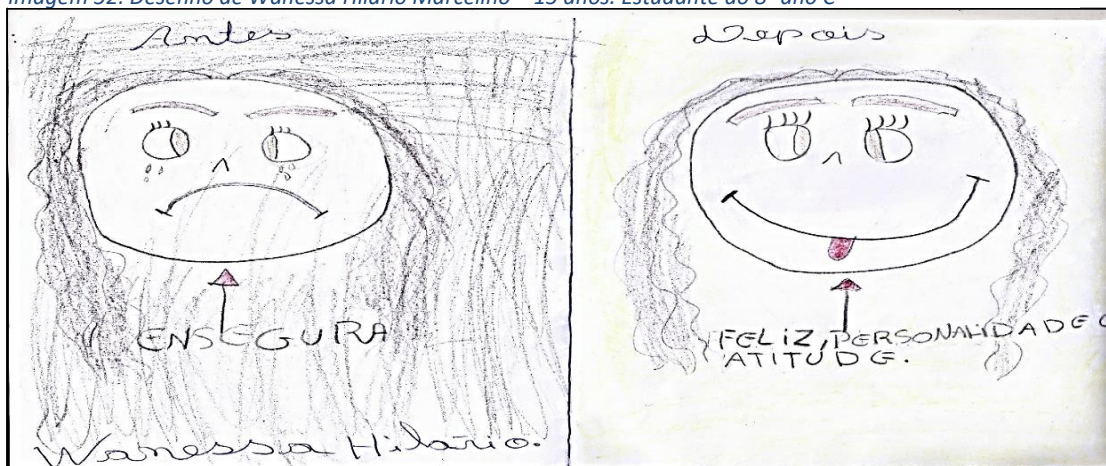


2017: Fonte: Acervo de Leide Alcântara – Professora Pesquisadora

“Achei importante porque a gente valoriza os artistas das outras cidades e não valoriza os da gente. Antes do teatro eu era tímida, tinha vergonha do povo e hoje eu sou alegre” (Depoimento de Grazielle).

Grazielle é uma estudante que sempre transpareceu em sala de aula que seu jeito escondia algo de revolta ou tristeza dentro de si, durante as aulas, mesmo sendo muito simpática era comum vez por outra a estudante responder ou gritar um professor. No projeto era notória a mudança de comportamento da jovem, em seu desenho ela relata com suas palavras “antes eu chorava, hoje não choro mais”.

Imagem 52: Desenho de Wanessa Hilário Marcelino – 15 anos. Estudante do 8º ano C



2017. Fonte: Acervo de Leide Alicantara – Professora Pesquisadora

A estudante Wanessa tem um histórico de crise de pânico, sua mãe por vezes recebe ligação de Wanessa na escola dizendo que estava passando mal, sempre esses mal-estar estavam ligados a questões emocionais, um dia antes de iniciarmos uma aula de teatro a jovem se ausentou e ligou para a mãe dizendo que estava passando mal, ao encontrar Wanessa conversei com ela e vi que novamente se tratava de algo emocional, a jovem a pouco tempo tinha passado por uma situação de decepção com alguém próximo do seu convívio.

Eu nesse momento já ciente da situação pedi que ela não fosse embora, propus que ela fizesse a aula e que tentasse colocar todos aqueles sentimentos que estavam dentro dela em movimentos corporais ao som de uma música instrumental, a jovem seguiu a orientação e se deixou ser conduzida nos exercícios, ao final da aula Wanessa falava que estava se sentindo muito bem ligou novamente para a mãe dizendo que estava melhor para a mãe não precisar sair do sítio e vir buscar a menina, após esse dia percebemos que Wanessa estava a cada encontro demonstrando um crescimento pessoal, a jovem se apresentava empoderada e todos ao redor comentavam sua mudança. “Jovens que tiveram oportunidade de trabalhar com os princípios dos jogos teatrais tornam-se mais seguros e se sentem mais capazes” (SPOLIN, 2001, p.16). Em seu desenho, no antes, Wanessa faz uma menina chorando e insegura, no depois desenha uma menina feliz e escreve “personalidade é atitude”.

A estudante Wanessa desde o início do projeto participou de todas as oficinas, ela tem uma irmã surda chamada Raquel, que mesmo sendo estudante da escola e fazendo parte da mesma sala da irmã, inicialmente Raquel não se inscreveu nas

oficinas de teatro, já na reta final do trabalho quando estávamos na construção do roteiro de cenas para a apresentação final, Raquel aparece na aula, eufórica, gesticulando, entusiasmadamente se comunica comigo me pedindo para fazer parte do trabalho, é importante enfatizar aqui que Raquel é uma estudante surda e que dificilmente participa de atividades na escola, um fator que dificulta essa participação é a escola não dispor de interprete em letras libras. Mas voltando aquele encontro específico em que Raquel se apresentou a mim, confesso que fiquei surpresa com aquela vontade repentina da estudante fazer parte do trabalho, e também é verdade que me senti temerosa enquanto professora que estava na reta final de um processo e trabalhar agora com pouco tempo com uma estudante surda seria um desafio para mim, e por um momento achei que seria um desafio para todo o grupo da pesquisa, mas uma coisa era certa dentro de mim, eu não podia por comodismo ou insegurança cometer o mesmo erro que vemos acontecer em diversas situações, onde estudantes com alguma necessidade especial são excluídos para facilitar o processo, e naquele momento mesmo com as minhas preocupações, eu tinha certeza dentro de mim que essa experiência iria ser positiva para aquela estudante, pois acredito no poder que o teatro exerce de trabalhar a inclusão.

Naquela oportunidade chamei Wanessa e perguntei o que Raquel estava dizendo, porque eu queria ter certeza, que eu estava entendendo certo. Para a minha alegria, Wanessa começa a falar na frente de todos de como o teatro tem feito bem para ela, de como ela tem se sentido segura após as aulas e também me fala que quando chega em casa fica comentando com seus familiares de como são as aulas e sua irmã Raquel (surda) entende o que ela explica e a dias estava com muita vontade de pedir para entrar no trabalho, diz que Raquel não tinha vindo antes com medo de ser excluída por ser surda. Ouvindo Wanessa, coloquei em prática aquilo que já pensava enquanto prestava atenção a Raquel, disse a ela que era muito bem-vinda ao projeto, a jovem ficou muito feliz e eu também, mesmo sem eu saber como iria administrar aquele novo desafio que se apresentava diante de mim, mas eu sabia que no teatro podemos construir essas formas de participação. De início, não sabia como Raquel participaria, pois, as cenas se dividiam em diálogos, leituras e danças, e eu dentro das minhas limitações ficava imaginando como ela iria participar, pois Raquel não lê, e nos diálogos como seria? Pois, ninguém no grupo achava essa tarefa fácil, com as danças eu ficava me questionando como ela iria pegar o ritmo? Eu tinha muitos

questionamentos, pois pesquisadora nunca sabe tudo, mas resolvi deixar Raquel normalmente no meio de todos e fiquei tratando ela igual a todos os demais estudantes, e para minha surpresa fui vendo que a adaptação dela ao trabalho foi acontecendo de maneira muito espontânea, ela foi se encaixando em cada cena, de maneira que ao contrário do que eu imaginava, de criar uma cena específica para Raquel onde ela entraria, faria sua participação e sairia, nada disso aconteceu. Raquel estava em todas as cenas do roteiro, do início ao fim, e surpreendentemente nas danças ela se superava, era quem primeiro aprendia a coreografia, contribuía com suas sugestões e ainda ensinava a dança as outras meninas, em vários momentos da apresentação, Raquel era quem ia na frente liderando a coreografia para que as demais meninas a acompanhassem. Chamava a atenção de todos como ela dançava com graça, era normal ouvir comentários entre elas mesmo, que Raquel era quem melhor dançava.

Imagem 53: Estudante Raquel (Surda) durante as oficinas e ensaios. E também na apresentação final liderando a coreografia e conduzindo as outras estudantes durante a dança.

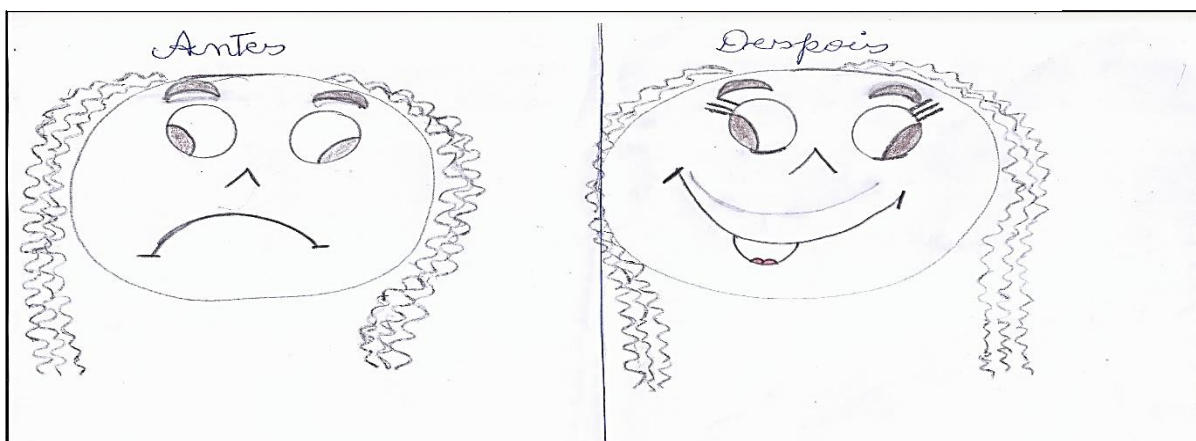


2017: Fonte: Acervo de Leide Alcântara – Professora Pesquisadora

Assim o projeto foi apresentado com a participação de Raquel. Para mim foi uma experiência incrível, durante a culminância, entre o público que estava na rua, se encontrava uma senhora moradora de Pilões que tem um filho surdo, e quando ela viu Raquel na apresentação, ela ficou muito emocionada, me procurou ao final e relatou como era importante aquela jovem ter essa oportunidade, pois ela sabia o que era ter um filho excluído de atividades escolares por ser surdo. Aquela moradora

falava que ficou emocionada com o sorriso nos lábios de Raquel, disse que quem não conhecia a menina não tinha como perceber que ela era surda de tão entrosada que ela estava no trabalho, àquela senhora ainda me relatava de como essa experiência devia ter feito sentido para Raquel, ela se sentir participando de tudo aquilo. Nesse momento quem já estava mais que emocionada era eu, em perceber o encantador poder que o teatro exerce, o poder da inclusão que antes para mim era conhecido em teoria agora se revelava na prática, como foi gratificante para todos da pesquisa essa experiência, pois, entre eles mesmo não havia mais a barreira da surdez. O diálogo passou a ser algo normal envolvendo todos. E eu ficava me perguntando e para Raquel?

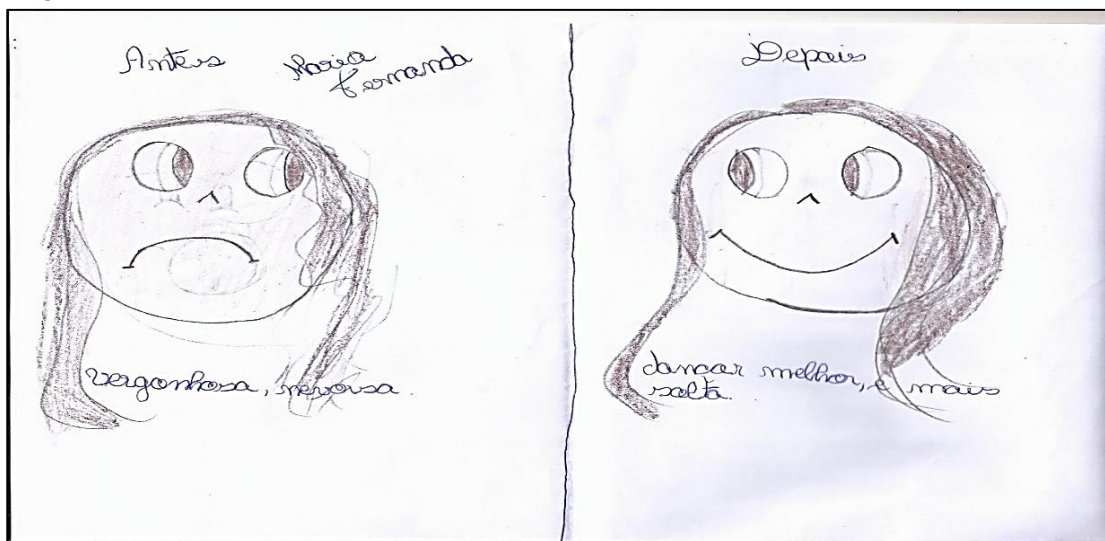
Imagem 54: Desenho de Raquel Hilário Marcelino – 17 anos. (Surda) Estudante do 8º ano B



2017: Fonte: Acervo de Leide Alcântara – Professora Pesquisadora

Raquel sem palavras orais, em seu desenho expressa que antes do projeto com o teatro ela era triste e hoje depois do teatro ela é feliz, para mim o seu desenho e o que ela expressava pessoalmente já diz tudo a respeito do seu sentimento de participação, Raquel sentia que fazia parte do trabalho, dialogava e se fazia entender, além de agora também entender a todos, a comunicação tornou-se algo natural, e passamos a entender que em meio a toda essa experiência foi fortalecido, além de outras coisas o sentimento de amor. “Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo” (FREIRE, 1987, p.80). Realmente essa rica oportunidade para todos foi representada ao final do processo como uma experiência de amar. Amar o próximo, amar o que faz, amar viver e saber que onde permitimos o amor falar mais alto, não há exclusão.

Imagem 55: Desenho de Maria Fernanda Felix da Silva – 12 anos. Estudante do 7º ano B



2017: Fonte: Acervo de Leide Alcântara – Professora Pesquisadora

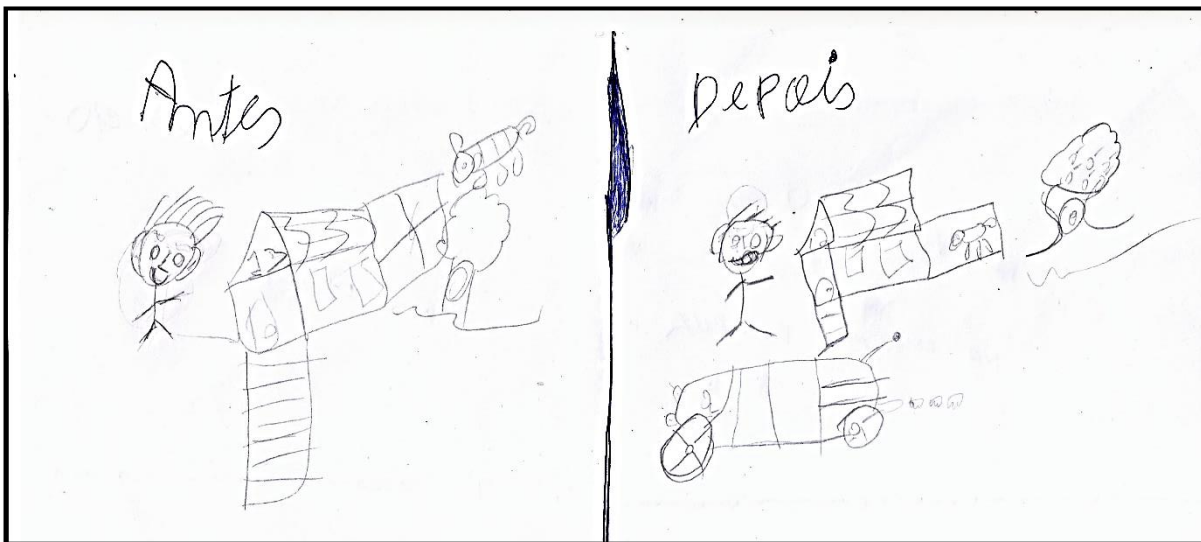
“Antes do teatro eu não sabia dançar muito bem, eu era muito vergonhosa, quando era para falar em público eu travava e agora não, eu sou mais solta para falar com as pessoas, eu danço melhor. Eu gostei muito de tudo porque eu fiz muitas amizades”. (Depoimento de Fernanda).

O sentimento de se sentir mais feliz, mais segura, mais “solta” acompanhou boa parte das meninas do grupo, entre elas também está Maria Fernanda, que realmente no início do trabalho se apresentava muito vergonhosa, como escreve em seu desenho. Essa jovem tinha uma sudorese intensa sempre que dávamos início aos exercícios, principalmente quando se realizava atividades palco / plateia. A sensação de estar sendo observada sempre a deixava muito nervosa, tanto que também escreve isso no desenho. Mas o crescimento pessoal que essa estudante desenvolveu ao longo do processo foi impressionante, Fernanda disse que sempre gostou de dançar, mas se sentia desengonçada, na verdade o que ela tinha era vergonha e isso transformou-se em uma barreira para ela. “Jogos teatrais, experimentados em sala de aula, devem ser reconhecidos não como diversões que extrapolam necessidades curriculares, mas sim como suportes que podem ser tecidos no cotidiano, atuando como energizadores e/ou trampolins para todos” (SPOLIM, 2001, p.20).

Os jogos teatrais utilizados nas oficinas não serviam apenas de divertimento, mas impulsionavam a todos. Durante os exercícios com o corpo, a jovem foi conquistando autoconfiança e se mostrando mais segura e como ela mesmo descreve, “mais solta”, o que levou Fernanda a uma melhor interação com os outros

componentes do grupo e com ela mesma. Ao final do processo, a jovem tinha realmente dado um grande salto em suas limitações, a estudante dizia se sentir realizada com o seu próprio resultado.

Imagem 56: Desenho de Maurício Oliveira Miguel da Silva – 18 anos. Estudante do 9º ano A

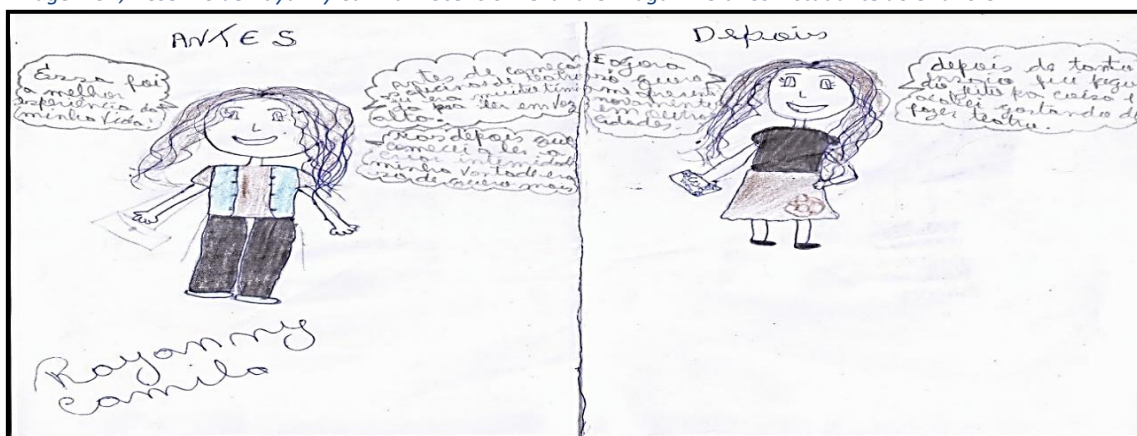


2017: Fonte: Acervo de Leide Alcântara – Professora Pesquisadora

“Antes do teatro eu não tinha intimidade com meus colegas e agora eu tenho intimidade com todo mundo” (Depoimento de Maurício). “A oficina de jogos teatrais deve intensificar as relações entre os jogadores e permitir liberdade para experimentar com os parceiros, com o ambiente e consigo mesmo” (SPOLIN, 2001, p.34). Os exercícios com os jogos no período das oficinas, permitiu a Maurício liberdade, dando ao jovem a oportunidade de interagir com os outros estudantes e intensificando as relações entre eles.

Maurício relatou quando apresentou seu desenho que antes das aulas de teatro ele vivia “perambulando” na rua, sem nada para fazer e depois que a pesquisa começou e ele passou a fazer parte do grupo, ele ficava o tempo todo ansioso esperando que chegasse o dia da aula de teatro que passou a ser o melhor dia da semana para ele.

Imagem 57; Desenho de Rayanny Camila Inocêncio Alexandre Braga – 13 anos. Estudante do 8º ano C



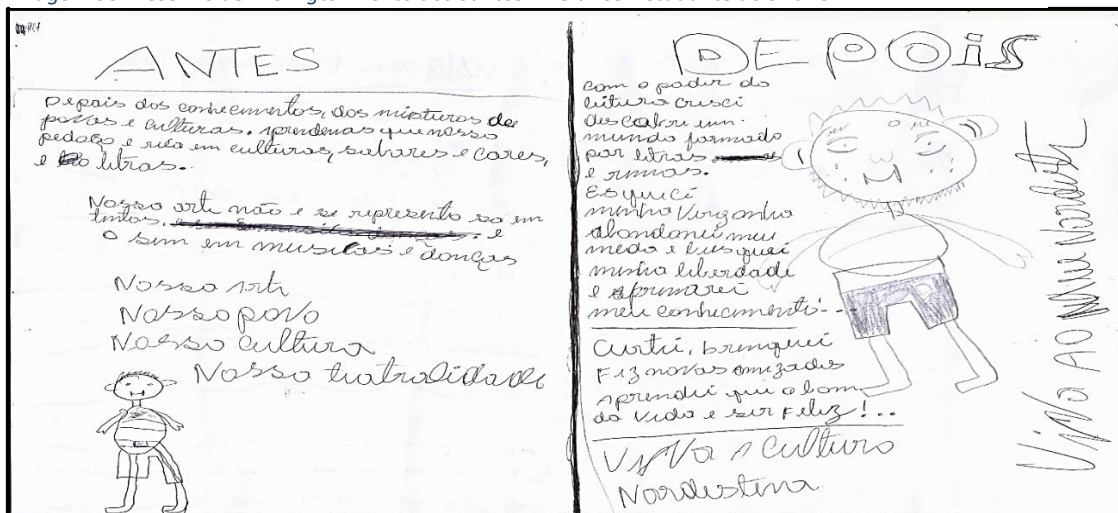
2017: Fonte: Acervo de Leide Alcântara – Professora Pesquisadora

“Essa foi a melhor experiência da minha vida, eu gostei muito. Foi bom porque eu aprendi a ler cordel. É importante a gente ter homenageado Baraúna, porque a gente não conhecia esse artista, só conhecia artista de fora, e ele que é da nossa terra, bem perto da gente, a gente não conhecia. A gente não deve só homenagear os artistas de fora, mas sim os que estão perto da gente, que é da nossa terra” (Depoimento de Rayanny).

O texto que Rayanny escreve nos balõezinhos do desenho diz: “antes de começar as oficinas de teatro eu era muito tímida para ler em voz alta. Mas depois que comecei a ler, a criar intimidade, minha vontade era só de quero mais. E agora só quero me apresentar novamente em outras cidades. Depois de tanto ensaio, fui pegando jeito para a coisa e acabei gostando de fazer teatro”.

O jogo autoriza tentativas e formas flexíveis que abrem outras portas” (RYNGAERT, 2009, p.31). Por meio da flexibilidade dos jogos, Rayanny se sentiu à vontade para tentar e se arriscar em novas experiências, o que resultou em uma nova porta que se abriu para essa jovem, uma porta cênica, a porta do teatro.

Imagem 58: Desenho de Welington Bento dos Santos – 18 anos. Estudante do 9º ano A



2017: Fonte: Acervo de Leide Alcântara – Professora Pesquisadora

“Sou feliz por fazer aula de teatro, antes da minha entrada no teatro, eu me sentia muito pequeno, tanto dentro de sala de aula como fora, porque eu não aprimorava meu conhecimento com a leitura, com a escrita, hoje eu sou grande por ter conhecimento com a leitura, ter intimidade com a minha caligrafia, aprimorei os meus conhecimentos e hoje eu sou feliz, muito feliz. A minha vida antes deu entrar aqui era só eu utilizar meus meios de comunicação nas redes sociais e eu escrevia muito errado, eu era julgado por todos, hoje eu não sou julgado mais, porque eu abri mão dos meus medos e busquei minha liberdade. Descobri o conhecimento do cordel e descobri que na minha terra tem artista como Baraúna. Minha realidade é diferente das outras, eu morro na zona rural, e todo mundo tem dificuldade por aí com vários tipos de coisas, mas eu não tenho, eu busquei entrar no teatro para aprimorar todo meu tipo de leitura, to aqui a um tempinho, faz mais ou menos um ano que eu entrei aqui, e sou feliz por estar aqui por toda minha vida” (Depoimento de Welington).

É interessante observar que o estudante Welington, escreve do lado depois do seu desenho: com o poder da leitura cresci, descobri um mundo formado por letras e rimas. Esqueci minha vergonha, abandonei meu medo e busquei minha liberdade, e aprimorei meu conhecimento. Curti, brinquei, fiz novas amizades, aprendi que o bom da vida é ser feliz! Viva a cultura nordestina, viva ao meu Nordeste. Na “arte, encontrou para si um modo real de aumentar o seu poder e de enriquecer a sua vida” (FISCHER,1987, p.45). Welington no início do processo era extremamente tímido e calado, ao final, esse estudante se apresentava totalmente diferente, dizia sempre com muito orgulho e entusiasmo, antes eu era pequeno e agora eu sou grande, essa frase virou a marca registrada do estudante, eu era pequeno e agora sou grande, no desenho ele reforça isso no antes, o estudante se desenha em um tamanho pequeno e no depois ele se desenha como um gigante. Chama a atenção porque os demais estudantes geralmente só falavam sobre suas mudanças quando eram estimulados por alguma conversa, mas Welington não, ele fazia questão de falar do seu crescimento o tempo todo, ele mesmo estava maravilhado com sua mudança, e eu também, muito gratificante ver a transformação desse estudante, claramente ele passou a ser uma pessoa com uma visão crítica, mais politizada e com um discurso totalmente diferente, apresentava segurança na sua fala e confiança em si mesmo.

Após essa rica tarde de troca de experiências, ao anoitecer terminamos o encontro como os próprios estudantes haviam sugerido, com uma rodada de pizza na única pizzaria da cidade. Confesso que eu havia planejado esse encerramento com um lanche naquele mesmo lugar de encontro, mas como tudo desde o início era construído e decidido em grupo, o encerramento não poderia ser diferente, e por sugestão dos estudantes esse momento de confraternização final foi realizado na pizzaria e totalmente patrocinado pela bolsa do mestrado. Investimento esse que valeu muito a pena, por ter nos proporcionado mais um rico momento de aprendizado coletivo.

Imagem 59: Foto da confraternização após nosso último encontro da pesquisa. Na pizzaria conforme desejo e solicitação do grupo de estudantes.



2017: Fonte: Acervo de Leide Alcântara – Professora Pesquisadora

Nessa análise é importante também salientar a necessidade de bolsas de estudo para que realmente seja possível se executar uma pesquisa como essa, pois todos os custos com as viagens para assistir as aulas presenciais do mestrado, congressos onde foram defendidos trabalhos e publicados artigos em anais, todas as despesas locais com a pesquisa desde cópias de textos, a compra de cordéis, resmas de papel que foram doadas para o artista com o intuito de ajudá-lo a reproduzir a sua arte, alimentação e transporte desses estudantes para os encontros, além de todo o material que foi utilizado durante o período da pesquisa, foi totalmente patrocinado pela bolsa de estudo, e sem ela não creio que teria sido possível a realização deste trabalho.

O “teatro na escola deve ampliar a capacidade de dialogar, desenvolvendo a tolerância e a convivência com a ambiguidade” (SPOLIN, 2001, p.15). Em toda essa análise, eu percebi resultados transformadores, observei muitas mudanças, vi jovens tímidos que sempre se apresentavam na defensiva começarem a participar, estudantes impulsivos e agressivos aprenderem a esperar pacientemente, ouvir e respeitar os outros no grupo, trabalhando em equipe, com uma consciência e atenção que saía de si mesmo, sendo ampliada a presença do outro enquanto participantes. Em todos os detalhes expostos, vemos o poder transformador da arte em ação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vontade pedagógica de levar teatro a escola, dando a oportunidade de outros estudantes experimentarem a arte teatral, foi meu combustível desde o início do projeto, durante a pesquisa e sua aplicação, por acreditar que uma vivência com o teatro poderia despertar dentro daqueles estudantes algo que eles próprios não conheciam, pois estava adormecido dentro de cada um deles, isso me motivava a colocar a pesquisa em prática, principalmente diante da realidade que me era apresentada. Trabalhei com estudantes que durante anos de ensino nunca tinham tido a oportunidade de experienciar uma aula de arte lecionada por um professor licenciado para a disciplina, e nesse caso específico com habilitação em artes cênicas. Assim, construir um trabalho cênico não parecia uma atividade simples, isso realmente se apresentava como um desafio.

Desafio esse que foi sendo superado em um mundo de novas descobertas não só para os estudantes envolvidos na pesquisa, mas para todas as pessoas envolvidas direta ou indiretamente, e, a mim mesma que passei a vivenciar intensamente cada etapa de tudo o que foi vivido coletivamente. Utilizar a literatura de cordel trouxe para o processo a importância de se trabalhar com uma literatura marcante para o povo nordestino, e quando essa literatura é desenvolvida a partir de um autor local, um artista pilonense, fortaleceu o caminho e proporcionou uma conscientização de valorização do que é nosso, do que é produzido artisticamente na cidade de Pilões, aproximou o artista cordelista Baraúna da escola, dos estudantes, assim como da comunidade pilonense, que passou a reconhecer e valorizar sua arte, isso se mostrou não só pelo fato de ser o dia em que o artista mais vendeu seus cordéis para os moradores da cidade, mas também pelas falas de todos os presentes, inclusive das pessoas que tiveram a oportunidade de falar em público na culminância. Baraúna se sentiu extremamente gratificado por ter seu trabalho reconhecido dentro da sua própria cidade, seu cordel sendo estudado dentro do espaço escolar.

Além do contato com o artista que gerou entre os estudantes um sentimento de orgulho da arte local, antes muito pouco conhecida, os mesmos, por meio das aulas de teatro, foram passando por uma transformação artística e pedagógica ao longo do processo, se apresentando empoderados, com um crescimento pessoal e social que chamou atenção, a exemplo de que perderam a timidez, se encantaram com o mundo

da leitura, passaram a ler em público, se interessaram por ler outros cordéis que não foram usados no período da pesquisa, se orgulhavam em dizer que agora estavam lendo e isso foi realmente algo extraordinário, estudantes que nunca tinham lido em público, agora não sentiam isso como um obstáculo em suas vidas, estavam lendo e sentindo-se orgulhosos com esse feito. Jovens que passaram a se expressar com segurança.

Outro ponto importante do trabalho foi ir para a rua, romper os muros da escola e levar essa experiência teatral até a comunidade, compartilhar a vivência com a população, permitir que a sociedade descubra e desperte para a escola, os estudantes, o teatro, o cordel, e identificar-se, pois, tudo era fruto local. Perceber o grande salto qualitativo, que foi inicialmente a pesquisa encontrar dificuldade de apoio e pouca credibilidade, e quando as pessoas começaram a ver os resultados do trabalho isso foi invertido, muita gente queria ajudar e se envolver, desde pais de estudantes, professores, comunidade e até autoridades políticas da cidade, todos queriam participar, e ao final, eu mesma enquanto pesquisadora, fiquei surpresa com a dimensão que a pesquisa adquiriu e com o espaço que o trabalho ocupou, mais principalmente com o número de pessoas alcançadas direta e indiretamente ao longo do caminho até a culminância desse trabalho teatral de natureza pedagógica.

Realmente foi um caminho de importantes conquistas para a arte educação, tendo em vista as inúmeras dificuldades encontradas, a desvalorização da arte, a falta de reconhecimento, de estrutura física e condições de trabalho nos espaços escolares, entre outros que já foram explanados. Mas uma coisa é certa, dentro de mim foi avivada e fortalecida a convicção de que vale a pena ensinar arte, é realmente gratificante observar o poder transformador que a arte e especificamente as artes cênicas exercem no ser humano, vale a pena acreditar e passar por cima de todos os obstáculos para ver a concretização de um processo artístico e pedagógico em ação. Vale a pena ser arte educadora.

Tudo isso também despertou em mim, o desejo de continuar a pesquisar sobre o ensino de arte na escola, reconhecendo esse, como sendo um campo com muito ainda o que se estudar. Sugiram-me novos questionamentos, como por exemplo aprofundar estudos sobre: estudantes que não são lecionados na disciplina de arte por um arte educador, o que perdem? Quais são seus danos? O que poderiam

desenvolver? De que são privados? Ou, o poder de criação de estudantes a partir de um despertar cênico, de que eles são capazes? Questões como essas geraram em mim novas inquietações que dois anos de mestrado são insuficientes para investigar. A ideia que se coloca como perspectiva de estudos é um doutoramento voltado para essas questões de pesquisa.

Continuemos a pesquisar, continuemos a pensar, investigar e descobrir, continuemos a plantar a boa semente artística e pedagógica, continuemos a fazer arte...

REFERÊNCIAS

ALBANESE, Mariana. **Especial Literatura de Cordel**. Rev. Brasil Almanaque de cultura popular. Ano-8, N° 89, 2006.

BERTHOLD, Margot. **História mundial do teatro**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

BORDENAVE, Juan E. Diaz. **O que é participação**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

BOSI, Alfredo. Cultura brasileira e culturas brasileiras. In: **Dialética da Colonização**. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; BORGES, Maristela Correia. **A pesquisa participante**: um momento da educação popular. Rev. Ed. Popular, Uberlândia, v.6. p.51-62. Jan/dez. 2007.

_____. **A educação como cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. A cultura do povo e a educação popular. In: **A Questão política da educação popular**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1980.

CANANÉA, Fernando A. Abath L. Cardoso. **Educação popular e identidade cultural**. João Pessoa: Imprell Gráfica e Editora, 2016.

_____. **O Mar e a jangada**: política cultural e extensão universitária. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011.

CARTAXO, Carlos. **O ensino das artes cênicas na escola fundamental e média**. João Pessoa: UFPB/BC, 2001.

CASTELLS, Manoel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CONAC. Congresso Nacional de Conhecimento. **Empreendedorismo Feminino**: um estudo sobre a cooperativa “Flores do Brejo”. Redes sociais e aprendizagem: reinventando o conhecimento. Bahia, 2016.

CURRAN, Mark. **História do Brasil em cordel**. São Paulo: EDUSP, 1998.

CHAUÍ, Marilena et al. **Política cultural**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

DESGRANGES, Flávio. **Pedagogia do teatro: provocação e dialogismo**. 2.ed. São Paulo: Crux, 2011.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. Tradução Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010 (Coleção Todas as Artes).

DESLAURIERS, J. P. **Recherche Qualitative**. Montreal: McGraw Hill, 1991.

FEIJÓ, Ricardo Luis Chaves. **Economia agrícola e desenvolvimento rural**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

FIOREZE, Romeu. **Metodologia de Pesquisa: como planejar, executar e escrever um trabalho científico**. João Pessoa: UFPB/ Editora Universitária, 2002.

FISCHER, Ernest. **A necessidade da arte**. Tradução Anna Bostock. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.

FORSTER, Carolina Jardim Firpo. Uma revisão histórica do papel da experimentação na educação científica. **V Mostra de Pesquisa da Pós-Graduação/PUCRS**, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Educação e mudança**. Tradução de Moacir Gadotti e Lilian Lopes Martin. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983 (Coleção Educação e Comunicação, vol. 1).

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1989.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa**. 1.ed. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2009.

GUÉNOUN, Denis. **O teatro é necessário?** São Paulo: Perspectiva, 2004.

JAPIASSU, Ricardo. **Metodologia do ensino do teatro**. 8.ed. São Paulo: Papirus, 2001.

JOACHIM, Sébastien. **II Cidadania Cultural – Diversidade Cultural, Linguagens e Identidades**. Recife: Elógica Livro Rápido, 2007.

KOUDELA, Ingrid. **Jogos Teatrais**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

LUYTEN, Joseph M. **O que é literatura popular**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Hélder. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOREIRA, Romildo. **Teatro Popular: um jeito cênico de ser**. Recife: Fundação de Cultura de Cidade, 2000.

OLIVEIRA, Ailza de Freitas. O Rio da Nascente à Foz: a escola do PPP à aprendizagem. In: CANANÉA, Fernando Abath (Org.). **Educação e suas interfaces: conversas em torno da educação, da arte e da cultura**. João Pessoa, PB: Gráfica e Editora Imprell, 2012^a.

_____. Avaliação Técnica e Pedagógica da Tecnologia Educacional E-proinfo: sob o olhar de uma educadora. In: CANANÉA, Fernando Abath (Org.). **Trilhas educacionais**. João Pessoa, PB: Gráfica e Editora Imprell, 2012b.

_____. A escola e o combate ao Aedes Aegypti: uma ação ecopedagógica interdisciplinar na disciplina de Artes. In: CANANÉA, Fernando Abath (Org.). **Ser educacional: reflexões pedagógicas**. João Pessoa, PB: Gráfica e Editora Imprell, 2017.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de teatro**. Tradução de J. Guinsburg e Maria Lúcia Pereira. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

PINTO, Álvaro Vieira. **Ciência e Existência: problemas filosóficos da pesquisa científica**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

PREFEITURA MUNICIPAL DE GUARABIRA. SECRETARIA DE CULTURA. **MEMORIAL DO CORDEL**, 2017.

RAYS, Oswaldo Alonso. A questão da metodologia do ensino na didática escolar. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (Coord.) **Repensando a didática**. Campinas: Papirus, 1996.

RODRIGUES, Luiz Dias. Como se conceitua educação popular. In: Melo Neto, José Francisco & Scocuglia, Afonso Celso Caldeira. **Educação Popular**: outros caminhos. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1999.

RYNGAERT, Jean Pierre. **Jogar, representar**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

SALES, Ivandro da Costa. Educação popular: uma perspectiva, um modo de atuar. In: SCOCUGLIA, Afonso Celso; MELO NETO, José Francisco de. (Org.). **Educação Popular**: outros caminhos. João Pessoa: Ed. UFPB, 1999.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela Mão de Alice. O social e o político na pós-modernidade**. Porto: Edições Afrontamento, 1994.

SEBRAE- Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Mulheres investem no plantio de flores no sertão da Paraíba**. Floricultura. Disponível em:<
<http://www.sebrae.com.br/setor/floricultura/o-setor/oportunidades-de-negocios>>
Acesso em: 13 fev. 2016.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SITE DA ABLC—**Academia Brasileira de Literatura de Cordel**. Disponível em: www.ablc.com.br. Acesso em: 24 mar. 2016.

SITE **SELIGAPILÕES**. Disponível em: www.seligapiloes.com.br. Acesso em 25 fev. 2018.

SITE **CLUBEDOLIVRO**. Disponível em: www.clubedolivro.com.br. Acesso em 26 set. 2017.

SITE ISTOCKPHOTO. Disponível em: www.istockphoto.com.br. Acesso em 06 mar. 2018.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

_____. **Jogos Teatrais**: o fichário de Viola Spolin. Tradução de Ingrid Dormien Koudela. São Paulo: Perspectiva, 2001.

APÊNDICES

Convite

CONVITE

A Escola M. E. F. 2ª Fase Ver. Neusa Pereira da Silva, através da professora, arte educadora, Leide Alcântara, tem o prazer de lhe convidar para participar da culminância do projeto teatro na escola denominado:

TEATRALIDADE EM CORDEL: experiência artística e educacional a partir da obra do cordelista Baraúna

Que será realizado no dia 28 de novembro, a partir das 19:00 horas, na Terça Cultural.

Aguardamos sua presença!

*“Valorizar a Arte da nossa terra,
é reconhecer nossa identidade cultural”*

Certificado

CERTIFICADO

Certificamos que _____, participou do projeto de pesquisa, **TEATRALIDADE EM CORDEL:** experiência artística e educacional a partir da obra do cordelista Baraúna. Realizado na Escola M. E. F. 2ª Fase Ver. Neusa Pereira da Silva.

Pilões-PB, 28 de Novembro de 2017

DENISE SOUTO PEREIRA
DIRETORA

LEIDE ROSANE SILVA SOUZA ALCÂNTARA
ARTE EDUCADORA

Musicas

XAXADO

Cordel, cordel, cordel, cordel, cordel é do povão
 Vamos contar Baraúna, nossa identidade então
 Valorizar o que é da gente, nossa cultura sim sim senhor Baraúna

BAIÃO

Eu vou mostrar pra vocês, o que é o cordel então
 E quem quiser aprender, por favor prestar atenção
 Cordel é coisa da gente, cultura do meu povão
 Tem que se valorizar, para não deixar morrer então
 Por isso chegue pra cá, me dê a sua atenção
 E vamos valorizar o que é da gente então

XOTE

A Paraíba de forma bem marcante
 Sempre esteve ligada ao cordel
 Contando história e críticas políticas,
 Trazendo o humor, religião e educação
 Cordel é voz de povo que não cala
 E através da sua Arte, tem voz ativa então
 Cordel é bom, é fala com rima
 Cordel é bom, de divulgar
 Não pode deixar essa cultura acabar
 Nosso artista, valorizar
 E mostrar o que nossa terra tem pra dá

FORRÓ

Olha o cordel meu povo, cultura simples, tão linda

Olha que diversidade de cor, que seus temas simbolizam

O cordelista, gente da gente, gente guerreira e simples é bão

Conta história, narrando fatos, traz o humor no seu coração

Uma expressão popular, valor de um povo cidadão

Eu participo, eu valorizo, não deixo o cordel morrer não

Programação

- Abertura e boas vindas
- Apresentação do projeto de pesquisa
- Apresentação da prática
- Certificados dos alunos
- Homenagem a Baraúna
- Reconhecimentos
- Final

Roteiro

(Todos espalhados na cena pelo meio da plateia – juntos recitam em alta voz a primeira estrofe do cordel)

TOQUE DA SANFONA – PARA A ENTRADA DO CASAL DE CANGACEIROS

- Fala do casal de cangaceiros
- Leitura das estrofes 2 do cordel (ainda espalhados na plateia)
- **MÚSICA XAXADO** - Todos saem da plateia em direção ao centro da cena dançando.
- Leitura das estrofes 3 do cordel

- TOQUE DA SANFONA - PARA ELES PEGAREM OS BANQUINHOS E SENTAREM

- DIÁLOGO – Cordel

- Cordel
- Cordel
- Cordel
- Mas o que é cordel?
- É uma importante expressão artística da cultura popular

Todos - Popular?

- Sim o que é produzido pelo povo
- Podíamos ter trabalhado vários autores
- Inclusive Shakespeare
- Mas trabalhar Baraúna nos aproxima do que é nosso
- Nosso Povo
- Nossa produção cultural
- Nossa história
- Nossa Arte
- Nossa identidade

Todos – Identidade Cultural (Falam isso em alta voz e de pé)

- Leitura das estrofes 4 do cordel (em pé com ênfase)
- **MÚSICA BAIÃO** – (dança coreografada)
- Leitura das estrofes 5 do cordel (em pé com ênfase)
- **TOQUE DA SANFONA** – (Riscam círculos no chão com giz – brincadeira popular)
- **DIÁLOGO** – O salário do pecado é a morte, eu só não entendi porque estamos lendo esse cordel?

- Porque entre os mais de 90 cordéis escritos por Baraúna, escolhemos algo que já fazia parte da nossa gente

- Isso mesmo, e o que se entende por teatro em Pilões?

Todos – Paixão de Cristo

- Tudo que respiramos de teatro vem da história de Jesus
- Paixão de Cristo aqui já é encenada há mais de 45 anos
- É realmente isso é muito forte para nossa gente.
- Estamos recontando a história de Jesus com rimas e versos, com o cordel.
- Essa é a nossa história
- Essa é a nossa teatralidade

Todos - Esse é o nosso cordel (**Dizem isso cada um entrando em um círculo para a brincadeira começar, enquanto leem as estrofes**)

- Leitura das estrofes 6 do cordel
- **MÚSICA XOTE** – (dança coreografada)
- Leitura das duas últimas estrofes (**Baraúna e professora entram lendo**)
- **Festejo** - Viva ao cordel
 - Viva a nossa cultura
 - Viva a Baraúna
- **MÚSICA FINAL** – Todos dançam com muita alegria e o público é convidado para entrar na festa.

FIM

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado Senhor Gilberto Baraúna da Silva

Esta pesquisa é sobre Teatralidade em cordel e está sendo desenvolvida pela pesquisadora Leide Rosane Silva Souza de Alcântara, aluna do Curso de mestrado profissional em Artes - PROFARTES da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação do Prof. Dr. Fernando Abath Cananêia.

Os objetivos do estudo são: realizar um processo criativo cênico com os estudantes da Escola de Ensino Fundamental 2ª Fase Vereadora Neusa Pereira da Silva a partir da literatura de cordel de Baraúna; promover leitura de cordel; trabalhar análise textual; realizar oficina de teatro; proporcionar interação em grupo e refletir com os estudantes sobre a importância do teatro na educação.

A finalidade deste trabalho é contribuir para a valorização da arte da terra, a começar pelo incentivo entre a comunidade estudantil, levando-os ao conhecimento das obras de um artista local, valorizando a identidade cultural da região, além de levar uma experiência teatral prática aos alunos em sala de aula, dando-lhes a oportunidade de experimentar o teatro enquanto prática pedagógica.

Solicitamos a sua colaboração para utilizar suas obras de cordel, participar em oficinas de teatro e na apresentação final, além de entrevista, fotos e vídeos, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de saúde, educação e de artes e publicar em revista científica ou outros meios. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo. Informamos que essa pesquisa não oferece riscos, previsíveis, para a sua saúde.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o senhor não é obrigado a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pela Pesquisadora. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano.

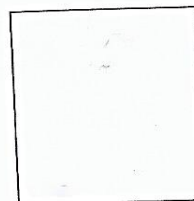
A pesquisadora estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

A handwritten signature in blue ink, followed by a circular stamp containing the word "Folha" in a stylized font.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento

Gilberto Bezerra da Silva
Assinatura do Participante da Pesquisa
ou Responsável Legal

OBSERVAÇÃO: (em caso de analfabeto - acrescentar)



Espaço para impressão
dactiloscópica

Assinatura da Testemunha

Contato da Pesquisadora Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para a pesquisadora ----
WEIDE ROSANE SILVA SOUZA DE ALEANTARA

Endereço (Setor de Trabalho): *Av. CÔNEGO TEODOMIRO, 32 - CENTRO - CEP: 58393-000*
PILOÕES / PB

Telefone: *(83) 99658-0040 / 98719-4772*

Ou

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba
Campus I - Cidade Universitária - 1º Andar - CEP 58051-900 - João Pessoa/PB

☎ (83) 3216-7791 - E-mail: eticaccsufpb@hotmail.com

Atenciosamente,

Weide Rosane Silva Souza de Aleantara
Assinatura do Pesquisador Responsável

Fabiano A. Araújo B.C. Cavalcante
Assinatura do Pesquisador Participante
Prof. Dr.

Obs.: O sujeito da pesquisa ou seu representante e o pesquisador responsável deverão rubricar todas as folhas do TCLE apondo suas assinaturas na última página do referido Termo.



**Prefeitura de
PILÕES**

Mais trabalho. Novas conquistas!

**ESTADO DA PARAÍBA
PREFEITURA MUNICIPAL DE PILÕES
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO**

TERMO DE ANUÊNCIA

A Escola de Ensino Fundamental 2ª Fase Vereadora Neusa Pereira da Silva está de acordo com a execução do projeto de pesquisa intitulado Teatralidade em cordel e, coordenado pela pesquisadora Leide Rosane Silva Souza de Alcântara, aluna do Curso de mestrado profissional em Artes - PROFARTES na Universidade Federal da Paraíba.

A Escola de Ensino Fundamental 2ª Fase Vereadora Neusa Pereira da Silva assume o compromisso de apoiar o desenvolvimento da referida pesquisa pela autorização da coleta de dados durante os meses de abril até julho de 2017.

Declaramos ciência de que nossa instituição é coparticipante do presente projeto de pesquisa, e requeremos o compromisso da pesquisadora responsável com o resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados.

João Pessoa, 20 de maio de 2017

Cícero Galdino dos Santos

Assinatura/Carimbo do responsável pela instituição pesquisada

Cícero Galdino dos Santos
Secretário de Educação
Mat: 1567

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Orientação para Alunos)

Prezado (a) Aluno (a)

Esta pesquisa é sobre Teatralidade em cordel e está sendo desenvolvida pela pesquisadora Leide Rosane Silva Souza de Alcântara, aluna do Curso de mestrado profissional em Artes - PROFARTES da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação do Prof. Dr. Fernando Abath Cananéia.

Os objetivos do estudo são: realizar um processo criativo cênico com os estudantes da Escola de Ensino Fundamental 2ª Fase Vereadora Neusa Pereira da Silva a partir da literatura de cordel de Baraúna; promover leitura de cordel; trabalhar análise textual; realizar oficina de teatro; proporcionar interação em grupo e refletir com os estudantes sobre a importância do teatro na educação.

A finalidade deste trabalho é contribuir para a valorização da arte da terra, a começar pelo incentivo entre a comunidade estudantil, levando-os ao conhecimento das obras de um artista local, valorizando a identidade cultural da região, além de levar uma experiência teatral prática aos alunos em sala de aula, dando-lhes a oportunidade de experimentar o teatro enquanto prática pedagógica.

Solicitamos a sua colaboração para participar em oficinas de teatro e na apresentação final, além de entrevista, fotos e vídeos, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de saúde, educação e de artes e publicar em revista científica ou outros meios. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo. Informamos que essa pesquisa não oferece riscos, previsíveis, para a sua saúde.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição educacional.

A pesquisadora estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Assinatura do Participante da Pesquisa
ou Responsável Legal

OBSERVAÇÃO: (em caso de analfabeto - acrescentar)



Espaço para impressão
dactiloscópica

Assinatura da Testemunha

Contato do Pesquisador (a) Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para o (a) pesquisador

(a) LEIDE ROSANE SILVA SOUZA DE ALENTARA

Endereço (Setor de Trabalho): AV. CÔNEGO TEODOMIRO, 32 - CENTRO - CEP: 58393-000

Telefone: (83) 99658-0040 / 98719-4772 PINÕES / PB

Ou

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba

Campus I - Cidade Universitária - 1º Andar - CEP 58051-900 - João Pessoa/PB

☎ (83) 3216-7791 - E-mail: eticaccsufpb@hotmail.com

Atenciosamente,

Leide Rosane Silva Souza de Alentara
Assinatura do Pesquisador Responsável

Fernando A. Abaty B. C. Cavalcante
Assinatura do Pesquisador Participante
Orientador - Prof. Dr. em Educação

Obs.: O sujeito da pesquisa ou seu representante e o pesquisador responsável deverão rubricar todas as folhas do TCLE apondo suas assinaturas na última página do referido Termo.

ANEXOS

O SALÁRIO DO PECADO É A MORTE
Literatura de Cordel**Gilberto Baraúna da Silva**

FICHA TÉCNICA

NOME: O SALARIO DO PECADO É A MORTE

TEMA: BÍBLICO

AUTOR: GILBERTO BARAUNA DA SILVA

REFERÊNCIA: O LIVRO DE GENESES

DATA: 29 DE OUTUBRO DE 2010

ESTROFES: 56 DE SETE VERSOS (SEPTILHA)

ESQUEMAS DAS RIMAS: X-A-X-A-B-B-A

OBS. AS LETRAS REPETIDAS INDICAM OS VERSOS QUE RIMAM ESTRE SI.

INDICA-SE COM -X- OS VERSOS QUE NÃO RIMAM COM NENHUM OUTRO.

(01)

PEÇO AGORA A JESUS CRISTO
 QUE VENHA ME ILUMINAR
 E VOÇÊS PRESTEM ATENÇÃO
 NA HISTORIA QUE VOU NARRAR
 OLHANDO A BIBLIA ENCONTREI
 A HISTORIA DE UM REI
 QUE VEIO PRA NOS SALVAR

CARO LEITOR ME ESCUTE
 VOU CHAMAR SUA ATENÇÃO
 PARA UM ASSUNTO IMPORTANTE
 MAIS VOU TE DAR DIREÇÃO
 PRA UMA VIDA LONGA E CALMA
 SE DESEJA TUA ALMA
 ALCANÇAR A SALVAÇÃO

O PONTO ALTO DA CRIAÇÃO
 PARA DEUS É A HUMANIDADE
 A ORIGEM DO MUNDO PRA DEUS
 FOI SEMPRE UMA RARIDADE
 SE VOCÊ LER GÊNESES AGORA
 VAI VER A ORIGEM DA HISTORIA
 E DESCOBRIR A VERDADE

A TERRA NÃO TINHA FORMA
 AS TREVAS COBRIAM O ABISMO
 E O VENTO IMPETUOSO
 SOPRAVA SEMPRE OSTENSIVO
 MAIS DEUS QUERIA MUDAR
 TUDO ISSO E COMPLETAR
 TODO SEU OBJETIVO

(02)

SEU OBJETIVO ERA DAR
 VIDA NOVA AO MUNDO INTEIRO
 PRA CONSEGUIR SEU INTENTO
 SE EMPENHOU POR INTEIRO
 POR SEIS DIAS TRABALHOU
 NO SÉTIMO DESCANSOU
 ESTE É UM DEUS VERDADEIRO

NO PRINCIPIO DEUS CRIOU
 A TERRA O CÉU E O MAR
 A NATUREZA O HOMEM
 OS SERES QUE NELES HÁ
 FAZENDO O BEM NÃO O MAU
 NÃO FEZ TERRA PARA O CAOS
 E SIM, PRO HOMEM HABITAR

CRIOU TAMBÉM UM JARDIM
 POIS O HOMEM PRA CUIDAR
 DEU-LHE O DIREITO DE TUDO
 PARA ELE DOMINAR
 E PRA SER GLORIFICADO
 SÓ QUERIA SER AMADO
 ESPONTÂNEO SEM FORÇAR

E O HOMEM ERA FELIZ
 AO LADO DO CRIADOR
 NÃO CONHECIA TRISTEZA
 NÃO SABIA O QUE ERA DOR
 MORTE ALI NÃO EXISTIA
 E PRA LHE TIRAR A ALEGRIA
 NEM DOENÇA LHE CHEGOU

(03)

MAIS ADÃO VIVIA SÓ
SEM NINGUÉM PRA CONVERSAR
DEUS LHE ARRANJOU UMA FEMEA
PARA ELE SE CASAR
PRO HOMEM PARAR DE BESTEIRA
DEU-LHE UMA COMPANHEIRA
PARA LHE AUXILIAR

VEJAM QUE DEUS FEZ O HOMEM
SUA IMAGEM E SEMELHANÇA
ERA SEU REPRESENTANTE
TINHA TODA CONFIANÇA
SUA AÇÃO ERA DISTINTA
E SUA MENTE ERA LIMPA
NATUREZA DE CRIANÇA

DEUS LHE DEU UM MANDAMENTO
QUE NÃO PODIA SER QUEBRADO
SEU DESTINO ESTAVA ALI
ELE JÁ HAVIA TRAÇADO
A VERDADE NUA E CRUA
POIS A ESCOLHA ERA SUA
DE SER LIVRE OU CONDENADO

O SENHOR DEUS DISSE ADÃO
DE TUDO PODES COMER
MAIS TE FAÇO UM PEDIDO
TU AGORA VAIS SABER
POIS AQUI NESTE MOMENTO
VIDA E MORTE TE APRESENTO
DEVEIS AGORA ESCOLHER

(04)

DOS FRUTOS DESTE JARDIM
TU COMERAS LIVREMENTE
MAIS TE FAÇO UM ALERTA
E TE DEIXO CONSCIENTE
JÁ TE MOSTREI O QUE FIZ
E SE QUERES SER FELIZ
BASTA SER OBEDIENTE

TEM UM FRUTO NO JARDIM
QUE NELE NÃO DEVES TOCAR
ESTE FRUTO É PROIBIDO
É PRECISO SE CUIDAR
O QUE TE DIGO É CORRETO
DELE NUM CHEGUE NEM PERTO
PARA A MORTE NÃO REINAR

A COBRA, QUE TAMBÉM FOI.
CRIADA PELO SENHOR
TINHA INVEJA DA AMIZADE
DE ADÃO COM O CRIADOR
SEM ADÃO SABER DE NADA
PREPAROU-LHE UMA CILADA
E LOGO EM PRÁTICA BOTOU

A SERPENTE É O DIABO
CHAMADO DE TENTADOR
QUE VEIO A TERRA COM A MISSÃO
DE SE OPOR AO SENHOR
E NOS SOMOS O ALVO SEU
É QUE ELE SABE QUE PRA DEUS
O SER HUMANO TEM VALOR

(05)

EVA MULHER DE ADÃO
PELO MAL FOI ENGANADA
COMEU O FRUTO PROIBIDO
ENTRANDO NESTA ROUBADA.
A MESMA COISA FEZ ADÃO
E NUM É MENTIRA NÃO
POIS A HISTORIA FOI CONTADA

ELES DOIS FORAM ENGANADOS
PELO TIRANO OPRESSOR
QUE VEIO PRA NOS MALTRATAR
FAZER MALDADE E HORROR
PRA TIRAR NOSSA HARMONIA
NOS ROUBAR A ALEGRIA
E NOS SEPARAR DO SENHOR

EVA COMEU DA MAÇA
E TAMBÉM DEU A ADÃO
DAI CAIU SEU SEMBLANTE
VEIO A TRANSFORMAÇÃO
VIU A NUDEZ QUE NÃO VIA
PERDEU TODA REGALIA
NA SUA REBELIÃO

ADÃO COMETEU UM CRIME
E POR ELE FOI CONDENADO
EXPULSO DO JARDIM DO EDEM
QUE POR ELE ERA GUARDADO
VEJAM SÓ O QUE ROLOU
ISSO SÓ PORQUE ERROU
NA HISTORIA DO PECADO

(06)

O NOSSO DEUS É AMOR
AINDA É JUSTO E FIEL
ELE JULGA TODO MUNDO
DESEMPENHA SEU PAPEL
E NÃO GOSTA DE PREGUIÇA.
AO CULPADO FAZ JUSTIÇA
E O INOCENTE DAR-LHE MEL

O PECADO VEIO AO MUNDO
POR CULPA DO VELHO ADÃO
E TAMBÉM DA DONA EVA
QUE NOS DEIXARAM NA MÃO
COM SEUS PENSAMENTOS VAN
AO PREÇO DE UMA MAÇA
NOS ENTREGARAM AO DRAGÃO

POR TABELA TODOS NOS
RECEBEMOS ESSA HERANÇA
MORADOR DE QUALQUER PAIS
DO BRASIL OU LÁ DA FRANÇA
PORQUE DO JEITO QUE TAVA
SABE ONDE NOS PARAVA
NO CÉU DA BOCA DA ONÇA

NOSSO DEUS MARAVILHOSO
CHOROU POR NOS MEU IRMÃO
QUANDO VIU O HOMEM FERIDO
SEM RUMO E SEM DIREÇÃO
AFASTADO SEM DESTINO
COM TODO SEU DESATINO
PERDIDO NA ESCURIDÃO

(07)

O HOMEM TINHA UMA DÍVIDA
QUE ERA DE GRANDE PORTE
ATÉ PORQUE O SALÁRIO
DE PECADO É A MORTE
E A CRUZ SERIA O LUGAR
ONDE TODOS IAM PASSAR
POR CAUSA DA POUCA SORTE

DEPOIS DA MORTE O INFERNO
ERA NOSSO ESTE LUGAR
CASTIGO POR NOSSOS ERROS
SALÁRIO PELO PECAR
E SEM PODER FAZER NADA
SENTENÇA JÁ DECRETADA
NÃO TINHA COMO MUDAR

MAIS JESUS FILHO DE DEUS
VENDO A NOSSA SITUAÇÃO
SE REUNIU COM O PAI
TOMANDO UMA POSIÇÃO
DE ASSUMIR TODO PECADO
PARA DEUS FOI DE BOM GRADO
EIS AI A SALVAÇÃO

ELE DESCEU LÁ DO CÉU
MOVIDO PELA PAIXÃO
TORNOU-SE HOMEM COMUM
ENFRENTOU DESILUSÃO
TEVE FRIO SENTIU FOME
E ENFRENTOU PELO HOMEM
ATÉ MESMO HUMILHAÇÃO

(08)

EXISTIAM REQUISITOS
ORDENANÇAS E DEVER
QUE PARA SALVAR O HOMEM
ELE TINHA QUE FAZER
AGÜENTAR A CRUZ PESADA
ARRASTÁ-LA PELA ESTRADA
E PELO HOMEM IA MORRER

E ASSIM MESMO ELE FEZ
ASSUMIU NOSSO LUGAR
SUPOU VÁRIOS CASTIGOS
CHAGANDO ATÉ APANHAR
E TAMBÉM FOI TORTURADO
INOCENTE MAIS CALADO
SEM AO MENOS RECLAMAR

FOI LÁ NA CRUZ DO CALVÁRIO
ONDE TUDO ACONTECEU
ISSO PELOS MEUS PECADOS
OS DO MUNDO E OS SEUS
MAIS DEIXOU ESCRITO ASSIM
PRIMEIRO PASSA POR MIM
PRA PODER CHEGAR A DEUS

FEZ ISTO PORQUE NOS AMA
QUE GRANDE PROVA ELE DEU
QUANDO MORREU NUMA CRUZ
PRA SALVAR VOCÊ E EU
NÃO É HISTÓRIA INVENTADA
QUE VEM DEPOIS DE UMA CAÇADA
ESTE FATO ACONTECEU

(09)

ACEITE JESUS CRISTO AMIGO
 PRA RECEBER SEU PERDÃO
 PARA MORAR LÁ NO CÉU
 COM O PROFETA ABRAÃO
 PRA DESCANSAR DESSA LIDA
 SE LIBERTAR DESSA VIDA
 E MORAR NA GRANDE MANSÃO

FAÇA ISSO BEM DEPRESSA
 NÃO DEMORE COMPANHEIRO
 PARA GANHAR ESSA BENÇÃO
 NÃO PRECISA TER DINHEIRO
 A SALVAÇÃO É DE GRAÇA
 E PRA NÃO VIRAR FUMAÇA
 ACEITE JESUS BEM LIGEIRO

NÃO DEIXE PARA AMANHA
 TOME LOGO POSIÇÃO
 ELE ESTAR A TE CHAMAR
 ABRA BEM SEU CORAÇÃO
 NUM SEJA MAIS UM ALOPRADO
 SE ARREPENDA DO PECADO
 PRA DEIXAR A ESCRAVIDÃO

NÃO ME DÊ DESCULPA AMIGO
 QUE JÁ TEM RELIGIÃO
 QUE FAZ MUITAS CARIDADES
 QUE É PACATO CIDADÃO
 OU QUE É JUSTO DE INFÂNCIA
 E QUE TEM UM REI NA PANÇA
 E NÃO PRECISA DE PERDÃO

(10)

A SALVAÇÃO NÃO SE COMPRA
 COM OBRAS DE CARIDADE
 INFLUENCIA POSIÇÃO
 TER PRESTIGIO NA CIDADE
 PARA ALCANÇAR TODO ISSO
 SÓ PRECISA ACEITAR CRISTO
 E DEIXAR A VAIDADE

NÃO SE PREOCUPE AMIGO
 COM QUE OS OUTROS VÃO FALAR
 SE VOCÊ ACEITAR CRISTO
 E O MUNDO ABANDONAR
 POIS VEJA ISSO COM CALMA
 O DESTINO DA TUA ALMA
 É VOCÊ QUEM TEM QUE DAR

JESUS FEZ A PARTE DELE
 LÁ NA CRUZ EM SEU LUGAR
 A ESCOLHA AGORA É SUA
 NÃO É FÁCIL DE TOMAR
 SE TENS A ALMA SERENA.
 COM CERTEZA VALE A PENA
 DO INFERNO SE LIVRAR

ABANDONE AGORA OS VÍCIOS
 E A PROSTITUIÇÃO
 ANALISE A SUA VIDA
 ABRA AGORA O CORAÇÃO
 O QUE PASSOU JÁ SE FOI
 MAIS NÃO DEIXE PRA DEPOIS
 TOME LOGO A DECISÃO

(11)

DEIXE LOGO A IDOLATRIA
 PARA SERVIR AO DEUS VIVO
 FAÇA AGORA COMO EU
 ELE É MUITO COMPASSIVO
 SEJA DO JEITO QUE FOR
 EU ADORO COM AMOR
 É COM PRAZER QUE EU LHE SIRVO

ESTE MUNDO É PASSAGEIRO
 TUDO AQUI É ILUSÃO
 NÃO SE ENGANE MEU AMIGO
 COMO FEZ O VELHO ADÃO
 FAÇA ISSO SEM DEMORA
 OBEDEÇA A PALAVRA AGORA
 PRA NO CÉU SER CIDADÃO

LEMBRE-SE DO CRIADOR
 NO AUGUE DA MOCIDADE
 PARA PODER LHE SERVIR
 MUITO MAIS NOVO NA IDADE
 CUIDADO QUE ELE LHE COBRA
 PRA FAZER A SUA OBRA
 COM MAIOR CAPACIDADE

NÃO SE JULGUE SABICHÃO
 NEM MUITO INTELECTUAL
 CONFIANDO NOS ESTUDOS
 ACHANDO QUE É O TAL
 WW.COM
 O SABER É MUITO BOM
 MAS DE MAIS ELE FAZ MAL

(12)

NÃO QUEIRA COMPREENDER
 OS MISTÉRIOS DO SENHOR
 SE ACHANDO UM FILOSOFO
 ATÉ MESMO UM PROFESSOR
 OU QUERER SABEDORIA
 NO DECORRER DO SEU DIA
 QUE O PRÓPRIO CRIADOR

SE HUMILHE MEU AMIGO
 E CORRA PARA O SENHOR
 VOCÊ É APENAS BARRO
 E ELE É O CRIADOR
 ELE SABE FRENTE E VERSO
 É O DONO DO UNIVERSO
 E VOCÊ É SÓ VAPOR

RENUNCIE AGORA O MUNDO
 OS PRAZERES PASSAGEIROS
 FAÇA COMO FEZ ZAQUEU
 DESSA LOGO, BEM LIGEIRO.
 COMO QUEM LUTA NA GUERRA
 SEJA O ÚLTIMO AQUI NA TERRA
 MAS NO CÉU SEJA O PRIMEIRO

NÃO SE LEMBRE SÓ DE DEUS
 NA HORA DA PRECISÃO
 LEMBRE TAMBÉM NA BONANÇA
 E FAÇA SEMPRE UMA ORAÇÃO
 FAÇA O QUE PODER POR ELE
 NÃO REJEITE O FILHO DELE
 NEM A SUA SALVAÇÃO

(13)

SÓ JESUS É O CAMINHO
A VERDADE E A VIDA
SE VOCÊ QUER IR PRO CÉU
NÃO EXISTE OUTRA SAÍDA
QUE VOCÊ QUEIRA QUER NÃO
NÃO EXISTE OUTRA OPÇÃO
SÓ ELE TE DÁ GUARIDA

NO LIVRO DE ATÓS TÁ ESCRITO
SÓ EM CRISTO HÁ SALVAÇÃO
NÃO É POR LUCAS NEM MATEUS
NEM POR MARCOS OU JOÃO
APENAS POR JESUS CRISTO
MORRENDO NA CRUZ E COM ISTO
NOS DEU ESTA CONDIÇÃO

DEUS TE ABENÇOE MEU AMIGO
E POR ELE SEJA ALCANÇADO
DEIXE AS DROGAS, A BEBIDA.
OS PRAZERES DO PECADO
FAÇA ISSO SEM DEMORA
POIS ESTAR CHEGANDO A HORA
DE LÁ NO CÉU SER CHAMADO

DEVEMOS ESTAR PREPARADO
PRA QUANDO ESTE DIA CHEGAR
AQUELE QUE NÃO SE PREPARA
PARA TRAZ IRA FICAR
CERTEZA DE UMA COISA EU TENHO
JESUS CRISTO DISSE EU VENHO
QUANDO A CASA PREPARAR

(14)

ACREDITE EM JESUS CRISTO
NÃO SE COMPARE AOS ATEUS
PORQUE O CAIR É DO HOMEM
E O LEVANTAR É DE DEUS
HINOS DE LOUVOR CANTEMOS
É QUE SÓ ASSIM SEREMOS
FELIZES VOCÊ E EU

PRA VOCÊ COMPREENDER
O QUE EU ESTOU A LÊ FALAR
DOBRE AGORA O SEU JOELHO
COMECE LOGO A ORAR
E PEÇA QUE O BOM JESUS
NOS MANDE BASTANTE LUZ
PARA A VIDA MELHORAR

FINALIZO ESTE CORDEL
COM MAIOR SATISFAÇÃO
ESPERO QUE VOCÊS ENTENDAM
A MINHA COLOCAÇÃO
SALVAÇÃO NUM É PRA QUEM QUER
É PRA QUEM REALMENTE É
DESCENDENTE DE ADÃO

FICA AQUI O MEU RECADO
DO CORDEL FICA A LIÇÃO
LEMBRE DESTES RECADINHOS
MINHA IRMÃ E MEU IRMÃO
DEUS ME MANDOU LHE DIZER
FAÇA ISSO E VAI VIVER
LÁ NA CASA DE ABRAÃO